

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



GRUPO ANVERSO/REVERSO

Uma referência na medalhística contemporânea

Rita Margarida Abrantes Dias

Dissertação

Mestrado em Escultura

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor José S. Teixeira

2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Rita Margarida Abrantes Dias, declaro que a presente dissertação de mestrado intitulada “GRUPO *ANVERSO/REVERSO*, Uma referência na medalhística contemporânea”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato,

Lisboa, 31 de Outubro de 2024

RESUMO

A medalha portuguesa, ao longo das últimas décadas, transcendeu a sua função meramente comemorativa para florescer como uma verdadeira linguagem artística complexa e multifacetada. Profundamente marcada pela busca incessante, pela experimentação e dinamismo, a medalha ganha uma nova vida, no panorama internacional.

É neste contexto que emerge o Grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*. Desde a sua formação, tem sido uma força propulsora da medalhística, trazendo novas abordagens formais e conceptuais que redefinem a medalha como objeto artístico, onde tradição e inovação se encontram, preservando e expandindo a arte da medalha.

Esta dissertação “mergulha” nas intersecções entre os aspetos técnicos e conceptuais, explorando a experimentação e o diálogo com outras disciplinas artísticas, assim como a reconfiguração da dinâmica entre obra e espectador, no âmbito da medalha enquanto objeto artístico inscrito numa perspetiva crítica contemporânea.

Num olhar atento, descritivo e crítico, às obras analisadas, no contexto de uma prática artística que se libertou de limitações técnicas e conceptuais, exploramos como através destes processos, presentes nas criações dos membros do *Anverso/Reverso*, alcançam o ambicioso desígnio do grupo de *fazer o que nunca foi feito*.

As conclusões revelam o contributo de estruturas e organizações, mas sobretudo, destes autores para a promoção e desenvolvimento da medalha contemporânea, sugerindo futuras linhas de investigação. Realçamos ainda a necessidade de um maior reconhecimento e valorização da medalha, como expressão artística reforçando o seu contributo para o cenário artístico nacional e internacional.

Palavras-Chave:

Grupo Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea; Teoria da medalha; Inovação; Tecnologia; Encomenda pública/Poética de autor.

ABSTRACT

Over the past few decades, the Portuguese medal, has transcended its merely commemorative function to blossom as a true complex and multifaceted artistic language. Deeply marked by the relentless pursuit of experimentation and dynamism, the medal gains new life on the international stage.

It is in this context that the *Anverso/Reverso-Contemporary Medal* Group emerges. Since its formation, it has been a driving force in medallic art, bringing forth new formal and conceptual approaches that redefine the medal as an artistic object, where tradition and innovation intersect, preserving and expanding the art of the medal.

This dissertation "dives" into the intersections between technical and conceptual aspects, exploring experimentation and the dialogue with other artistic disciplines, as well as the reconfiguration of the dynamics between the work and the viewer, within the framework of the medal as an artistic object inscribed in a contemporary critical perspective.

With a keen, descriptive, and critical look on the analysed works, within the context of an artistic practice that has freed itself from technical and conceptual limitations, we explore how these processes, present in the creations of the Anverso/Reverso members, achieve the ambitious design of *doing what has never been done*.

The conclusions reveal the contribution of structures and organizations, but above all, these authors to the promotion and development of contemporary medals, suggesting future lines of inquiry. We also emphasize the need for greater recognition and appreciation of the medal as an artistic expression, reinforcing its contribution to the national and international artistic landscape.

Keywords:

Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea Group; Medal Theory; Innovation; Technology; Public commissions/Authorial poetics.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos os que tornaram possível a realização desta dissertação.

Ao meu orientador, Prof. Doutor José Teixeira, agradeço profundamente pelo seu acompanhamento metódico e crítico, bem como pela sua notável dedicação, paciência e compreensão. A sua orientação foi crucial para o meu crescimento académico e para a qualidade deste trabalho.

Agradeço também aos membros do Grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*, cuja generosidade em partilhar conhecimentos e experiências enriqueceu esta investigação de forma significativa.

Ao João Bernardo, pela documentação fotográfica, pela prontidão em ajudar e a esclarecer qualquer dúvida.

Aos meus amigos, em especial à Inês, Mariana e Marta, pelo apoio contínuo, encorajamento e por me lembrarem que há vida além da dissertação. Obrigada por tornarem este percurso mais leve e inspirador.

Ao Ricardo, o meu companheiro de todas as horas. Obrigada pelo incentivo, conforto, compreensão e apoio incondicional.

À minha família, pela compreensão, apoio e incentivo constante, nesta e em todas as fases da minha vida, sem eles não teria conseguido chegar até aqui. À avó Teresa e ao avô Aníbal, exemplos de um amor perene. À minha mana, (desde sempre, e cada vez mais) a minha maior inspiração. Aos meus sobrinhos, a nossa luz em dias cinzentos.

Aos meus pais, os meus pilares!

A todos que me proporcionaram tempo e espaço, que aceitaram a minha ausência sem cobrar em troca, obrigada!

Abreviaturas e Acrónimos

BAMS – British Art Medal Society

BEI – Banco Europeu de Investimento

CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

ESBAL – Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

FBAUL – Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

FIDEM – Fédération Internationale de la Médaille d'Art

INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda

UC – Unidade Curricular

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 Para uma definição de Medalha	7
1.1 A FIDEM	13
CAPÍTULO 2 A atividade do grupo <i>Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea</i>	20
CAPÍTULO 3 Os membros do grupo <i>Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea</i>	31
3.1 Hélder Batista (1932-2015)	33
3.1.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de Hélder Batista.....	45
3.2 João Duarte (1952)	49
3.2.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de João Duarte	61
3.3 Vítor Santos (1946).....	65
3.3.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de Vítor Santos	72
3.4 José Simão (1960).....	74
3.4.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de José Simão	82
3.5 José S. Teixeira (1960)	86
3.5.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de José Teixeira	102
3.6 António Canau (1963)	110
3.6.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de António Canau	119
3.7 Maria João Ferreira (1977)	123
3.7.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de Maria João Ferreira	129
3.8 José João Brito (1941)	132
3.8.1 Evocação Iconográfica de algumas obras de José João Brito	140
CONCLUSÃO.....	142
BIBLIOGRAFIA	148
WEBGRAFIA	152
ÍNDICE REMISSIVO DE IMAGENS	156

ANEXOS	162
Anexo I. Entrevistas aos constituintes do Grupo <i>Anverso/Reverso</i>	163
Anexo I.I. João Duarte 05/12/2023	164
Anexo I.II. Vítor Santos 23/09/2024.....	170
Anexo I.III. José Simão 05/12/2023	175
Anexo I.IV. António Canau 07/06/2024	179
Anexo I.V. Maria João Ferreira 14/10/2024	188
Anexo I.VI. José João Brito 06/12/2023	189
Anexo II. Tabela de Participações dos autores do grupo <i>Anverso/Reverso</i> nos Congressos da FIDEM desde a data de fundação do grupo 1992 até à última edição, à data do presente estudo.....	195
Anexo III. Lista de Exposições coletivas do Grupo <i>Anverso/Reverso</i>	196
Anexo IV. Folha de Sala (frente e verso) Exposição Eros (2004)	200

INTRODUÇÃO

A escolha da medalha como tema para esta dissertação surge de uma ligação profunda que se foi construindo ao longo do meu percurso académico e profissional. Durante a licenciatura, o contacto com a medalha despertou-me um interesse especial; este objeto de pequenas dimensões, que descobri ser capaz de expressar ideias complexas e emoções intensas. A experiência no estágio profissional na Imprensa Nacional Casa da Moeda (2022/23) consolidou essa relação, mostrando-me como a medalha, assim como a moeda, transcendem o seu papel importante para se tornarem veículo de narrativa, memória e inovação.

A minha experiência na joalharia, onde o trabalho de detalhe, precisão e a escolha dos materiais são fundamentais, contribuíram para uma visão mais complexa que se sente por estas obras de menor escala. A medalha, é mais do que um objeto ornamental ou comemorativo; é um objeto artístico que se presta à comunicação visual e sensorial, que convida à interação e à contemplação. Cada medalha conta uma história, e é na sua matéria, forma e materiais que encontra a inspiração para explorar e preservar.

Num contexto em que a informação sobre a medalhística contemporânea é escassa, consideramos importante contribuir para a documentação e o reconhecimento deste campo, de modo a valorizar a sua relevância artística e histórica.

Esta dissertação é uma oportunidade de reflexão sobre a evolução da medalha e o seu papel enquanto objeto de expressão criativa. Neste sentido, o Grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* destaca-se pela sua abordagem inovadora e experimental, que tem impulsionado novas direções na medalhística portuguesa, levando-a a um maior reconhecimento.

Consideramos este estudo fundamental, devido à urgência em preservar a história e promover o reconhecimento da medalha contemporânea, uma forma de arte que, apesar de menos divulgada, possui uma relevância artística e histórica inegável. O foco deste trabalho recai sobre os membros do Grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*, cujo contributo tem sido determinante na renovação e dinamização desta arte em Portugal. O crescente interesse suscitado pela medalha portuguesa, em especial pela poética de autor, reflete uma mudança significativa na valorização desta forma de expressão.

Distinguindo-se da medalha tradicional e das realizadas por gravadores, a medalha de autor destaca-se pela sua abordagem conceptual e experimental, permitindo uma liberdade criativa que impulsiona a inovação na medalhística. Além disso, oferece uma alternativa colecionável à escultura, permitindo que apreciadores de arte em pequena escala colecionem medalhas com o mesmo valor artístico.

Através de suas criações, esses artistas exploraram novos caminhos formais e conceptuais, elevando a medalha a uma linguagem artística multifacetada. A sua obra reflete uma liberdade criativa que ultrapassa as barreiras tradicionais, contribuindo para uma nova visão da medalha enquanto objeto de expressão artística.

Tal como afirma José Teixeira no artigo “Contemporary Medals – forms and artistic theory”, as artes plásticas, incluindo a medalhística, são manifestações de sensibilidade e pensamento materializadas em suportes bidimensionais ou tridimensionais. No entanto, ao contrário da pintura ou da escultura, a medalha continua a carregar o preconceito de ser vista como uma arte menor, muitas vezes considerada mais “produto de artesanato do que portadora de pensamento estético socialmente empenhado e interveniente” (Teixeira, 2003a, p. 81)¹. Em consonância com esta visão, é evidente que a medalha, quando comparada com outras disciplinas artísticas, continua a ser menos explorada. Por isso, torna-se crucial investigar e escrever sobre este campo, como forma de garantir que a medalha receba o reconhecimento e a visibilidade que merece, assegurando a sua relevância histórica e artística em Portugal. Com esta investigação, espera-se poder contribuir para a valorização e entendimento da medalha contemporânea.

Apesar das publicações existentes, há ainda muito por fazer no estudo da medalhística portuguesa. Esta dissertação, ao focar-se num grupo de autores nacionais, pretende incentivar o estudo da medalha nacional e valorizar a importância de entidades como a *Fédération Internationale de la Médaille d'Art* (FIDEM), cujo arquivo, preservado na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, tem sido fundamental pois oferece um potencial estudo sobre a divulgação da medalha.

A medalhística possui uma longa e rica tradição, que remonta ao período renascentista, quando a criação de medalhas começou a ganhar relevância como forma de celebrar eventos importantes e figuras ilustres. Tradicionalmente, as medalhas estavam

¹ Este artigo pode encontrar-se numa versão traduzida no site *O Portal dos Escultores* in: <https://www.escultor.com.pt/joseteixeira.htm>

associadas a registos comemorativos, muitas vezes encomendadas por instituições religiosas, políticas e militares, e eram vistas como símbolos de poder.

Ao longo dos séculos, o papel da medalha evoluiu, refletindo as mudanças culturais e sociais de cada época. Com o advento da modernidade no século XX, a medalha começou a distanciar-se dos temas somente comemorativos e a explorar as *poéticas de autor*. Influenciada pelos movimentos modernistas, a medalha contemporânea autonomizou-se de modo a acompanhar as vanguardas de outras expressões artísticas, sobre as quais existe uma vasta e profunda produção teórica. Tornando-se deste modo um meio para a experimentação formal e conceptual. O século XX foi então marcado por uma diversificação de técnicas e materiais, com muitos artistas questionando os limites do meio e introduzindo novas abordagens.

Momentos-chave na história da medalha incluem a fundação da FIDEM, que desempenhou um papel fundamental no incentivo à produção e divulgação da medalhística internacional. Através dos congressos internacionais, a FIDEM estimula a criação artística e a reflexão acerca da medalhística contemporânea. O grupo *Anverso/Reverso* aproveita esta oportunidade como um estímulo para a criação de projetos específicos. Como recorda José Teixeira, em conversa, muitas vezes os membros do grupo aproveitam para combinar temas e abordagens comuns, para desenvolverem individualmente e terem coerência quando apresentadas em grupo.

A medalhística contemporânea, apesar de constituir uma prática com um longo percurso histórico, ainda carece de visibilidade e de investigação teórica aprofundada, especialmente no que diz respeito a tratamento crítico de documentação. É fundamental garantir que a medalha não fique relegada a uma posição secundária, mas que seja reconhecida como uma arte maior, acompanhando as outras áreas artísticas. Para isso, é necessário preservar e promover a sua dimensão artística, destacando a sua relevância cultural e histórica. Salvaguardar a medalha implica valorizá-la como um objeto de arte em si, promovendo o seu estudo, produção e divulgação, para que continue a evoluir e a afirmar-se no panorama artístico contemporâneo.

A informação sobre medalhística encontra-se maioritariamente disponível em publicações, catálogos analógicos e digitais e em documentos ligados a congressos e eventos especializados. Apesar de ser um recurso muito orientado para a esfera internacional, uma das principais fontes de informação são os catálogos dos Congressos

da FIDEM, publicados após cada encontro, contêm uma lista de todos os participantes e das suas obras em exposição assim como algumas imagens das mesmas. A par disso é publicada a revista *Médailles* com as atas das palestras pronunciadas em congresso, em forma de artigo científico que ajudam a traçar um panorama global do campo.

Para além destes recursos, temos ainda outras duas revistas, uma internacional e uma nacional, que oferecem uma visão atualizada sobre as práticas da medalhística e numismática. São elas a revista *The Medal* e a revista *A Moeda*, respetivamente.

Encontramos ainda os catálogos do grupo *Anverso/Reverso*, alguns em formato digital outros, escassos, em formato analógico, que concentram informações sobre o grupo, os seus membros e as suas obras.

Em termos de publicações nacionais, encontramos obras com extrema relevância no que diz respeito ao percurso de artistas específicos. Exemplos disso são *Metanarrativa: Feci, quod, potui (medalha, moeda & objetos)*, de José Teixeira, e *João Duarte 30 Anos - Medalhas e Moedas*, de João Duarte. Estes livros oferecem uma visão aprofundada sobre os trabalhos e as trajetórias de dois artistas medalhistas portugueses.

No campo académico, várias dissertações têm contribuído significativamente para o desenvolvimento teórico da medalhística. Entre elas, destaca-se “Do objeto medalha à medalha-objeto - Famílias, sequências e retrocessos” (Pereira, 2011), que investiga a evolução formal das medalhas contemporâneas, questionando as suas novas definições. “Novas atitudes na medalha contemporânea portuguesa: desvios e convergências” (Ferreira, 2008), que analisa as inovações e desafios da medalhística em Portugal, contextualizando-a no panorama das artes plásticas. Também é relevante “Conservação de medalhas contemporâneas: estratégias de acondicionamento” (Neves, 2019), que se debruça sobre as melhores práticas para a preservação dessas obras, garantindo a sua integridade. Por fim, “João Duarte: entre monumento, troféu e medalha 1980-2010” (Maciel, 2011), de Hugo Maciel, oferece uma análise do percurso deste artista, destacando a intersecção entre a sua produção de monumentos, troféus e medalhas, e sua contribuição para a medalhística contemporânea.

A presente dissertação visa explorar o desenvolvimento da medalhística contemporânea em Portugal, com foco na contribuição dos artistas do Grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*. O objetivo principal é compreender a

importância cultural e artística das medalhas portuguesas, destacando a sua relevância internacional no espectro mais amplo das artes visuais.

Para alcançar esse objetivo, a investigação propõe uma análise aprofundada da contribuição dos artistas, avaliando como os membros do grupo influenciam e revitalizam a medalhística em Portugal, por meio da experimentação de novas técnicas, materiais e conceitos. Além disso, focando-se sempre na obra dos membros do grupo *Anverso/Reverso*, pretende-se analisar os aspetos processuais e metodológicos, os conceitos estéticos assim como as características inovadoras dos seus trabalhos. Um estudo onde se abordam medalhas de *encomenda pública e poética de autor*, evidenciando a liberdade criativa que caracteriza a produção contemporânea e as implicações dessa possibilidade no campo da medalhística.

Outro objetivo relevante é contribuir para a documentação da medalhística portuguesa. Assim, as questões de investigação que guiarão esta dissertação incluem: como os artistas contemporâneos reinterpretam as tradições medalhísticas e quais são as suas motivações criativas? Quais são os novos significados atribuídos às medalhas na contemporaneidade? E, por fim, de que forma o grupo *Anverso/Reverso* contribui para estas questões?

Embora inicialmente não fosse este o caminho esperado para a investigação, o foco desta dissertação sofreu uma significativa reorientação ao longo do processo. O objetivo inicial passava por explorar a Participação Portuguesa nos Congressos da FIDEM, para o qual foram analisados catálogos desde 1990 até à atualidade, desenvolvendo um trabalho de catalogação específico sobre a participação portuguesa. Contudo, durante essa análise, ficou evidente que o tema comportava uma quantidade substancial de informação. Para ser devidamente investigado, tal assunto exigiria um aprofundamento que ultrapassaria os limites de uma dissertação de mestrado, porventura mais adequado a uma tese de doutoramento. Com base nessa percepção, a investigação tomou outro rumo, focando-se agora num único grupo de artistas que se destaca tanto no panorama nacional quanto internacional. Assim, nasceu a proposta de explorar o trabalho do grupo *Anverso/Reverso*.

Esta investigação seguiu um processo estruturado, com várias etapas chave, que visou uma análise detalhada da medalhística contemporânea portuguesa, com especial enfoque no grupo *Anverso/Reverso*.

Começaram por se reunir as fontes bibliográficas e gráficas, posteriormente, foi realizada a leitura crítica, análise e sistematização das informações recolhidas.

Para complementar a pesquisa documental, foram realizadas conversas individuais² com os autores membros do grupo *Anverso/Reverso*. Estes diálogos proporcionaram uma visão privilegiada sobre a história do grupo, os processos criativos, as motivações pessoais e as interpretações dos próprios artistas, enriquecendo a compreensão das obras posteriormente selecionadas.

A organização da escolha das obras foi uma etapa essencial, que envolveu uma seleção criteriosa das medalhas que melhor representassem a diversidade e a inovação do grupo *Anverso/Reverso*. A escolha teve em conta as obras que melhor e mais amplamente caracterizam o percurso dos autores, tentando evidenciar diferentes fases, processos, morfologias e materiais.

Finalmente, foi conduzida uma análise descritiva, interpretativa e crítica das obras. A análise descritiva concentrou-se nas características visuais, morfológicas e técnicas das medalhas, enquanto a análise interpretativa e crítica explorou aspetos conceptuais e artísticos, permitindo, assim, apreciar as obras dentro do panorama da medalhística contemporânea.

A dissertação organiza-se em capítulos que desenvolvem uma argumentação lógica e progressiva. O Capítulo 1, que aborda a definição de medalha e a relevância da FIDEM. No Capítulo 2, será analisada a atividade do Grupo *Anverso/Reverso*, focando na sua abordagem inovadora à medalhística contemporânea. O Capítulo 3 detalha a biografia e a obra dos membros do grupo, com subcapítulos dedicados a artistas específicos, como Hélder Batista, João Duarte, Vítor Santos, José Simão, José S. Teixeira, António Canau, Maria João Ferreira e José João Brito. A dissertação encerra com uma reflexão sobre as implicações da pesquisa e sugestões para futuras investigações, destacando a importância de estimular novas abordagens e diálogos na área da medalhística contemporânea.

² Pode encontrar esta informação no Anexo I. pp. 163-196.

CAPÍTULO 1 | Para uma definição de Medalha

A presença do Homem na terra é hoje percebida pelos sinais que deixou construídos em diversos materiais, que com o avanço tecnológico modificou as técnicas herdadas e criou outras para a fixação de novos sinais, que são divulgados como motivos inéditos de sabedoria. Alguns desses sinais são grandes, capazes de cobrir montanhas; outros são de pequena dimensão, o que por vezes obrigará a usar uma lente para os ver.

(Batista, s.d.)

O conceito de medalha tem sido, historicamente, cuidadosamente delimitado, com o objetivo de preservar a sua identidade em relação a outros objetos artísticos de pequenas dimensões. Desde aquela que se considera ser a primeira medalha (Fig.1), criada por *Pisanello* a propósito visita³ do imperador bizantino *João VIII Paleólogo* (1392-1448) (Pereira, 2011, pp. 51, 52) a Ferrara, em 1438, que a medalha estabelece uma conexão simbólica entre poder, memória e arte. Tal como refere *Andreia Pereira* na sua dissertação de mestrado, “o modelo criado por *Pisanello*, sem qualquer valor monetário, apresentava-se essencialmente comemorativo, (...) na sua missão de preservar a memória dos homens e da vida contemporânea, destacando um feito delimitado no espaço e no tempo, *Pisanello* recuperou a técnica da fundição a partir de um molde de cera para a reprodução dos seus modelos, processo que alcançou um sucesso imediato, influenciando a ação de muitos outros artistas da Renascença.” (Pereira, 2011, p. 52).



Figura 1. Pisanello (Antonio Pisano) "João VIII Paleólogo (1392-1448)" Liga de cobre, Ø 10 cm, estampada (1438). encontra-se no Münzkabinett, Staatliche Museen, Berlin. Fonte: <https://www.wga.hu/frames-e.html?/html/p/pisanello/2medals/palaeol.html>.

³ A visita do imperador bizantino *João VIII Paleólogo* (1392-1448) a Ferrara, em 1438, a propósito da sua participação no congresso ecuménico das igrejas grega e latina (The MET, s.d.).

Inspiradas nas moedas romanas, que traziam retratos de governantes no anverso e representações alegóricas no reverso, as medalhas inicialmente desempenhavam um papel comemorativo, celebrando figuras ou eventos de grande relevância.

Para compreendermos a definição de medalha contemporânea e as características que a distinguem, é essencial primeiramente definir e entender o objeto principal de estudo: a medalha.

Mais do que um objeto de expressão artística, a medalha é, tal como refere Hélder Batista "um espaço de comunicação codificado" (Batista, 2004), um objeto com potencial para expressar muito além do seu caráter comemorativo ou decorativo. O autor destaca ainda que a medalha é "um sinal de cultura, capaz de reunir em seu torno os homens de modo a uni-los, para a validade e compreensão da sua existência." (Batista, s.d.), sublinhando a sua função enquanto veículo de significados que atravessam o tempo e as culturas, transcendendo a mera representação física.

A medalha é, por definição, um objeto artístico de pequenas dimensões, com um caráter simbólico que carrega consigo um valor comemorativo, honorífico ou documental. Tradicionalmente, apresenta-se sob a forma de discos de metal esculpidos, cunhados ou fundidos, com um anverso e um reverso, cada um apresentando representações iconográficas específicas. Embora partilhe características com as moedas, a medalha distingue-se por não possuir função monetária, sendo antes um objeto de representação, preservando e transmitindo a memória de indivíduos, eventos ou ideais (Batista, 2004).

A medalha não deveria ser confundida na sua espacialidade com a mais radical escultura/instalação. A medalha deixará de o ser, se atingir escalas monumentais; na ausência do anverso e reverso, correrá o risco de se tomar plaquete, medalhão ou ornamento arquitetónico.

(Batista, 2004)

Como forma de arte plástica, a medalha pode ser definida como um objeto intimista, de pequenas dimensões, que cabe na palma da mão (Teixeira, 2003a, p. 81). Tal como diz José Teixeira "Quanto à configuração desse território comunicacional poderíamos circunscrevê-lo em duas principais tipologias, uma que decorre de uma prévia estrutura geométrica elementar, vulgarmente de face circular, quadrada, retangular (figuras geométricas simples) e outra de perímetro formal sinuoso, não regrável ou

irregular” (Teixeira, 2003a, p. 81). As suas superfícies geralmente integram elementos modelados em alto ou baixo-relevo, e uma legenda.

A medalha contemporânea deve ser vista como um meio de experimentação artística, em constante desenvolvimento. Apesar de manter as suas características tradicionais, como as pequenas dimensões e o caráter simbólico, hoje a medalha transcende o formato clássico e a função meramente comemorativa. A utilização de novos materiais, formas e abordagens conceptuais expande o seu campo de atuação, permitindo que esta arte se adapte e dialogue com as transformações culturais e sociais. Assim, mais do que um artefacto histórico, a medalha pode ser vista como um objeto de exploração artística pessoal, refletindo as inquietações do artista e do seu tempo.

Historicamente, no contexto clássico, a medalha alinha-se à estética da representação e da mimese (Teixeira, 2008, pp. 17-19). O seu valor reside na capacidade de representar figuras históricas ou eventos de maneira retiniana, utilizando técnicas de fundição e cunhagem que garantem perenidade na expressão artística. Esta fase da medalhística está profundamente ligada à ideia de homenagem e documentação visual, onde cada medalha é um testemunho da cultura e história de uma época.

Com a “chegada” do modernismo, a medalha começa a desvincular-se das tradições anteriores. Surge um novo paradigma, no qual a medalha se torna um espaço de exploração estética e técnica (Teixeira, 2008, pp. 20-24). Este período reflete o desenvolvimento do mundo tecnológico e industrial, trazendo novas possibilidades materiais e conceptuais. A medalha deixa de ser apenas um objeto comemorativo, passando também a materializar ideias e sentimentos, transformando-se num meio de expressão individual e coletiva.

No pós-modernismo, a medalha assume uma dimensão comunicativa inovadora (Teixeira, 2008, pp. 25-28). A conceptualidade torna-se central, permitindo que a obra dialogue com o espectador de maneiras inéditas. Neste contexto, o material utilizado torna-se secundário; o foco recai sobre a ideia que a medalha representa e a experiência que proporciona. Essa fluidez no uso de materiais e técnicas reflete um movimento onde a diversidade é celebrada, e a expressão artística é constantemente redefinida.

A medalha contemporânea reflete uma confluência entre várias disciplinas artísticas, particularmente a escultura e a joalheria, onde a exploração de formas tridimensionais e o trabalho com materiais não convencionais têm promovido um diálogo

interdisciplinar. A medalha, assim, torna-se não apenas um objeto autônomo, mas também uma extensão de práticas que incluem o design e a modelação de objetos de pequenas dimensões.

A transição da medalha tradicional para a contemporânea reflete uma inconformidade com as restrições convencionais que limitavam a criatividade dos artistas. Tradicionalmente, as medalhas eram maioritariamente criadas sob encomenda, restringindo o autor a desenvolver o seu trabalho sob formatos e funções pré-definidos. Este enquadramento reduzia a importância da medalhística, muitas vezes não reconhecida, por completo, como expressão artística. Ao mesmo tempo que, a multiplicidade serial, que permite a reprodução e disseminação das medalhas, distingue-as da escultura tradicional e sublinha o potencial inovador desta forma de arte.

Como reflete Hélder Batista, “A medalha, enquanto múltiplo, encontra finalmente o gosto de um colecionismo refinado e culto, que não ambiciona possuir as grandes obras de escultura, mas que assim escolhe e ama as obras de pequena dimensão, que podem ser colocadas, também em vasto número, num ambiente intimista e de modo a ser plenamente usufruído” (Batista, s.d.). Contudo, como refere Marques Pinto (1971), citado por Andreia Pereira (Pereira, 2011, pp. 32-33), a medalha contemporânea enfrenta desafios no que respeita ao mercantilismo e colecionismo, que muitas vezes prejudicam a sua legitimação estética. O aumento da procura no mercado pode levar à produção de medalhas consideradas “artisticamente medíocres”, frequentemente criadas por autores sem a formação adequada ou a sensibilidade artística necessária. Este fenómeno tem o potencial de diluir a qualidade do meio, colocando em risco o reconhecimento da medalha como uma expressão artística plena. Assim, o desafio reside na capacidade de manter a integridade e o rigor artístico da medalhística contemporânea, preservando o seu valor simbólico e cultural.

A massificação da medalha, como menciona José Teixeira (Teixeira, 2005, p. 50), ressalta uma tensão importante entre acessibilidade e qualidade artística. Embora a produção em massa torne a medalha mais disponível, a sua essência como forma de arte pode ficar comprometida. A medalha, como obra de arte, não deve ser vista apenas como um objeto comercial, mas sim como uma forma de expressão criativa. Desta forma, é importante preservar valor artístico da medalha, algo que só o artista, com o seu conhecimento e sensibilidade, pode garantir.

O desenvolvimento das técnicas mecânicas de reprodução trouxe consequências tanto em termos de quantidade como de qualidade. Relativamente à quantidade, a crescente facilidade de reprodução permitiu poupar tempo, dinheiro e aumentar a produção, o que também contribuiu para tornar o produto um bem de consumo popular. No que diz respeito à qualidade, o aumento da produção, juntamente com o consumo em massa, contrasta paradoxalmente com o esmorecimento da medalha. As consequências podem ser medidas através do ato arbitrário de produzir e do resultado da alienação, que ocorre na imagem da medalha, especialmente em circuitos onde o seu valor comercial é supervalorizado em detrimento do seu lado estético. A dimensão deste impacto pode ser avaliada, por exemplo, pela avalanche de encomendas feitas diretamente às oficinas de estampagem. Os consumidores, que em geral não são muito exigentes, entregam a obra artística a artesãos, esquecendo que, embora estas pessoas sejam capazes e tecnicamente competentes, não possuem uma formação estética e artística, nem a habilidade conceptual ou sentido crítico.⁴

(Teixeira, 2005, p. 50)

Desta maneira, a medalha contemporânea emerge como um campo de investigação artístico autónomo, permitindo uma maior liberdade criativa e a exploração de novos territórios semânticos e tecnológicos. Este movimento reflete a busca dos artistas por inovar e expandir os limites da medalhística, transformando-a num objeto de pensamento plástico e intervenção cultural.

Além disso, a medalha contemporânea desafia a barreira das três dimensões, muitas vezes adotando formas livres que rompem com a tradicional estrutura bidimensional. Esta liberdade de explorar a tridimensionalidade permite aos artistas criar obras que interagem com o espaço de maneiras inovadoras.

Nas décadas de 60 e 70, o panorama artístico passou por transformações profundas, impulsionado por movimentos inovadores que desafiaram as convenções tradicionais. A Arte Conceptual, emergindo como uma das mais influentes da era pós-moderna, deu primazia às ideias e conceitos por trás das obras, sobrepondo-se à execução material.

Esta abordagem revolucionária teve um impacto significativo em várias áreas criativas, incluindo a medalhística. Tradicionalmente valorizadas pelo seu detalhe e precisão estética, as medalhas começaram, sob a influência da Arte Conceptual, a focar-se mais no conceito e na mensagem. Embora o pensamento conceptual ganhasse maior destaque a partir dos anos 60, isso não implicou o abandono do cuidado na elaboração

⁴ Tradução livre.

formal, que se manteve, agora complementado por uma dimensão reflexiva e crítica, desafiando o espectador a pensar para além do objeto físico.

Ao mesmo tempo, em Portugal, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por um período artístico de grande tensão, num país que vivia sob censura e repressão. Neste ambiente a expressão artística e criativa era limitada pela censura, mas, paradoxalmente, surgia uma crescente vontade de rutura no meio entre artístico. Estes procuravam libertar-se das imposições e explorar novas abordagens, desafiando as tradições estabelecidas e abrindo caminho para uma nova fase de experimentação artística.

Assim, apesar do isolamento do resto da Europa e do mundo, os movimentos vanguardistas começaram lentamente a penetrar em Portugal ao longo destas décadas. Esta difusão ocorreu através de galerias de arte privadas, do contacto com artistas nacionais que estudaram no estrangeiro — muitas vezes com bolsas de instituições privadas — e do crescimento de publicações dedicadas à arte e atividade crítica.

Também na medalhística se fez sentir a necessidade de novas expressões artísticas, ainda que o movimento da Arte Conceptual não estivesse oficialmente estabelecido em Portugal. Autores como Alípio Pinto, Fernando Conduto, Charters de Almeida, e outros da mesma geração desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da arte em Portugal, estando na vanguarda da medalhística contemporânea e contribuindo para a sua renovação e expansão conceptual

O futuro da medalha contemporânea apresenta-se como um campo de possibilidades onde a inovação técnica e a exploração conceptual continuarão a desempenhar papéis centrais. À medida que os artistas expandem as fronteiras da medalhística, integrando novos materiais e técnicas, como a impressão 3D e o uso de materiais sustentáveis, a medalha pode tornar-se ainda mais dinâmica e diversificada. Paralelamente, a preservação da sua história e tradição continua a ser fundamental, para garantir que a medalha mantenha o seu valor enquanto testemunho estético e artístico representativo de um determinado momento. O diálogo constante entre passado e futuro permite que a medalhística se renove, preservando a sua identidade enquanto se adapta aos desafios contemporâneos. Esta fusão entre inovação e memória histórica coloca a medalha contemporânea num lugar de destaque dentro das artes, com a promessa de continuar a surpreender e inspirar, tanto no plano conceptual como no sensorial.

1.1| A FIDEM

Ao longo dos anos, a Federação Internacional de Editores de Medalhas (FIDEM) tem desempenhado um papel fundamental na promoção e divulgação da arte medalhística a nível global. Através dos seus congressos e iniciativas associadas, a FIDEM tem incentivado novos artistas a explorar este meio, garantindo que a criação de medalhas evolua em consonância com as mudanças sociais e intelectuais. Além disso, a FIDEM tem sido uma plataforma essencial de partilha de conhecimentos e experiências entre artistas e entusiastas, fortalecendo a comunidade medalhística e assegurando a contínua inovação e apreciação desta forma de arte.

Em 1937 ocorreu o primeiro congresso Internacional de Medalhística, organizado por um grupo de editores de medalhas, liderado por M. Arthus-Bertrand. Deste colóquio resulta a criação da FIDEM, *Fédération Internationale des Éditeurs de Médailles* (Federação Internacional de Editores de Medalhas), proposta por M. Fisch. (Ferreira A. S., 2011, p.67)

Fundada a 8 de Outubro de 1937 sob a salvaguarda da exposição internacional de Paris – “Arts et Techniques”, a FIDEM teve como objetivos promover, divulgar e garantir o reconhecimento da arte da medalhística a nível internacional, de modo a assegurar o seu lugar no meio de outras artes e tecnologias artísticas (FIDEM, 1938, p. 2). Um ano mais tarde nascia a revista *Médailles*, publicada após cada edição da FIDEM, servindo como um meio de divulgação da exposição, comunicações e informações debatidas em cada congresso. A importância e reconhecimento dado a Portugal pela FIDEM, não se destaca só em relação aos autores, mas também às instituições colaborantes, como é o caso da Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) que, a partir da edição de 2008, referente ao Congresso XXX da FIDEM, em Colorado Springs 2007, até à data, passou a ser a entidade responsável pela impressão da revista *Médailles*. Para além desta revista, os membros da *Fédération* podem também ter acesso à revista *The Medal*, que teve a primeira edição no ano de 1982 (The University of Edingburgh, s.d.), publicada duas vezes ao ano pela associação BAMS -*British Art Medal Society* em parceria com a FIDEM (Attwood, s.d.).

A partir do terceiro simpósio em 1949 em Paris, França, a realização dos congressos passa a ser de dois em dois anos, regularizando do carácter dos colóquios e incentivando o desenvolvimento desta arte.

A FIDEM conta com a presença de mais de 40 países por todo o mundo, cada um destes países reúne uma delegação representada por um delegado e um vice delegado, cuja função passa também por manter um contacto regular entre a instituição e os artistas membros da FIDEM.

O primeiro registo de uma delegação portuguesa na FIDEM aparece na edição de 1977 da revista *Médailles* relativa ao Congresso XVII em Budapeste, Hungria⁵ (FIDEM, 1977, p. 3). Desde 1979 até ao ano 2000 o membro delegado representante de Portugal foi o Dr. Carlos Batista da Silva⁶, secretário do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, a partir de 2002 até 2014 a delegada portuguesa passou a ser a Dra. Maria Rosa Figueiredo, conservadora da Fundação Calouste Gulbenkian, seguida pela Dra. Maria João Gaiato, colaboradora da Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), de 2016 a 2020. À data do presente trabalho a delegação portuguesa é representada por João Bernardo dos Santos, que iniciou o seu papel como delegado no ano de 2023, e o vice delegado André Afonso que sucedeu, no mesmo “mandato”, a Maria João Ferreira (FIDEM, s.d.).

A representação de João Bernardos dos Santos na delegação portuguesa da FIDEM é um “caso prático” da importância do grupo *Anverso/Reverso* na influência do ensino da medalhística e da passagem de testemunho entre professores e alunos da faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Uma vez que o interesse do atual delegado pela área surgiu do contacto em sala de aula com os professores da disciplina de medalhística, à época, Andreia Pereira como professora assistente e José Teixeira como professor regente, e sendo este último membro do grupo *Anverso/Reverso*.

Para além da presença portuguesa ativa e constante nos congressos internacionais de medalhística, também se verifica uma participação atuante no próprio comité executivo da Federação. Veja-se, atualmente, a representação de Maria Rosa Figueiredo

⁵ Na lista dos membros delegados do ano 1977, Portugal aparece representado por “M. da Silva” (FIDEM, 1977, p. 1).

⁶ Dr. Carlos Batista da Silva foi eleito presidente da FIDEM em 2000 no congresso XXVII em Weimar, e exerceu a sua atividade até 2007 Congresso XXX Colorado Springs. (FIDEM, 2008, pp. 24-25)

como uma das Vice-presidentes e Ana Pereira, gerente comercial na Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), como tesoureira do comité executivo da FIDEM.

⁷No entanto, assim como esclarece Andreia Ferreira no trabalho acima referido, a primeira representação portuguesa nos Congressos da FIDEM surge na realidade, “logo no III Congresso, realizado em Paris em 1949” (Ferreira A. S., 2011, p.69). Participaram nesta edição treze medalhas da autoria dos artistas Álvaro de Brée, Francisco Franco, João da Silva, Marcelino Norte de Almeida e Raul Xavier.⁸

Os congressos internacionais da FIDEM, realizados bienalmente, são recebidos por um país diferente a cada edição. Portugal já organizou duas edições, o *XVIII Congresso* no ano de 1979 em Lisboa (FIDEM, 1984) e o *XXIX Congresso* no ano de 2004 no Seixal (FIDEM, 2005)

A organização da exposição de 1979 ficou a cargo da Imprensa Nacional Casa da Moeda, que se juntou em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, “para apoio nos encargos associados ao evento” (Brito J. , 2017) incluindo a cedência das instalações da Fundação para execução do congresso e respetiva exposição. Foram expostas um total de 1600 medalhas, da autoria de artistas partilhadas entre os 40 países representados⁹. Para representar Portugal foram escolhidos 66 artistas, com a intenção de, a partir deste leque variado, se conseguir demonstrar o importante trabalho desempenhado pelos portugueses a nível da inovação técnica, formal e estética.

⁷ Existem diversas informações, não consensuais, acerca da primeira presença de Portugal nos Congressos. Tal como Andreia Ferreira (membro do grupo Anverso Reverso – Medalha Contemporânea) (Ferreira A. S., 2011, p. 69) frisa na sua dissertação de mestrado, Carlos Batista da Silva (“(...) nas duas últimas dezenas de anos tem a medalha portuguesa aparecido em exposições organizadas (...) nos diversos países onde têm decorrido os Congressos da F.I.D.E.M. (...) Assim foi na Alemanha, em 1971, em Helsínquia no ano de 1973, e em Cracóvia (1975), Budapeste (1977), Lisboa (1979) (...)”) (Silva C. B., 1991, p. 15) e Maria João Ferreira (“A primeira vez que artistas portugueses participaram activamente num congresso da FIDEM, foi em Colónia (Alemanha), em 1971.”) (Ferreira M. J., 2008, p.109) destacam o congresso de “1971” (Colónia, Alemanha) como o primeiro ano em que “artistas portugueses participação ativamente num congresso da FIDEM” (Ferreira M. J., 2008, p. 109), ao passo que João Duarte (“(...) em 1975 (...) é também pela primeira vez que uma representação portuguesa (...) esteve presente num congresso da FIDEM, o XVI que decorreu em Colónia na Alemanha.”) (Duarte, 2003) refere 1975 como o primeiro ano de representação portuguesa. (João Duarte menciona erroneamente Colónia, Alemanha como a localização do XVI congresso, de 1975, tendo este ocorrido em Cracóvia, Polónia.). Mais recentemente, Maria João Gaiato (Gaiato, 2016, p. 298), situa a primeira participação portuguesa à data de 1973.

⁸ O artista Francisco Franco encontra-se representado no catálogo com a medalha *XVI Congresso Internacional de História de Arte*, (FIDEM, 1949, p. 46).

⁹ “No *XVIII Congresso*, de 1979, participaram representantes de 40 países, entre os quais Austrália, Áustria, Bélgica, Bulgária, Canadá, Checoslováquia, Coreia do Sul, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Itália, Japão, Jugoslávia, Malta, Nova Zelândia, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Federal da Alemanha, Roménia, São Marino, Suécia, Suíça, e ainda organismos de expressão internacional como a UNESCO e a FAO.” (Brito, 2017)

Vinte e cinco anos depois Portugal volta a receber a *Exposição Internacional da Medalha* e o *XXIX Congresso* em Outubro de 2004, no Município do Seixal, nos antigos refeitórios da Mundet, com o apoio dos membros grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* e da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em específico o Centro de Estudos e Investigação *Volte Face-Medalha Contemporânea*¹⁰ “numa demonstração da excelente articulação entre as duas instituições, visando os objetivos comuns de divulgação e promoção da Medalha Contemporânea.” (Jornal Rostos, 2008).

O congresso de 2004, com o tema *Medalha: que mensagem para o futuro?* contou com a participação de artistas de 33 países, com um total de cerca de 700 medalhas (Jornal Rostos, 2008). Em representação da arte da medalha em Portugal estiveram presentes 49 autores portugueses e entre estes, 101 medalhas expostas.

Ambas as edições contaram com a medalha oficial do congresso realizada por autores portugueses. No primeiro congresso em Portugal a medalha *XVIII Congresso 1979* (Bronze, cunhada, ø 80mm) foi realizada por José Cândido, já no *XXIX Congresso* a medalha *Mão* (Bronze, cunhada, ø 80mm) foi da autoria de Hélder Batista.

A cada congresso são atribuídos diversos prémios aos autores e trabalhos que se destacam em Exposição. Alguns dos prémios são transversais à maioria das diversas edições podendo variar em função dos patrocínios da organização das mesmas.¹¹

O prémio principal é o *FIDEM Grand Prix*¹² onde um júri qualificado é instituído de premiar a medalha e o respetivo autor que melhor respondem aos respetivos critérios. Em 2007, no Congresso XXX em Colorado Springs, EUA, o artista português e membro do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* Hélder Batista, foi o vencedor desse mesmo prémio com a medalha *My song shall sow through the world's every part, 2006* (Fig.11).

*FIDEM at 70*¹³ (FIDEM, s.d.), criado em 2007 a propósito dos 70 anos da FIDEM, é um prémio destinado a todos os membros e instituições. Várias personalidades portuguesas e uma instituição foram vencedoras deste prémio, como é o caso do Dr.

¹⁰ Projeto *Volte Face* — Medalha Contemporânea, criado pelo prof. João Duarte e os seus alunos no ano de 1997/1998, integrado na Cadeira de Medalhística da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

¹¹ Temos o exemplo da edição de 2002 (XXVIII) onde o único prémio atribuído foi o *Grand Prix*.

¹² Prémio instituído em 1992

¹³ “*Between 2007 and 2020, FIDEM has awarded its FIDEM at 70 prize, to people and institutions for their support of the art of the medal. It was created for the celebration of FIDEM's 70th anniversary in 2007 and was selected at a competition which took place in Budapest (Hungary) in 2006.*” (FIDEM, s.d.).

Carlos Baptista da Silva (2007), João Duarte, pelo seu trabalho a promover a medalhística entre os jovens artistas (2010), Inês Ferreira (2014) e por fim o Museu Casa da Moeda (2020)¹⁴.

Existem ainda alguns prémios destinados a artistas com menos de 30 anos, e mais uma vez, também nesta categoria vemos artistas portugueses a destacarem-se. Maria João Ferreira (FIDEM, 2005, p. 6), membro do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*, no Congresso XXIX (2004), ganhou o prémio *Aimo N. K. Viitala prize for young artist under 30 years for the most Creative Cast Medal*, com a medalha “Centenário do Nascimento de Álvaro de Bré” (2003) (bronze, cunhada, ø 80mm). Os autores Hugo Maciel e Catarina Mendes, que receberam o prémio *George Cuhaj Prize*¹⁵ nos anos de 2014 e 2018, respetivamente (FIDEM, s.d.).

Existem ainda prémios como, *Portuguese or British Artist, Portaitte Medal, Prize Best Struck Medal, Prize the Best Patine, Inovation and creativite, Prize Best Cast Medal, The Open Medal Prize, Best medal representing the theme "Portuguese Discoveries"...* Um dos membros do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*, José S. Teixeira¹⁶, recebeu em 2018, a propósito do XXXV Congresso em Ottawa (Canadá), o prémio *BAMS Struck Medal Award*, prémio atribuído à melhor medalha cunhada, pelo seu trabalho *CANTE World Heritage* (2017) (Bronze, cunhada e construída, 10 x 80 x 70 mm) (FBAUL, s.d.).

A *Fédération Internationale des Éditeurs de Médailles* disponibiliza um programa internacional de bolsas para 10 jovens com menos de 30 anos, com o objetivo de promover a medalhística entre o público desta faixa etária. Estas bolsas são promovidas pela Universidade de Bergen (Noruega), com valor até 2000 euros, são atribuídas (após uma análise de portfólio, carta de motivação e curriculum vitae) por um júri constituído pelo Comité Executivo da FIDEM. Aos candidatos selecionados, para além da participação no congresso, é-lhes atribuído um mentor que acompanhará o seu trabalho durante os dois anos seguintes, preparando-o para a próxima edição.

¹⁴ O Museu Casa da Moeda é um museu digital gratuito, com uma grade representatividade a nível de moedas (mais de 36000) e medalhas (mais de 9600) da cultura portuguesa (INCM, s.d.).

¹⁵ Prémio atribuído em 2002 pela primeira vez no Congresso XXVIII em Paris.

¹⁶ Até à data, José Teixeira é docente e coordenador do 3º ciclo-doutoramento do curso de escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Exemplo deste programa de bolsas internacionais patrocinado pela FIDEM é a autora Catarina Mendes¹⁷. Dando destaque à importância da *escola* no acompanhamento e lançamento de novos artistas, a antiga aluna de Escultura da Faculdade de Belas Artes é considerada um exemplo de inovação extremamente pertinente na medalhística portuguesa. Catarina desenvolveu um estudo sobre medalhas interativas (Fig.2) e em detrimento disso fez uma comunicação no congresso XXXV em Ottawa, Canada, e posteriormente uma publicação para a revista *Médailles* de 2018. Estas medalhas “só funcionam quando são tocadas, esse é o componente interativo fundamental dessas peças. Elas possuem um sensor que nos permite completar o circuito elétrico ao tocarmos o metal embutido, tornando-nos o GND, o polo negativo do circuito, (...). Quando largamos a medalha, elas desligam-se”¹⁸ (Mendes, 2018, p. 229).

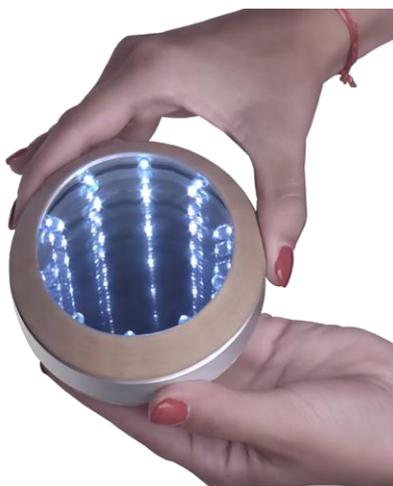


Figura 2. Catarina Mendes "Light Walk Medal" filamento PLA, acrílico, vidro espelhado, aço inox, componentes eletrônicos, 95 x 95 x 45 mm, construção, 2017. Fonte: Mendes, 2018, p.229.

Os membros da FIDEM incluem medalhistas, colecionadores, curadores de museus, galerias de arte e outras organizações relacionadas à medalhística. As Exposições Internacionais permitem aos visitantes e membros participantes, observar a evolução da diversidade criativa da arte da medalha contemporânea. (Silva C. B., 2003, pp. 16-17)

¹⁷ Catarina Mendes foi aluna da licenciatura de Escultura na FBAUL, com laboratório de medalhística. Foi também aluna do mestrado de Escultura na mesma instituição, e estagiária na INCM.

¹⁸ Tradução livre.

A FIDEM desempenha um papel importante na promoção da medalhística como forma de arte contemporânea. Além disso, a organização também se dedica a preservar a história e a tradição da medalhística, incluindo o estudo e a documentação de medalhas antigas e a criação de uma biblioteca de referência de obras relacionadas à medalha. Em Portugal, encontramos na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa um arquivo da FIDEM, onde estão depositados catálogos dos congressos, exemplares das revistas *Médailles* e *The Medal*, documentos referentes à *Fédération*, entre os quais atas dos Congressos, entre outros documentos científicos da área da medalhística. Para além deste arquivo que serve de apoio ao estudo de vários investigadores nacionais e internacionais, a Faculdade de Belas Artes encontra-se a desenvolver aquele que será o acervo de medalhística, com coleções e medalhas doadas por vários autores com impacto na área, e exemplares de medalhas executadas pelos estudantes da Unidade Curricular de medalhística.

Em resumo, a *Fédération Internationale de la Médaille d'Art* é uma organização dedicada à promoção e preservação da arte da medalha. Com a sua ampla rede de membros e sua dedicação à inovação e tradição na medalhística, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e na valorização desta forma de arte.

CAPÍTULO 2 | A atividade do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*

Foi na aula de medalhística que o grupo germinou, pois sempre foi um espaço aberto entre alunos, professores e antigos alunos. “Anverso-Reverso” será uma possibilidade para a ampliação dessa forma de estar.

(Simão, 1996, p. 4)

A ambição de criar um novo espaço de diálogo e discussão sobre a medalha, motivou a iniciativa de dois professores: Hélder Batista¹⁹ e João Duarte²⁰ (que lecionavam, à época, a Unidade Curricular de Medalhística²¹, na Faculdade de Belas Artes de Lisboa) e três dos seus alunos: Vítor Santos²², José Simão²³ e Paula Lourenço, a fundar o grupo *Anverso/Reverso* (Anverso/Reverso, 2017). O grupo forma-se então em 1992, após o XXIII Congresso da FIDEM, (Santos V. , 2021, pp. 70-73) realizado em Londres de 16 a 19 de setembro desse ano. Neste congresso, estiveram presentes Hélder Batista, João Duarte e Vítor Santos, onde discutiram pela primeira vez a constituição do grupo²⁴. Com o início do ano letivo e os almoços no restaurante *O Canteiro*, formalizou-se a constituição do Grupo *Anverso/Reverso*²⁵. No congresso seguinte, realizado em Budapeste em 1994, já o grupo estava representado²⁶. Desde a fundação do grupo até à data do presente estudo a presença da grande maioria dos membros tem sido assídua e constante nos congressos da FIDEM, tal como podemos observar na tabela elaborada a propósito do estudo (Apêndice A).

¹⁹ Escultor e medalhista, para além dos anos de docência em escolas secundárias, foi deste 1962 a 1995 Professor de Escultura e regente da UC de Medalhística na Faculdade de Belas Artes de Lisboa (Batista, s.d.)

²⁰ Escultor e medalhista, foi desde 1995 a 2012 Professor de Escultura, professor assistente de Medalhística e após a reforma de Hélder Batista tornou-se regente da mesma UC na Faculdade de Belas Artes de Lisboa (Duarte, s.d.)

²¹ Foi com a reforma do ensino artístico (1957), na então Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, integrada no curso de escultura, que aparece a disciplina “Tecnologia da Cerâmica e Medalhística”, “onde professores como Martins Correia, Euclides Vaz e Hélder Batista, com o seu esforço participaram num processo de transformação da medalha.” (Vasquez, 2004, p. 1).

²² Para além de escultor e medalhista, foi também professor convidado de ilustração na Faculdade de Belas Artes, sendo o seu percurso destacado na área do design gráfico ligado aos CTT.

²³ Escultor e medalhista, é Professor adjunto e Coordenador do Mestrado em Design de Interiores e Mobiliário na ESART – IPCB. (IPCB, ESART , s.d.)

²⁴ Informação cedida em conversa pessoal com Vítor Santos. Anexo I.II pp. 170-174.

²⁵ Idem

²⁶ Ibidem

As dinâmicas deste grupo promovem a permuta de experiências e o debate dos projetos entre os seus membros, assim como a organização de exposições e colóquios²⁷ com o intuito de desenvolver, divulgar e projetar a medalha contemporânea portuguesa, a instituição (FBAUL) e os seus alunos dentro e fora do país. A par destas abordagens apostou-se na investigação sob a forma de inúmeras comunicações apresentadas, por exemplo, nos diversos congressos da FIDEM em que participaram os membros do grupo. Comunicações estas, posteriormente publicadas na revista *Médailles*, com a intenção de encontrar novos caminhos para a medalha, nas suas dimensões formais, materiais e estruturais.

Ao longo dos anos novos membros incorporaram o grupo, tais como José Teixeira²⁸, Paulo Perre Viana, Maria João Ferreira²⁹, António Canau³⁰ e mais recentemente José João Brito³¹, que durante muitos anos se juntava aos demais em diversas exposições como artista convidado, foi a partir da exposição de *Medalha e Moeda do Grupo Anverso/Reverso* na Imprensa Nacional- Casa da Moeda em 2009, que se tornou um membro efetivo do grupo. Também por convite participaram em exposições do *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* autores como Andreia Pereira, Alípio Pinto, Virgínia Frois, Álvaro Raposo França, Veiga Luís e José Aurélio.

O grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* é constituído por “três gerações de artistas que se começam a afirmar respetivamente nos anos 60, 80 e 90, e que têm apostado de forma criteriosa na renovação da medalha” (Simão, 1996), além de se dedicarem à criação artística, na sua maioria, desempenham funções como docentes em várias instituições de ensino superior em Portugal. Estes profissionais lecionam áreas como a escultura, a medalhística, o design de interiores, o desenho e a fotografia, entre outras, refletindo uma vasta gama de competências e conhecimentos dentro do grupo.

As profissões desempenhadas pelos membros do grupo têm um impacto significativo no futuro da medalhística. A experiência académica e prática que trazem de

²⁷ Veja-se a Lista de exposições do grupo *Anverso/Reverso* (Apêndice B).

²⁸ Escultor e medalhista, é Professor auxiliar com agregação na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. (FBAUL, s.d.), sendo o atual regente da UC de Medalhística na mesma instituição.

²⁹ Escultora e medalhista, trabalha Divisão de Ação Cultural na Câmara Municipal do Seixal. (Ferreira, s.d.)

³⁰ Escultor e medalhista, leciona Desenho e Fotografia na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e atualmente Professor Auxiliar na Secção de Desenho, Geometria e Computação do Departamento de Artes, Humanidades e Ciências Sociais. (Canau, 2016)

³¹ Escultor, medalhista (tendo sido aluno de Barata Feyo na ESBAP), foi ainda professor no colégio militar.

diferentes disciplinas artísticas oferece uma perspetiva enriquecida para o desenvolvimento da medalhística contemporânea. A combinação das suas competências permite a exploração de novas abordagens na criação de medalhas, contribuindo para a inovação e a evolução contínua desta arte. Além disso, o seu papel no ensino superior garante a transmissão de conhecimentos fundamentais às futuras gerações, assegurando a continuidade da tradição medalhística.

As atividades do grupo têm também importantes implicações na sociedade e na prática da medalhística. Ao promoverem o ensino e a produção artística³², os membros não só preservam as técnicas tradicionais, como as modernizam e também ampliam a sua relevância cultural no contexto contemporâneo. Através desta ação educativa e cultural, incentivam um diálogo entre o passado e o presente, promovendo uma maior valorização das medalhas como expressão artística significativa e relevante, e afirmam a medalhística como uma expressão interdisciplinar.

Outra vertente significativa do grupo *Anverso/Reverso*, além de sua importância em outras áreas, é o seu papel fundamental na documentação disponível sobre medalhística em Portugal. Este grupo tem contribuído de forma substancial para a reflexão e produção teórica, tanto a nível nacional como internacional, através da organização de palestras, edição de textos e livros, e desenvolvimento de teorias sobre a medalha. Através dos seus esforços, não só ampliam o conhecimento sobre a medalhística, mas também estabelecem um diálogo vital entre a prática artística e a teoria, enriquecendo o campo com novas perspetivas.

Para além do ambiente familiar e de partilha entre os membros do grupo, à época, professores e alunos, o período de criação do grupo foi fundamental para o seu alcance nacional e internacional. O final do século XX e início do século XXI foram marcados pela expansão e afirmação da medalha. A partir deste momento, a medalha deixa de ser um objeto de encomenda e procura inserir-se na dimensão da poética de autor, dando espaço ao artista para contrariar a tendência mais normal da medalha, como meio de

³² Para que seja possível um universo de possibilidades técnicas e formais alguns artistas recorrem a empresas especializadas na área, como é o caso da Gravarte (empresa fundada em 1952 por Vasco Costa, esposa e filho Hélio Costa), uma empresa familiar especializada na produção de medalhas e troféus, que deu condições tecnológicas para que a medalha construída e a medalha-objeto aconteçam; e a empresa Domingos Guedes (fundada em maio de 1980), é localizada em Gondomar, e desenvolve maioritariamente artigos de joalheria e ourivesaria, fazendo também medalhas e troféus.

celebração, acrescentando-lhe outras finalidades e variedade de recursos. Ou seja, como meio de comunicação, a medalha passa também a poder contestar os mais variados temas e acontecimentos, mas, mais do que isso, a medalha passa a poder ser exatamente o que o autor quiser que ela seja, isto é, uma simples expressão de um pensamento ou ideia, uma emoção, um qualquer conceito.

São grandes parceiros da arte da medalhística a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) que mantém uma “longa tradição de fabrico e comercialização de medalhas” (INCM, s.d.) e o Município do Seixal. A INCM desenvolve um papel importante na produção e divulgação da medalha portuguesa, dando a oportunidade a artistas de produzirem medalhas inovadoras, como é exemplo a “Medalha comemorativa da transferência administrativa de Macau para a China” (2000) (Fig.3), de Alípio Pinto³³.



Figura 3. Alípio Pinto “Medalha comemorativa da transferência administrativa de Macau para a China” Aço carbono azulado, liga de latão e prata, Ø66 x 10mm, Construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira.

A colaboração entre esta entidade com Grupo *Anverso/Reverso* dura à vários anos, e dela resultam inúmeras medalhas e moedas comemorativas e correntes. Para além disso, a INCM está frequentemente presente em congressos da FIDEM, não só como entidade vendedora de medalhas, mas também em parceria com autores, como é o caso dos membros do grupo *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*.

³³ A medalha em questão foi criada com métodos vanguardistas. É composta por aço carbono, aquecido no forno até atingir a tonalidade de azul desejada, evocando a cor do mar. No seu interior, apresenta recortes executados em CNC, preenchidos com soldadura de baixa temperatura (uma liga de prata e latão), que completa a representação do horizonte, ligando o anverso ao reverso da medalha. A ficha técnica e informações sobre os materiais foram gentilmente cedidas pelo Prof. José Teixeira.

No contexto da promoção e valorização da medalhística portuguesa, a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa desempenha um papel crucial através dos diversos protocolos e parcerias que estabeleceu ao longo dos anos. Um exemplo marcante é o protocolo anual com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), que envolve a apresentação de um tema anual direcionado aos alunos, oferecendo-lhes a oportunidade de ver as suas criações oficialmente produzidas, como é o caso da medalha “Ano Internacional das Leguminosas” (2016) (Fig.4) de Catarina Mendes (INCM, 2016).



Figura 4. Catarina Mendes "Ano Internacional das Leguminosas" 2016. Fonte: <https://loja.incm.pt/products/medalhas-ano-internacional-das-leguminosas-1020336>

Além disso, a INCM promove diferentes formas de partilha de conhecimento como foi o caso do workshop de fundição de ceras perdidas realizado em 2019, e com maior expressão, a possibilidade de integração num estágio profissional para um aluno que se destaque, reforçando a ligação entre o ensino e a prática profissional.

Outro exemplo de promoção da medalhística é a parceria da FBAUL com o Município de Proença-a-Nova, que já resultou numa residência artística focada no trabalho com estanho e patines, em colaboração com a Unidade Curricular de Metais, no ano de 2018. Este tipo de iniciativas não só promove o desenvolvimento de novas técnicas e abordagens na criação de medalhas, como também fortalece a ligação entre a formação académica e o contexto artístico real.

A Faculdade de Belas-Artes tem também uma dimensão internacional significativa no apoio à medalhística, como é evidenciado pelo *International Medallist Project* (Katedra Architektury Wnętrz i Rzeźby, 2024), em parceria com a Nicolaus Copernicus University, na Polónia. Este projeto promove uma ampla troca de experiências no campo da arte medalhística contemporânea, permitindo a cooperação e o enriquecimento mútuo entre centros de arte de todo o mundo.

Outras parcerias internacionais incluem o *MSSS Project – Medallie Sculpture Studio Sophia* (Nikolov, s.d.), desenvolvido em conjunto com a Academia de Belas-Artes de Sophia, na Bulgária, sob a orientação do Prof. Bogomil Nikolov. Este projeto, tal como o *New Ideas in Medallie Sculpture* (Pereira, 2016), que resulta de uma colaboração com a New Approach, Inc., dos Estados Unidos, contribui para a expansão e divulgação da medalhística a nível global. O projeto anual, iniciado em 1998, consiste numa exposição itinerante de trabalhos de alunos da FBAUL e de outras instituições internacionais, viajando entre Portugal, os Estados Unidos e o país da instituição convidada.

Além destes projetos focados na medalha, a Faculdade de Belas-Artes tem também incentivado a criação de troféus, com alguns projetos pontuais, como foi caso do *O Troféu BEI – Torneio de Inovação Social*, em parceria com o Banco Europeu de Investimento³⁴. Um projeto que é realizado anualmente em diferentes países, onde o BEI estabelece parceria com várias instituições, nomeadamente com escolas de ensino artístico, cujos estudantes são convidados a participar num concurso para o desenvolvimento dos troféus. Excepcionalmente, devido à pandemia de COVID-19, este evento foi realizado em Portugal por dois anos consecutivos (2020 e 2021). Em 2020, devido às restrições da pandemia, a entrega dos prémios foi feita online, no entanto, em 2021, o evento teve lugar presencialmente³⁵. Esta oportunidade permitiu que duas alunas, Filipa Batista (2020) e Rita Margarida (2021), desenvolvessem protótipos e acompanhassem o processo de execução dos troféus na Domingos Guedes Lda. Para além do valor monetário do prémio, salvaguarda-se a valiosa experiência adquirida.

Outro projeto pontual promovido no âmbito da Unidade Curricular de medalhística na FBAUL, foi o desenvolvimento, de diversas vezes, de troféus e medalhas para os campeonatos de futsal da Universidade de Lisboa. Estes projetos sublinham o compromisso da Faculdade em promover a medalhística e a escultura contemporânea, tanto a nível nacional como internacional.

Entre os aliados fundamentais na promoção da medalhística em Portugal, destaca-se o Município do Seixal. Conhecido como o “Município de Abril” (Santos J. , 2021, p. 11), onde “a arte e a cultura são pilares fundamentais” (Santos J. , 2021, p. 11), este

³⁴ Pode-se consultar o website do projeto em: <https://institute.eib.org/sit-previous-results-2/> (EIB Institute, s.d.)

³⁵ No Palácio da Rocha do Conde D’Óbidos (Cruz Vermelha Portuguesa).

concelho criou, em 2021, um espaço dedicado à medalhística³⁶: o Centro Internacional de Medalha Contemporânea- Quinta da Fidalga, Seixal. A ligação do município à medalhística surge em 1997 aquando da 1ª Exposição Internacional de Medalha Contemporânea onde “o município do Seixal deu início a um percurso de afirmação da medalha contemporânea, quer a nível local, quer nacional, e afirmou o concelho como um território dedicado ao estudo e à divulgação da medalha.” (Silva P. , 2021, p. 2)

Desde então já foi palco de diversas exposições no âmbito da medalhística, como por exemplo as Bienais internacionais de Medalha Contemporânea iniciadas em 1999 que, por sua vez culminam em 2004 com a edição do XXIX Congresso da FIDEM, onde participaram 49 autores portugueses, com 101 medalhas expostas. É importante salientar que a medalha comemorativa dessa edição é da autoria de um dos membros fundadores do grupo *Anverso/Reverso*, Hélder Batista. No ano seguinte “a autarquia instituiu o Prémio Hélder Baptista, em homenagem a um dos maiores nomes da medalha contemporânea” (C. M. Seixal, 2021). Em 2009 teve lugar a exposição coletiva *Abril e Maio – Liberdade em Construção*, onde diversos membros do grupo *Anverso/Reverso* foram intervenientes.

A exposição *Progression*³⁷, dinamizada por José Teixeira e José Simão, que após o congresso XXXV da FIDEM, em Ottawa, Canadá, foram a Nova Iorque reunir com a escultora Mashiko, diretora da *Medialia...Rack and Hamper Gallery* (Azinheira, 2021), que acabou por convidar o grupo *Anverso/Reverso* para uma colaboração internacional que destacou a medalhística contemporânea de uma forma global, comemorando os 30 anos de atividade do grupo *Anverso/Reverso - Medalha Contemporânea* (FIDEM, s.d.). A exposição teve início em 2019 na *Medialia...Rack and Hamper Gallery*, em Nova Iorque. Devido à pandemia, a sua continuidade foi adiada, sendo retomada em fevereiro-março de 2023 na Galeria H2O, em Kyoto, Japão. Finalmente, chegou ao Seixal, Portugal, onde ficou em exibição de 21 de outubro de 2023 a 30 de março de 2024, no Centro Internacional de Medalha Contemporânea, na Quinta da Fidalga. Esta exposição resultou

³⁶ “(...) em Setembro de 2001, procedeu-se à assinatura de um protocolo entre a faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, através do “Projeto Volte Face- Medalha Contemporânea” da cadeira de medalhística e a câmara municipal do Seixal, para a criação do Centro Internacional de Medalha Contemporânea- Seixal a edificar na Quinta da Fidalga, e que será constituído por espaços de exposições, permanente e temporárias, centro de documentação, ateliês e reserva museológica.” (Santos J. , 2021)

³⁷ A exposição *Progression* pode ser visitada online no site pertencente à *Medialia...Rack and Hamper Gallery* através do link: <https://www.medialia-gallery-archive.com/2019/sep2019spaceI.html>

da colaboração entre os artistas do grupo *Anverso/Reverso*, a Galeria *Medialia...Rack and Hamper Gallery* da escultora Mashiko, a INCM, a Embaixada do Japão e a Câmara do Seixal. O grupo *Anverso/Reverso* foi responsável pela criação das medalhas, enquanto que a escultora Mashiko, para além de ter feito a curadoria da exposição, tratou de convidar os artistas japoneses. A Embaixada do Japão comprometeu-se a financiar a *vernissage* em Kyoto - que acabou por não acontecer devido à COVID-19 - para além disso, forneceu a tradução para japonês dos catálogos impressos pela INCM. Já a Câmara Municipal do Seixal acolheu a exposição, no Centro Internacional de Medalha Contemporânea (Anverso/Reverso, 2021).

Importa destacar que, durante o período em que a exposição *Progression* estava em exibição em Kyoto, decorreu simultaneamente o XXXVI Congresso da *Fédération Internationale de la Médaille* (FIDEM) em Tóquio, Japão, realizado online devido à pandemia de Covid-19. A coincidência temporal dos dois eventos, embora em cidades diferentes, teve um impacto significativo. O congresso ofereceu um espaço virtual para a discussão aprofundada e a troca de conhecimentos entre profissionais e entusiastas da medalhística de todo o mundo, enquanto a exposição *Progression* proporcionou uma plataforma física para a apreciação das obras e das inovações no campo da medalha. Este alinhamento entre a exposição e o congresso, amplificou a visibilidade e a relevância de ambos os eventos. A exposição beneficiou da atenção gerada pelo congresso, enquanto o mesmo teve a oportunidade de destacar e promover as novas tendências e desenvolvimentos da medalhística contemporânea. Esta sinergia entre os dois eventos contribuiu também para reforçar a posição do grupo *Anverso/Reverso* e da arte da medalha na cena internacional.

Globalmente, a exposição *Progression* oferece uma visão abrangente da diversidade e inovação na medalhística contemporânea como um todo, focando a relevância da medalhística portuguesa e o seu impacto mundial. A inclusão de obras de artistas japoneses e portugueses na mesma mostra proporciona uma oportunidade única para explorar as diferenças e semelhanças entre as tradições e práticas de diferentes culturas. Esta abordagem inclusiva não só enriquece a compreensão da medalhística global, como também promove um diálogo intercultural, essencial para o desenvolvimento contínuo da arte. A exposição atua como um elo entre diferentes

tradições artísticas e públicos, contribuindo para uma maior apreciação e reconhecimento da medalha como uma forma de arte dinâmica e relevante.

Para além da dimensão internacional da exposição *Progression*, este acontecimento teve também uma relevância significativa a nível nacional. No contexto nacional, a exposição no Centro Internacional de Medalha Contemporânea, no Seixal, sublinha a importância deste espaço como um ponto focal para a promoção da medalhística contemporânea. O Centro, que desde a sua criação tem trabalhado para afirmar a medalha como uma forma de arte reconhecida, beneficia de exposições de renome internacional para solidificar a sua posição como um importante centro cultural. O acolhimento da exposição *Progression* não só contribui para o enriquecimento cultural da comunidade local, como também promove o intercâmbio cultural entre Portugal e o resto do mundo, reforçando o papel de Seixal no cenário global da arte.

Finalmente, a realização de *Progression* em diferentes contextos internacionais, acompanhada pelo apoio institucional e pelo envolvimento da comunidade artística global, evidencia o crescente prestígio da medalha contemporânea e o papel essencial dos grupos como *Anverso/Reverso* na sua promoção. No seguimento na interveniência do grupo nesta iniciativa inédita é importante salientar o reconhecimento que a Câmara Municipal do Seixal faz ao “incontornável contributo dos escultores que integram o grupo *Anverso/Reverso* para o desenvolvimento da arte, da cultura, do município e do país” (Santos J. , 2021).

Em adição à exposição anteriormente referida, é relevante destacar a participação do grupo *Anverso/Reverso* no Congresso XXXIII da Fédération Internationale de la Médaille (FIDEM), realizado em Sofia, Bulgária, em 2014. Durante este congresso, o grupo apresentou uma série de obras inovadoras, incluindo a intrigante série de "medalhas-frasco" ou “Hybrid Objects” (Teixeira, 2014, p. 159), inspiradas pelas tampas de painéis usadas pelo povo Bantu da tribo de Bakongo em Cabinda, Angola, observadas em visita ao Museu Nacional de Etnologia em Lisboa.

A série de medalhas apresentada pelo grupo *Anverso/Reverso*, destacou-se pela sua criatividade e profundidade conceptual. O uso inovador de frascos permitiu explorar temas como a restrição de espaço e a ilusão de liberdade. A transformação de materiais comuns em metáforas visuais complexas demonstrou a habilidade do grupo em abordar questões sociais e filosóficas através da medalhística. Estas características são

aprofundadas na publicação de José Teixeira na revista *Médailles* de 2014, com o artigo “Hybrid Objects– Lids, glasses and medals”, onde o autor reflete sobre os “objetos” desenvolvidos por cada um dos seus pares (Teixeira, 2014, pp. 159-166) , e no livro “Metanarrativa: Feci quod potui” através da interpretação de Marie-Astrid Pelsdonk, que viu em obras como, “Between Borders”³⁸ (2013) e “An Asterisk”³⁹ (2014), da autoria de José Teixeira, uma metáfora para espaços restritivos e a ilusão de liberdade, reflete a complexidade e a profundidade das obras expostas (Pelsdonk, 2021, pp. 123-124). Esta exposição foi crucial para o reconhecimento internacional do grupo, consolidando o seu prestígio e reafirmando o papel do *Anverso/Reverso* na vanguarda da arte da medalha.

Outra iniciativa “fora da caixa” foi a *Colecção Eros*, dedicada ao tema das medalhas eróticas. Tal como referiu José Teixeira em fonte oral, a ideia surgiu de uma conversa entre o escultor Hélder Batista e Vasco Costa, da Gravarte, este último, por sua vez, convidou os membros grupo *Anverso/Reverso* e os escultores convidados, Álvaro França e José Aurélio a participarem, com o apoio técnico da Gravarte. Todas as medalhas, com um diâmetro de 60 mm, foram estampadas de forma artesanal. A coleção explora o erotismo através de formas escultóricas subtis e conceptuais, desafiando a representação do corpo e da sexualidade na medalhística contemporânea. Em conversa pessoal com Vítor Santos, o autor referiu que posteriormente, a *Colecção Eros* foi convidada a integrar duas exposições: uma no Congresso de Sexologia, a convite do médico Santinho Martins, a partir de uma folha de sala (Anexo IV, pp.200-201.) feita pelo escultor José Teixeira, e outra no Hospital Júlio de Matos, onde as medalhas foram exibidas numa vitrine vertical, trazendo o erotismo para um espaço público e institucional, onde o corpo e a sexualidade são normalmente abordados de forma clínica ou académica. A exposição convidava assim à reflexão sobre o erotismo enquanto expressão artística, ao mesmo tempo que desafiava as fronteiras entre a arte, a saúde mental e a sexualidade, demonstrando a versatilidade e espírito de iniciativa do grupo.

³⁸ *Between Borders* (2013) aborda o tema das fronteiras e das diferenças, representadas pelos alfinetes pretos e brancos suspensos dentro de um frasco, sugerindo a divisão e a tensão entre mobilidade e restrição num mundo globalizado. A composição reflete questões de xenofobia e precariedade, evocando a fragilidade das fronteiras físicas e sociais (Teixeira, 2014, pp. 164-166).

³⁹ *An Asterisk* (2014) explora a complexidade e a ambiguidade da comunicação, usando o símbolo do asterisco para sugerir informações omitidas ou subentendidas, enquanto as peças tipográficas no interior do frasco evocam múltiplas interpretações e significados ocultos (Teixeira, 2014, pp. 164-166).

O grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*, desde a sua fundação, tem desempenhado um papel fundamental na promoção e inovação da medalhística contemporânea, tanto em Portugal como no cenário internacional. Através de colaborações, exposições e participações em congressos da FIDEM, o grupo tem demonstrado uma notável atualidade estética aliada à capacidade técnica, à utilização de tecnologias de ponta e à diversidade de materiais, um interesse por apresentar o que ainda não foi feito, e uma constante capacidade de renovação em todos os aspetos. Essas iniciativas têm consolidado o seu reconhecimento global, afirmando o *Anverso/Reverso* como um dos principais impulsionadores da arte da medalha contemporânea em Portugal e fazendo com que o nome do nosso país se destaque no mundo da medalhística.

CAPÍTULO 3 | Os membros do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*

O grupo *Anverso/Reverso*, fundado em 1992, tem-se estabelecido como um pilar da inovação na medalhística contemporânea Portuguesa, elevando o prestígio tanto das medalhas nacionais quanto dos próprios autores.

Os membros do grupo são reconhecidos pela excelência técnica, pela diversidade de abordagens e pela combinação de metodologias processuais nos seus trabalhos, representativos de uma transição significativa da modernidade para a pós-modernidade na medalhística. As suas práticas abrangem desde processos tradicionais de fundição e estampagem/cunhagem até experimentações incluindo a construção, assemblage, apropriação e prototipagem 3D. Esta evolução metodológica incorpora materiais variados, uma ampla gama de temas, e técnicas antes não utilizadas na medalhística como o corte a laser, corte CNC (Controle Numérico Computadorizado), corte a jato de água, entre outras. Essas criações não apenas preservam a rica tradição da medalhística, mas também a reinterpretam de maneiras inovadoras, garantindo que a arte da medalha continue a ser relevante e respeitada, acompanhando a modernidade. A originalidade e a qualidade das obras do *Anverso/Reverso* têm sido amplamente reconhecidas em exposições e congressos internacionais, como vimos anteriormente, especialmente nos eventos da FIDEM, consolidando o grupo e os seus autores como figuras de destaque na cena nacional e internacional da medalhística.

Neste capítulo serão apresentados, por ordem de entrada no grupo, alguns dos membros mais relevantes do grupo *Anverso/Reverso*, destacando as contribuições únicas e significativas de cada artista para a evolução e inovação na medalhística contemporânea. A escolha dos artistas aqui abordados toma por base na sua continuidade e impacto dentro do grupo. Optou-se por excluir dois dos membros, nomeadamente, Paula Lourenço e Paulo Perre Viana, uma vez que tiveram uma participação muito curta, apenas com destaque no percurso inicial do grupo, sendo escassa a informação disponível sobre o seu trabalho.

Aqui, serão abordadas as suas trajetórias artísticas, a abordagem singular das suas obras, bem como as medalhas que se consideraram mais emblemáticas ou que exemplificam o seu contributo para o grupo, no âmbito da medalhística nacional e

internacional. Através desta análise, será possível compreender como cada artista utiliza uma combinação de técnicas tradicionais e experimentais, e de que forma as suas criações reinterpretam a arte da medalha, garantindo a sua relevância no contexto atual. Serão ainda exploradas as influências temáticas e materiais que moldam o trabalho de cada membro, proporcionando uma visão aprofundada sobre a sua capacidade de inovar, ao mesmo tempo que preservam a essência desta arte.

3.1 | Hélder Batista (1932-2015)

Escultor de sonhos

(Pinto, 2012, p. 6)

Hélder Batista (1932-2015), nascido em Vendas Novas, foi um escultor e medalhista cujo legado artístico deixou uma marca indelével no cenário cultural do país. Iniciou a sua formação na Casa Pia de Lisboa (Colégio de Pina Manique), onde deu os primeiros passos na sua formação artística. Posteriormente, ingressou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (atual FBAUL), onde desenvolveu um profundo interesse pela medalhística, uma paixão que viria a moldar a sua carreira (Batista, s.d.).

Após concluir os estudos, começou por lecionar em várias escolas secundárias, transmitindo o seu conhecimento artístico às novas gerações. Ao longo da sua trajetória, foi bolseiro em várias ocasiões: da Casa Pia de Lisboa (1950-1955), da Fundação Calouste Gulbenkian em Roma (1958), do Instituto de Alta Cultura em Milão (1960) e da Secretaria de Estado da Cultura México (1980), enriquecendo a sua formação e expandindo a sua experiência internacional (Batista, s.d.).

Em 1962, iniciou a sua carreira docente na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, onde lecionou Escultura e Medalhística até 1995. Enquanto regente da Unidade Curricular de Medalhística, desempenhou um papel fundamental na divulgação e sensibilização para esta arte junto das novas gerações de artistas, tendo influenciado profundamente o desenvolvimento da medalhística contemporânea em Portugal. O seu trabalho incansável na promoção e ensino desta disciplina culminou em 1998, quando foi distinguido com o prestigiado prémio J. Sanford SALTUS pela American Numismatic Society, em reconhecimento pelo seu notável contributo à medalhística e ao ensino desta arte.

Para além do seu trabalho como docente, Hélder Batista numa ação de formação e estímulo de novas gerações de artistas, nomeadamente os membros do grupo *Anverso/Reverso*, desempenhou um papel ativo no panorama artístico português, fazendo parte da direção e conselho técnico da Sociedade Nacional de Belas-Artes durante 15 anos. Foi também membro do concelho numismático da Imprensa Nacional Casa da

Moeda, onde contribuiu para a promoção e preservação da arte da medalha em Portugal (Batista, s.d.).

Destaca-se, de entre os vários prémios atribuídos ao autor pela FIDEM, o Grande Prémio do XXX Congresso de Medalhística - FIDEM (Voionmaa, 2007, p. 23), realizado em Colorado Springs em 2007. A sua obra "My song shall sow through the world's every part" (2006) (Fig.11) foi premiada nesta ocasião, demonstrando a sua habilidade excepcional e a sua capacidade de criar obras que transcendem fronteiras e cativam o público internacional.

Ao longo da sua vida, Hélder Batista deixou um legado duradouro no mundo da escultura e da medalhística, lembrado não apenas pelos prémios e distinções que recebeu, é notável a sua dedicação apaixonante à arte e o seu impacto na comunidade artística em Portugal e além-fronteiras. Influenciou a medalha moderna portuguesa pelas suas abordagens inovadoras, pelos seus ensaios sobre medalhística e sobretudo pela partilha de conhecimento entre colegas e alunos. Será indiscutível a marca que Hélder Batista deixou no percurso dos artistas membros do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*.

O percurso de Hélder Batista na medalhística distingue-se pela sua mestria e habilidade na modelação e no desenho, assim como na capacidade em seguir a tradição e ao mesmo tempo desenvolver novos aspetos e soluções formais, modernizando as suas medalhas. Não podemos falar na obra de medalhística de Hélder Batista sem mencionar a singular atribuição de monumentalidade escultórica às suas medalhas.

Para obter uma compreensão abrangente da diversidade e profundidade do trabalho de Hélder Batista, foram escolhidas uma amostra de seis medalhas representativas do seu trabalho, dentro de um universo amplo que é a sua obra. Esta análise é dividida em três instâncias. Começamos por abordar a forte ligação do autor com medalha clássica/tradicional, marcada pela forma circular e pela modelação das formas através da luz, com delicadeza e subtileza formal. No segundo grupo, é composto por três medalhas dentro da *poética dos muros* (Teixeira, 2006), onde o autor constrói uma espécie de maquetes de grandes monumentos apropriando-se de vários materiais (como é o caso dos modelos de figuras anatómicas usados em maquetes), que nos mostram "brincadeiras" de escala e monumentalidade. Para concluir, um último grupo observamos um desenvolvimento formal, com duas medalhas que marcam irreverência, a nível da forma

(tridimensionalidade), da abordagem técnica (medalha fundida, em que o vazio também é forma).

É crucial destacar que esta seleção é apenas uma amostra, escolhida para ilustrar o amplo espectro do trabalho de Hélder Batista, tanto em termos de temáticas quanto de processo criativo e inovação tecnológica. A sua carreira e obra são muito mais amplas e abrangem uma diversidade de trabalhos e temas igualmente relevantes. Portanto, enquanto esta seleção fornece uma visão geral do seu trabalho, há uma riqueza adicional a ser explorada em muitas outras criações e áreas de interesse que compõem a sua trajetória artística.

A medalha "IV Centenário da Morte de Luís Vaz de Camões" (bronze, Ø 80 mm, cunhada, 1980) é uma obra de arte de Hélder Batista que celebra não apenas a vida, mas também a profundidade poética do renomado poeta épico português. Com traços leves e singelos, tanto no anverso quanto no reverso, Hélder Batista apresenta dois rostos alusivos ao tema que se complementam de forma harmoniosa.

No anverso, o escultor retrata *Camões* com detalhes meticulosos: a coroa de louros, o olho cego e uma gola folhada que se entrelaça com a legenda, criando uma sequência rítmica (Teixeira, 2016, p. 97) que reflete a maestria poética do homenageado. Essa representação não só captura a essência física de Camões, mas também evoca sua imortalidade literária.

Numa homenagem subtil Hélder Batista ilustra no reverso o poeta e músico da época arcaica *Orfeu*, comparando-o a *Camões*. Aqui, uma figura pastoral representada a tocar flauta, é acompanhada pela legenda retirada de "Os Lusíadas" — "Cantando espalharei por toda a parte se a tanto me ajudar o engenho e arte" — que parafraseia *Camões* e exprime a esperança do escultor em estar à altura da homenagem prestada.

Além da sua riqueza simbólica, a medalha utiliza uma técnica de modelação em negativo para realçar os contornos sugeridos pela luz, "Modelling in negative also suggests, by the idea of the depth, the water in which, according to the legend, the epic Portuguese poet fought to save the precious manuscript from the shipwreck" (Teixeira, 2016, p. 97).⁴⁰ Esta combinação de elementos simbólicos e técnicas

⁴⁰ Tradução livre: A modelação em negativo sugere também, pela ideia de profundidade, a água em que, segundo a lenda, o poeta épico português lutou para salvar do naufrágio o precioso manuscrito.

artísticas não a torna apenas numa obra comemorativa, mas também num testemunho duradouro da importância cultural e literária de *Luís Vaz de Camões* na história de Portugal e além.

Hélder Batista modela de forma brilhante as duas figuras épicas num traço muito próprio da sua obra. O artista opta formalmente por desenvolver uma medalha de requinte clássico, ao passo que utiliza opções técnico-formais que se destacam e afastam desse mesmo paradigma clássico. Numa modelação em negativo, o artista alcança uma representação muito delicada, talvez por isso, vemos nela uma leveza e uma natureza etérea das personagens modeladas.

Apesar de ser indiscutível a sua existência, *Camões*, à semelhança de *Orfeu*, carrega tradicionalmente um carácter alegórico, composto por um universo literário mítico e lendário, através da evocação de figuras místicas nos seus poemas épicos e pelas suas façanhas heroicas (Teixeira, 2016, p. 97). Estas características são evidenciadas através da modelação das figuras em baixos-relevos, em traços e linhas muito subtis, como se o artista quisesse eternizar o vulto dos seus feitos, imortalizados neste registo. Esta solução formal utilizada pelo autor leva o espectador a pensar que o que está representado, mais do que os seus retratos é o seu “engenho e arte”.

A interessante dinâmica de alturas subtis, esculpidas através de *talho-doce* entre os rostos modelados e a legenda revela a especial atenção de Hélder Batista em destacar os dois elementos em simultâneo sem nunca salientar um em detrimento do outro.



Figura 5. Hélder Batista "IV Centenário da Morte de Luís Vaz de Camões" Bronze, Ø 80 mm, estampada, 1980. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

Hélder Batista desafia as convenções da medalha tradicional ao criar dinâmicas que brincam com a nossa percepção de escala em relação aos seus objetos artísticos. Este traço característico do autor é alcançado através da exploração da temática dos muros, daqui resultam medalhas que remetem para uma escala monumental de uma possível escultura pública e esculturas públicas com atributos de uma possível medalha.

Como observamos nas suas obras de escultura pública "Pina Manique" (1990) (Fig.12), "Monumento à Paz" (1994) (Fig.13) e "Monumento aos Resistentes Antifascistas do Alentejo" (1996) (Fig.14) (Teixeira, 2006), onde a forma de muro é utilizada para abordar temas de resistência, paz e memória histórica, o autor representa os elementos arquitetónicos (muros) na sua dimensão real, não como uma estrutura intransponível, mas como algo que ao olhar transmite a possibilidade de o ultrapassar, sugerindo liberdade de pensamento em relação à obra que estamos a observar.

No que diz respeito à escala, apesar de ser um artista versátil entre a escultura e a medalhística, as suas medalhas intimistas assumem uma escala monumental pelas suas características formais. Estes efeitos de monumentalidade escultórica nas medalhas de Hélder Batista são conseguidos através de um brilhante equilíbrio da escala e acerto da proporção das figuras em relação às superfícies parietais.

É precisamente no cruzamento destas duas temáticas, que Hélder Batista separa a fronteira entre a escultura monumental e a medalhística, como podemos observar em obras como "Guardador de Muros" (1995, acrílico colado, 70 X 70 mm, construção), "Vacada" (1992, acrílico colado, 80 mm, construção) e "O Teatro e a Vida" (1992, acrílico colado 75 x 75 mm, construção).

Hélder Batista cria três medalhas com a mesma linha de pensamento formal. Todas construídas em acrílico (um material menos convencional), fazem alusão à temática dos muros e remetem para a ideia de bloco, mas cada uma com a sua conceptualização. Estas medalhas desenvolvem-se sob o vazio, estabelecendo uma conexão entre a representação escultórica e a pictórica, deste modo, a figura prismática que dá fundo à "tela" emoldura os elementos tridimensionais.

O artista serve-se de elementos geométricos monocromáticos para desenvolver o corpo da medalha, completando-a com a representação de elementos tridimensionais com o papel de desenvolver a narrativa da medalha. O facto de representar elementos que reconhecemos e que, se estiverem representados à escala real, aumentam,

proporcionalmente, a escala de todos os outros elementos em seu redor, remetem-nas para uma possível escultura pública, o que lhes confere uma noção de escala monumental.

Um exemplo dessa técnica é a medalha "Guardadores de Muros" (acrílico colado, 70 x 70 mm, construção, 1995). Esta obra apresenta duas figuras no topo de um muro, conectadas por uma abertura entre os dois lados. Uma delas está de frente para o muro, enquanto a outra está posicionada a três quartos, oferecendo uma visão mais ampla de ambos os lados. Embora pareçam soldados a guardar muros, uma análise mais profunda revela uma interpretação metafórica onde as figuras simbolizam a travessia de fronteiras e a vontade de explorar o desconhecido, ao invés de apenas proteger limites físicos.⁴¹

Outro exemplo notável é a medalha "Vacada" (acrílico colado, 80 mm, construção, 1992), uma cena do quotidiano dentro de uma moldura estrutural. No centro, uma cerca é ultrapassada por três vacas representadas de forma tridimensional, conferindo profundidade à composição. Sobre a cerca, encontra-se um homem, possivelmente um pastor, cuja atitude sugere a libertação dos animais.⁴² Esses elementos tridimensionais adicionam realismo à medalha, destacando-se pela sua execução detalhada. Além da representação visual, esta medalha carrega uma mensagem conceptual poderosa, funcionando como uma metáfora para o ultrapassar de barreiras físicas e conceptuais, levando o espectador a refletir sobre temáticas importantes como a liberdade, superação e emancipação.

A medalha "O Teatro e a Vida" (acrílico colado, 75 x 75 mm, construção, 1992) é uma evocação de memórias de infância do autor, como José Teixeira refere, Hélder Batista recorda a imagem da sua mãe, à porta de casa, chamando por ele e pelos seus irmãos (Teixeira, 2016, p. 99). Esta medalha captura a dualidade entre o palco e os bastidores de uma cena. Através de uma abertura que conecta os dois lados, no anverso somos posicionados para a perspetiva dos espectadores, imersos na representação pública do teatro, enquanto no reverso nos deparamos com os bastidores, revelando a realidade e os preparativos meticulosos por trás da cortina. A figura dominante de uma mulher, protagonista em ambos os lados da medalha, acompanhada por figuras masculinas no reverso, não só cria uma dinâmica visual intrigante, mas também evoca a dualidade entre

⁴¹ "(...) continuo a questionar-me porque lhe teria atribuído esse nome? É que, para mim, aquelas personagens não guardam muros, antes, trespassam fronteiras com a inquietação e a liberdade que o caracterizam na busca de novos horizontes." (Teixeira, 2012, p. 44)

⁴² "(...) *Vacada* (Herd-1992) which reminds the place where the animals stand on a bullfight (...)" (Teixeira, 2016, p. 99)

o papel público e privado. Inspirada na memória pessoal do artista⁴³, esta obra transcende a mera representação física ao explorar temas profundos de memória, família e a complexa interação entre a vida encenada e a realidade cotidiana.

Como podemos observar, com estas medalhas Hélder Batista cruza a linha entre a medalha (de pequena escala) e a escultura monumental, entre o real e a possibilidade. Tal como os monumentos referidos acima poderiam ser reduzidos à escala da mão, como será o caso do monumento do “Pina Manique” (1990), transportados no bolso ou colocados em coleções pessoais, as medalhas de que falamos agora têm corpo para se encontrarem em qualquer local público, ocupando um espaço concreto e assumindo uma escala monumental. Seria interessante idealizar a seguinte situação: caso essa possibilidade se tornasse real, e os elementos compositivos destas medalhas fossem ampliados à escala real, nós poderíamos ser parte integrante do monumento, substituindo as figuras representadas.

Além de suas qualidades esculturais e narrativas, as medalhas de Hélder Batista exploram temas universais como a passagem do tempo, a metamorfose da memória. A exploração do vazio, que se torna forma, inexistente na medalhística clássica, é um elemento importante de salientar na obra do autor. Cada medalha captura momentos específicos da vida cotidiana, convidando os espectadores a refletir sobre a natureza transitória da existência humana. Incorporando elementos tridimensionais e sugerindo uma potencial ampliação para escala monumental, as medalhas transcendem os limites da medalhística tradicional, transformando-se em testemunhos visuais que desafiam as fronteiras entre o físico e o simbólico, enriquecendo a experiência estética e promovendo um diálogo sobre a arte pública e seu impacto cultural e social.

⁴³ “(...) in *O teatro e a vida* (Theatre and Life) where the author evokes his mother, somewhere, in backlighting, at the front door calling him and his siblings.” (Teixeira, 2016, p. 99)

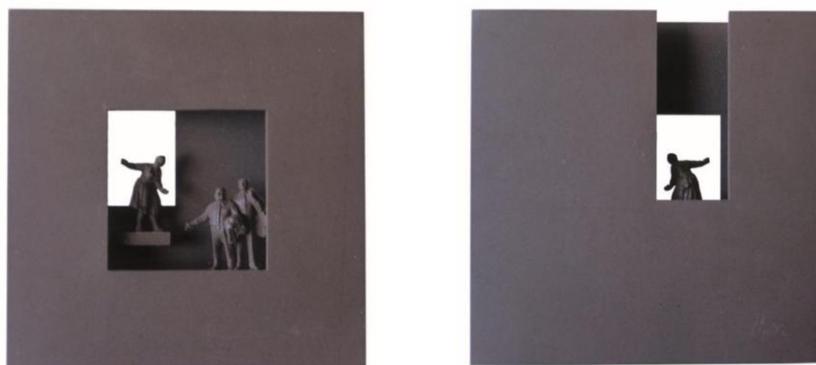


Figura 6. Helder Batista "O Teatro e a Vida" Acrílico colado, 75 x 75 mm, construção, 1992. Fonte: Batista, 2012, p.31.

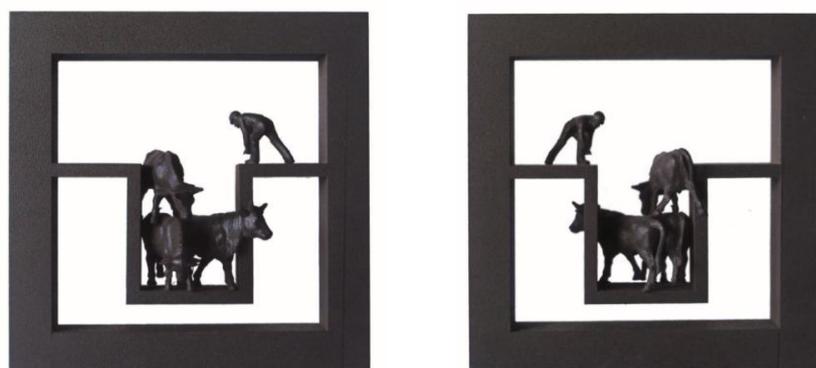


Figura 7. Helder Batista "Vacada" Acrílico colado, 80 mm, construção, 1992. Fonte: Batista, 2012, p.30.



Figura 8. Helder Batista "Guardadores de Muros" Acrílico colado, 70 x 70 mm, construção, 1995. Fonte: Batista, 2012, p.45.

Segundo o escultor João Duarte (Duarte, 2012, p. 43) é através da medalha "Primeira Pedra para Associação Casapiana de Solidariedade" (bronze, 45 x 45 mm, cunhada, 1998) que Hélder Batista atravessa pela primeira vez de forma mais clara a ponte para o território da medalha-objeto, fugindo do tradicional formato bifacial da medalha. Esta obra, representa uma pedra na sua tridimensionalidade, não optando por a representar figurativamente, mas sim fisicamente. Esta opção formal traduz a ideia que pretende transmitir e representar, a da primeira pedra, fundamental na iniciativa basilar na construção de um novo empreendimento, personificando a metáfora da "Primeira Pedra" que simboliza o aniversário da construção da instituição homenageada.

Esta medalha é "inesperadamente" produzida com recurso à técnica de cunhagem, onde a bolacha metálica se transforma num verdadeiro objeto de arte através da pressão criada no encontro de dois cunhos de aço. Apesar de formalmente não se tratar de uma medalha tradicional, depreende-se que Hélder Batista determina o bordo da medalha através da colocação da legenda, tradicionalmente reservada ao rebordo ou contorno da medalha, na parte não texturada. A patina negra utilizada nesta medalha é uma marca de inovação, uma vez que Hélder Batista é o primeiro a utilizá-la na história da medalhística portuguesa (Duarte, 2012, p. 43). Esta medalha transmite-nos características fundamentais da obra de Hélder Batista, a subtiliza, a poético pessoal, a inovação e a pertinência e acerto da colocação da legenda.

Para além da técnica inovadora, a medalha "Primeira Pedra para Associação Casapiana de Solidariedade" encapsula a visão de Hélder Batista de transcender a simples comemoração para tornar-se uma obra de arte que dialoga com o espectador. Esta visão e procura do autor por criar algo tão significativo poderá estar relacionada com a relação afetiva do autor com a instituição. Ao representar o ato simbólico e político/social do "lançamento da primeira pedra", Hélder Batista transforma um rito social num objeto estético, quebrando as fronteiras entre o que é técnico e o que é artístico. Nunca antes se tinha feito uma medalha que fosse, ela própria, uma pedra, desafiando as convenções tradicionais da forma e elevando o conceito da medalha a um novo nível de interação e reflexão.

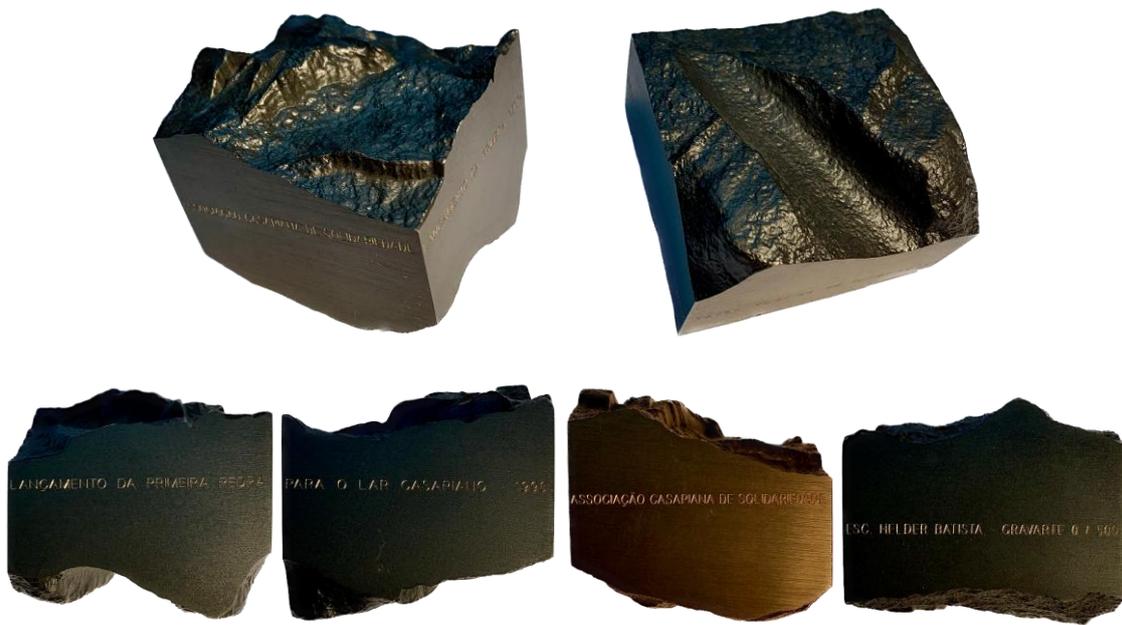


Figura 9. Hélder Batista "Primeira Pedra para Associação Casapiana de Solidariedade" Bronze, 45 x 45 mm, estampada, 1998. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

A medalha comemorativa do “Dia Mundial da Árvore” (bronze, Ø 85 mm, fundição de ceras perdidas, 2003), criada por Hélder Batista e produzida pela INCM, é uma obra de arte em bronze que utiliza a técnica de fundição. À primeira vista, a obra pode sugerir a imagem de “troncos mutilados que se recortam sobre um vazio desolador” (Brito J. J., 2012, p. 57), mas essa impressão inicial é uma ilusão.

O design da medalha é meticulosamente equilibrado, num jogo de elementos cheios e vazios. Quando observamos o corpo da medalha, parece que estamos a olhar para um tronco sem copa. No entanto, ao focarmo-nos na "ausência" de matéria, percebemos a silhueta de uma árvore completa e exuberante, o que nos permite reinterpretar a medalha de várias formas.

Esta dualidade presente no design transforma a medalha numa janela imaginativa, onde o fundo pode ser preenchido com qualquer cenário que desejarmos, amplificando a sensação de ilusão literal. A medalha não apenas celebra o Dia Mundial da Árvore, mas também nos convida a refletir sobre a perceção e a interpretação das formas.

A habilidade de Hélder Batista em manipular a perceção visual através do jogo de cheios e vazios destaca-se nesta obra, este engenhoso equilíbrio faz com que os troncos inicialmente percebidos como cortados se revelem como partes de uma árvore vibrante e cheia de vida.



Figura 10. Hélder Batista “Dia Mundial da Árvore” Bronze, Ø 85 mm, fundição de ceras perdidas, 2003. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

Hélder Batista é uma figura proeminente na medalhística contemporânea portuguesa, cujo trabalho exemplifica uma fusão magistral entre tradição e modernidade. Com uma carreira marcada pela incessante busca por novas expressões artísticas, Hélder Batista é reconhecido pela sua capacidade inovadora e versatilidade técnica.

Ao explorar uma multiplicidade de opções técnicas e materiais, Hélder Batista transcende os limites convencionais da medalha. Desde a tradicional medalha cunhada em bronze como é exemplo a medalha “75º Aniversário de Fernando Lopes Graça”, 1982 (Fig.15) e a medalha “Ano Internacional da Criança”, 1979 (Fig.16) até à experimentação com acrílico, medalha “Ermida do meu Lugar”, 2002 (Fig.17) e medalha “Primeiras Letras”, 2002 (Fig.18), as suas criações não apenas desafiam, mas também redefinem o conceito de medalha como um objeto artístico autónomo.

Uma característica distintiva do trabalho de Hélder Batista é a sua abordagem performativa a qual podemos observar na medalha “Escola Prática de Artilharia”, 1982 (Fig.19) que vai além da mera representação estética. Cada obra é concebida para envolver o observador, convidando-o a explorar tanto o anverso quanto o reverso com uma mesma linguagem visual coesa. Este convite ao manuseamento da medalha revela não apenas a maestria técnica do artista, mas também o seu compromisso em transmitir mensagens complexas e reflexivas através das suas obras.

O uso criativo e acerto de materiais e técnicas de produção, como a combinação de acrílico com metais, o ajuste da cor e da legenda, destacam-se como uma das contribuições mais significativas de Hélder Batista para a evolução da medalhística.

Para além da sua influência direta na arte da medalha, Hélder Batista também é reconhecido pelo seu papel como professor, fomentou a produção artística na Escola de Belas-Artes, atual Faculdade de Belas Artes. Esta abordagem não só enriqueceu o ensino artístico, mas também perpetuou o seu legado através dos “discípulos” que continuam a explorar novas fronteiras na medalhística.

Assim, a obra de Hélder Batista não se limita à sua aplicação técnica e material; é um testemunho vivo da sua dedicação em redefinir e revitalizar a medalha como uma forma de expressão contemporânea, inspirando gerações futuras de artistas a expandir os limites da arte.

3.1.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de Hélder Batista



Figura 11. Hélder Batista "My song shall sow through the world's every part" Bronze e acrílico, 60 x 60 mm, construção, 2006. Fonte: FIDEM, 2016 [Flyer].



Figura 12. Hélder Batista "Pina Manique (1733-1805) Bronze, 1990. Fonte: Teixeira, 2016, p.100.



Figura 13. Hélder Batista, maquete "Monumento à Paz" / "O Pórtico e a Pomba" 1994. Fonte: Fotografia tirada por Rita Margarida Abrantes Dias.



Figura 14. Hélder Batista "Monumento aos Resistentes Antifascistas do Alentejo" 1996. Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/montemor-o-novo/monumentos/escultura-aos-resistentes-antifascistas-do-alentejo>.



Figura 15. Hélder Batista "75º Aniversário de Fernando Lopes Graça" Bronze, 80mm, estampada, 1982. Fonte: Batista, 2012, p.20.



Figura 16. Hélder Batista "Ano Internacional da Criança" Bronze 80mm, estampada, 1979
Fonte: Batista, 2012, p.12.

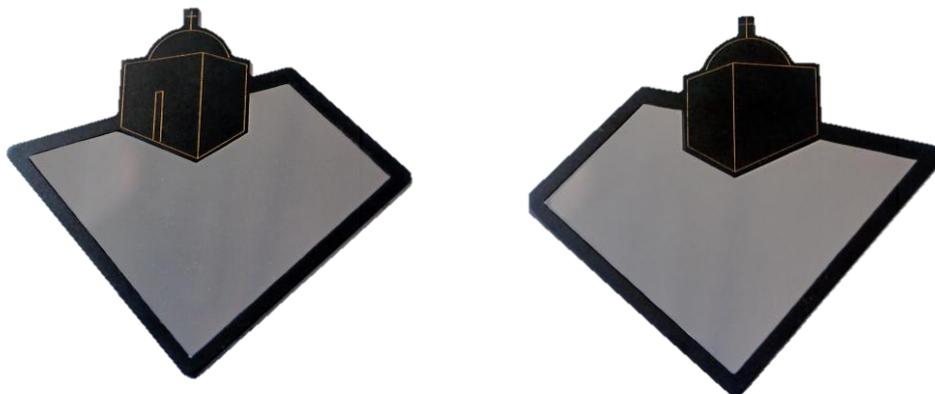


Figura 17. Hélder Batista "Ermida do meu lugar" Bronze, acrílicos colados, 85 x 80 mm, construção, 2002. Fonte: Batista, 2012, p.54.

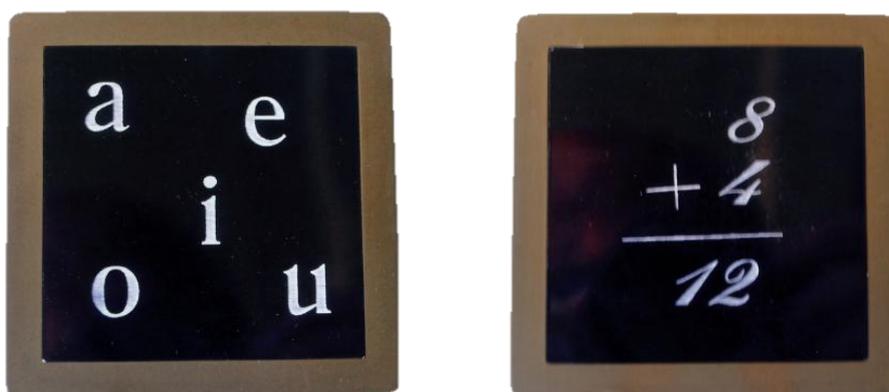


Figura 18. Hélder Batista "Primeiras letras" Bronze, acrílicos colados, 70 x 70mm, construção, 2002. Fonte: Batista, 2012, p.52.



Figura 19. Hélder Batista "125 anos da Escola Prática de Artilharia" Bronze, 80mm, estampada, 1982. Fonte: Batista, 2012, p.19.

3.2 | João Duarte (1952)

[...] *um desalinhado.*

(Pereira, 2010, p. 7)

O escultor e medalhista João Duarte, nasceu em Lisboa no ano de 1952. Estudou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (atual FBAUL), onde se graduou em Artes Plásticas - Escultura em 1978, marcando o início da sua carreira no campo das artes visuais (Duarte, s.d.).

Após completar os seus estudos, lecionou na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa de 1989 a 2012, onde começou como professor assistente de Hélder Batista e, mais tarde, assumiu o papel de regente da Unidade Curricular de Medalhística. Durante este período, foi membro fundador do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* e do projeto *Volte Face - Medalha Contemporânea*, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento e promoção da medalhística contemporânea em Portugal (Duarte, s.d.).

O seu papel como regente da UC de Medalhística foi consolidado e reconhecido em 2011 com a atribuição do prestigiado prémio *J. Sanford Saltus Award for Distinguished Achievement in the Art of the Medal*, concedido pela American Numismatic Society, em reconhecimento ao seu trabalho notável na área do ensino (American Numismatic Society, s.d.).

Além do seu trabalho académico, João Duarte é um dos sócios fundadores da Associação de Artistas de Vila Franca de Xira, além de ser membro efetivo da Academia Nacional de Belas-Artes e da FIDEM desde 1990 (Duarte, s.d.). O seu compromisso com a arte e a educação tem contribuído significativamente para o panorama artístico português.

Durante a sua carreira, editou mais de 200 medalhas, demonstrando a sua versatilidade, criatividade e dedicação à sua arte. O seu trabalho é apreciado e admirado tanto a nível nacional quanto internacional, deixando um legado duradouro no mundo da escultura e da medalhística.

Para compreender plenamente a riqueza e variedade do trabalho de João Duarte, selecionamos uma amostra de seis medalhas representativas de sua obra diversificada.

Esta análise é dividida em duas categorias distintas, cada uma refletindo facetas únicas do seu talento e criatividade.

Começamos por explorar três medalhas que representam a abordagem de João Duarte à “medalha como *Objecto Lúdico*” (Faria, 2011, p. 14) e “medalha-brinquedo” (Figueiredo, 2004). Estas obras são concebidas para incentivar a interação do público, convidando ao toque e à exploração. João Duarte utiliza uma variedade de materiais e técnicas, criando medalhas que não são apenas para serem vistas, mas também para serem manipuladas. Estas medalhas destacam-se por fazerem parte de uma distinta abordagem à medalhística. Esta característica da obra de João Duarte, distingue-se pela sua linguagem lúdica e interativa, conferindo aos objetos “uma noção de jogo ou brinquedo” (Figueiredo, 2013, p. 5).

No segundo grupo, observamos três medalhas que exemplificam o uso de formas primárias, como o círculo, o quadrado, o triângulo (...). Nestas obras, estas formas básicas são combinadas em volumes compósitos que se sobrepõem, destacam e/ou invadem, criando sugestões do real. A habilidade de João Duarte em conjugar essas formas simples em composições complexas destaca-se, oferecendo uma nova perceção sobre a medalhística tradicional e evidenciando a sua capacidade de inovar dentro dos limites da medalha.

É importante salientar que esta seleção é apenas uma amostra, escolhida para ilustrar o vasto espectro do trabalho de João Duarte, tanto em termos de temáticas quanto de processo criativo e inovação artística. A sua carreira e obra são vastas e abrangem uma diversidade de trabalhos e temas igualmente relevantes. Portanto, embora esta seleção não forneça uma visão geral completa do seu trabalho, ela destaca dois dos aspetos que considero mais pertinentes e representativos da sua trajetória artística.

Vejamos a medalha "16 Anos da Associação de Bem-Estar Infantil de Vila Franca de Xira", concebida por João Duarte em 1991, uma obra que celebra o aniversário da associação com uma abordagem lúdica e inovadora. Feita em bronze, numa combinação de técnicas de cunhagem e construção, a medalha caracteriza-se pela sua forma irregular que nos remete para um jogo tradicional.

O design da medalha faz referência ao jogo de tradicional conhecido como arco e gancheta. O círculo central da medalha é delineado com um bronze brilhante, enquanto a

área ao redor e a pega são trabalhadas com uma patina preta, criando um contraste dinâmico e visual marcante. Este contraste não só realça a forma e o tema do jogo, mas também simboliza a conexão entre o passado e o presente, refletindo a importância da tradição na celebração do 16º aniversário da associação.

A utilização do bronze como material principal reflete a durabilidade e a importância da associação na vida da comunidade, enquanto a patina preta adiciona um elemento de profundidade e complexidade ao design. A medalha é um tributo ao legado da associação e à sua contribuição contínua para o bem-estar infantil, capturando a essência do jogo tradicional como uma metáfora para a alegria e o desenvolvimento proporcionados pela instituição.

Em "16 Anos da Associação de Bem-Estar Infantil de Vila Franca de Xira", João Duarte combina a arte da medalhística com a nostalgia de um jogo clássico, oferecendo uma obra que celebra de forma tangível e memorável o impacto da associação na comunidade.



Figura 20. João Duarte "16 Anos da Associação de Bem-Estar Infantil de Vila Franca de Xira", Bronze, Irregular, Estampagem e Construção, 1991. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

A medalha "200 Anos do Estabelecimento Jerónimo Martins & Filhos", criada por João Duarte em 1992, é uma obra notável que se distancia da medalha tradicional e se insere no campo da medalha-objeto. Com uma construção em bronze e uma forma irregular, esta medalha reflete uma abordagem inovadora e interativa que desafia as convenções da medalhística clássica.

Embora feita de bronze, um material associado à durabilidade e tradição, a medalha evoca a sensação de jogos como o Jenga ou o cubo de Rubik, conhecidos pelo seu design desafiador e interativo. A medalha é composta por várias peças que se

encaixam umas nas outras, criando uma estrutura complexa e multifacetada que convida o observador a explorar a sua configuração.

Esta medalha não é apenas uma representação comemorativa do bicentenário do Estabelecimento Jerónimo Martins & Filhos; é uma obra que transforma o conceito de medalha num objeto de interação e contemplação. A utilização do bronze, tradicionalmente associado à solidez e ao peso histórico, contrasta com a estrutura modular e ajustável da medalha, oferecendo uma nova dimensão à celebração de uma instituição histórica.

A forma irregular da medalha, composta por peças interligadas, sugere um jogo de montagem e desmontagem, refletindo a ideia de construção e evolução ao longo dos 200 anos da empresa. Este design interativo não só atrai o observador, mas também simboliza a adaptação e a transformação contínua da instituição ao longo do tempo.

O uso de peças que se encaixam umas nas outras é uma metáfora visual para a interação e o progresso. Cada peça representa uma parte do legado e da história do Estabelecimento Jerónimo Martins & Filhos, que, ao se conectar com as outras, forma uma unidade coesa e significativa. Esta abordagem oferece uma nova perspetiva sobre a medalha, transformando-a de um simples objeto comemorativo numa obra de arte que celebra a evolução e a continuidade.

Em "200 Anos do Estabelecimento Jerónimo Martins & Filhos", João Duarte demonstra uma habilidade excepcional em combinar tradição e inovação. A medalha é um exemplo perfeito de como a arte pode reinterpretar e revitalizar a medalhística, utilizando a linguagem visual para comunicar a história e os valores de uma instituição de forma tangível e envolvente.



Figura 21. João Duarte "200 Anos do Estabelecimento Jerónimo Martins & Filhos", Bronze, Irregular, Construção, 1992. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

Também a medalha "25º Aniversário da ABEI - Associação de Bem-Estar Infantil da Freguesia de Vila Franca de Xira", criada por João Duarte em 2000, reflete uma abordagem criativa e interativa no design de medalhas. Feita em bronze com patina escura e acrílico colorido, a medalha incorpora elementos de cunhagem e construção, apresentando uma estrutura que lembra uma roca de brincar.

O design é dominado por uma sólida estrutura retangular de bronze, que serve de base para uma série de círculos de acrílico colorido de vários tamanhos. O eixo central que une os círculos permite que estes girem, criando um efeito visual dinâmico que remete ao brinquedo tradicional usado por bebês. Esta escolha de design não só celebra o 25º aniversário da ABEI, mas também simboliza o papel da associação no desenvolvimento e na alegria das crianças.

A combinação de bronze com acrílico colorido oferece um contraste vibrante e visualmente estimulante, representando a fusão entre a estabilidade e a modernidade. O bronze, com a sua patina escura, simboliza a solidez e o impacto duradouro da instituição, enquanto os círculos de acrílico adicionam uma dimensão de diversão, criatividade e um estímulo visual, refletindo o ambiente dinâmico e enriquecedor proporcionado pela ABEI.

A medalha, com o seu design inspirado na roca de brincar, oferece uma visão tangível da missão da associação de promover o bem-estar infantil de uma forma envolvente e festiva. João Duarte, com esta obra, consegue capturar a essência da celebração de uma instituição dedicada ao desenvolvimento das crianças, proporcionando uma obra que é ao mesmo tempo comemorativa e interativa.



Figura 22. João Duarte "25º Aniversário da ABEI- Associação de Bem-Estar Infantil da Freguesia de Vila Franca de Xira" Bronze e Acrílico, Irregular, Estampagem e Construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

A medalha "142º Aniversário das Comemorações da Polícia de Segurança Pública" é uma obra notável de João Duarte, exemplificando a sua habilidade em transformar elementos arquitetónicos em expressões artísticas. Utilizando aço inox e acrílico, João Duarte cria uma obra com dimensões irregulares que se destaca tanto pela sua técnica quanto pela sua complexidade visual.

Esta medalha é composta por vários elementos retangulares com chanfros a fazer ângulo de 90°. Visto de cima, a composição aparenta ser uma parte de uma planta arquitetónica, sugerindo a base estrutural de um edifício. Quando observada de frente, a medalha revela a fachada com os arcos do edifício, desvendando a sua inspiração arquitetónica e oferecendo uma nova dimensão ao observador. Este design evidencia o uso criativo de formas primárias, como o retângulo, com diferentes dimensões e espessuras, que se interligam em volumes complexos. A habilidade de João Duarte em converter essas formas simples em composições sobrepostas e proeminentes, que evocam sugestões do real, oferece uma nova perspetiva sobre a medalhística tradicional e destaca a sua capacidade de inovar.

A escolha dos materiais – aço inox e acrílico – não é acidental. O aço inox, com a sua durabilidade e resistência, reflete a solidez e a perseverança da Polícia de Segurança Pública. O uso de acrílico, por outro lado, introduz um elemento de modernidade, sugerindo a adaptabilidade e a abertura da instituição a novas tecnologias e métodos.

A medalha de João Duarte vai além de ser um simples objeto comemorativo; ela convida à interação e reflexão. A técnica de construção utilizada na medalha sublinha a importância da estrutura e da forma, enquanto os materiais escolhidos reforçam a mensagem de força e inovação. Ao combinar esses elementos, o autor não celebra apenas um marco histórico, mas também presta homenagem à evolução contínua da Polícia de Segurança Pública.

Em "142º Aniversário das Comemorações da Polícia de Segurança Pública", João Duarte demonstra a sua maestria em integrar forma e função, tradição e modernidade. Esta medalha é um exemplo perfeito de como a arte pode capturar e refletir a essência de uma instituição, utilizando a linguagem visual para comunicar valores e história de maneira tangível e acessível.

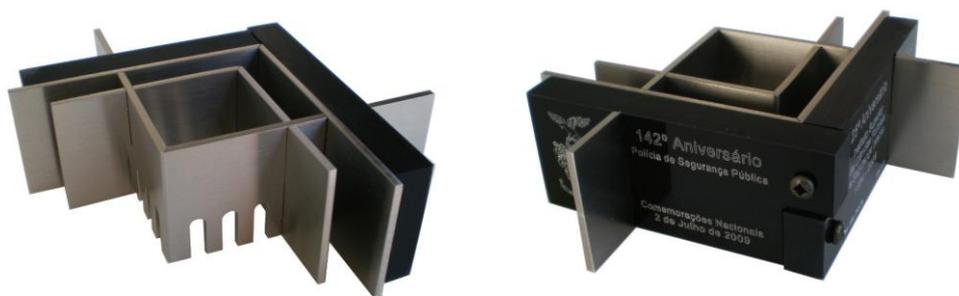


Figura 23. João Duarte "142º Aniversário das Comemorações da Polícia de Segurança Pública", Aço Inox e Acrílico, Irregular, Construção, 2009. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

A medalha “Domus, Domus” (bronze e aço inoxidável, Ø 80 mm, construção, 2012) criada por João Duarte a convite do British Art Medal Society do British Museum de Londres, culmina numa combinação de materiais e técnicas, com as quais transmite uma mensagem visualmente impactante.

O título "Domus Domus" (2012) sugere uma conexão com a ideia de lar ou moradia, evocando uma sensação de conforto e pertença. A escolha deste título pode indicar a intenção do artista de explorar temas relacionados com a identidade, a memória ou a história.

No anverso da medalha, uma casa surge como uma representação tangível do conceito de lar. Esta representação tridimensional da casa não só transmite uma sensação de familiaridade e segurança, mas também reforça o tema central da medalha, convidando o observador a refletir sobre o significado e a importância do conceito de “lar” na nossa vida.

No reverso da medalha, uma abertura com a representação de um vão de escadas poderá sugerir uma progressão em movimento ascendente, simbolizando o caminho da vida. Cada degrau sugere uma etapa ou desafio a ser superado, enquanto o detalhe do varandim ou pátio ao redor da plataforma da medalha cria uma sensação de continuidade com o anverso, estendendo simbolicamente o conceito de lar além das fronteiras físicas.

Numa memória descritiva, João Duarte enriquece a interpretação desta medalha através de um texto, que, mais do que um poema, parece-nos ser uma reflexão poética sobre a temática da obra (Duarte, 2012).

Anverso:

Talvez eu esteja de regresso à Domus, antes mesmo de o dia findar.

Que aconteça o que tiver de ser.

Deixo o vento conduzir-me à Domus.

Eu porém, irei ficar sempre no meu caminho na Domus.

Porque a Domus sempre me circunda."

Reverso:

Os degraus da vida dão novas ligações, porque em todo o começo reside um encanto, que nos protege e ajuda a viver.

De degrau em degrau nos elevamos e nos aumentamos.

(Duarte, 2012)

No anverso, a expressão "Talvez eu esteja de regresso à Domus, antes mesmo de o dia findar" sugere uma sensação de retorno ao lar ou à origem, mesmo antes do final da jornada. Isto pode ser interpretado como uma reflexão sobre a busca pela essência ou pelo sentido de pertença, independentemente das circunstâncias ou do momento da vida. A ideia de deixar o vento conduzir e permanecer no próprio caminho na "Domus" (lar) pode representar a aceitação do destino ou da jornada pessoal, enquanto se reconhece a constante influência do lar na vida de uma pessoa.

No reverso, a metáfora dos "degraus da vida" sugere um processo contínuo de crescimento e evolução, onde cada novo começo oferece oportunidades para se conectar e avançar. A referência ao "encanto" presente em cada início pode ser interpretada como uma valorização das experiências únicas e das possibilidades que surgem ao longo do caminho. O texto evoca a ideia de que, ao subirmos os degraus da vida, nos tornamos mais fortes e completos, enriquecendo-nos com cada experiência vivida.

É interessante a escolha do nome da medalha, o autor podia ter escolhido simplesmente o nome "casa" ou "lar", mas, de facto "Domus" é a tradução direta de casa para o latim, mas é mais do que isso... a Domus romana era mais do que uma casa, era um conceito, um ambiente. Nas Domus habitavam os patrícios, que eram pessoas/famílias abastadas. A Domus não tinha vista para a rua, apenas tinha o peristilo, que era um átrio aberto. Isto vem de encontro ao refletido pelo autor, o conceito de Domus romano, protege do exterior, dá privacidade, e acolhe.

Em suma, tanto o anverso quanto o reverso da medalha "Domus Domus" parecem transmitir mensagens de reflexão sobre a jornada humana, a busca pelo lar e pela identidade, bem como o contínuo processo de crescimento e transformação ao longo da vida.



Figura 24. João Duarte "Domus Domus" Bronze e aço inox, Ø 80 mm, construção, 2012. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

A medalha "40 Anos do 25 de Abril" de João Duarte, criada para a União das Juntas de Freguesia de Alhandra, Calhandriz e São João dos Montes, é uma obra singular que exemplifica a habilidade do artista em inovar dentro do campo da medalhística contemporânea. Ao utilizar bronze e acrílico, João Duarte cria uma obra com uma dimensão de 90mm, datada de 2014, que marca uma transição significativa na sua abordagem à medalha. Apesar da forma circular característica da medalha tradicional, esta medalha tem uma expressão tridimensional e é composta por mais do que um material, um clássico (bronze) e o outro contemporâneo (acrílico).

Esta medalha assinala uma evolução da medalha clássica, para uma medalha-objeto ou “medalha-brinquedo” (Figueiredo, 2004). O destaque da medalha é um cravo composto por várias placas de acrílico recortado, que conferem profundidade à flor, simbolizando a Revolução dos Cravos de 1974. Esta escolha não é apenas estética, mas também profundamente simbólica, capturando a essência do 25 de Abril através da representação tridimensional do cravo, um ícone da liberdade e da resistência.

Adicionalmente, a medalha evoca a imagem de um pião de brincar, graças a um varão redondo que a trespassa, perpendicularmente as faces do objeto, de um lado ao outro. Esta característica não só adiciona um elemento de interatividade e movimento à obra, mas também sugere um sentido de dinamismo e continuidade histórica, refletindo a natureza lúdica e transformadora da revolução de Abril.

A utilização dinâmica dos dois materiais parece ter sido cuidadosamente pensada, o bronze, um material tradicional e durável, representa a solidez e a permanência dos

ideais do 25 de Abril, de forma contrastante, o acrílico introduz uma dimensão moderna e translúcida, simbolizando a inovação e a esperança de uma nova era.

A medalha "40 Anos do 25 de Abril" vai além de um simples objeto comemorativo; é uma obra que convida à interação e à reflexão. A construção da medalha sublinha a importância da forma e da profundidade, enquanto a combinação de materiais reforça a mensagem de resistência e renovação. Ao juntar estes elementos, João Duarte não celebra apenas um marco histórico, mas também presta homenagem ao espírito contínuo da Revolução dos Cravos.

Nesta obra, Duarte demonstra a sua maestria em integrar tradição e modernidade, forma e função. Esta medalha é um exemplo perfeito de como a arte pode capturar e refletir a essência de um momento histórico, utilizando a linguagem visual para comunicar valores e história de maneira tangível e acessível.



Figura 25. João Duarte "40 Anos do 25 de Abril" União das Juntas de Freguesia de Alhandra, Calhandriz e São João dos Montes, Bronze e Acrílico, 90mm, Construção, 2014. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

João Duarte é uma figura ímpar no universo da medalhística contemporânea portuguesa, reconhecido pela sua inovação e capacidade de transcender limites formais. Descrito como um “desalinhado” e transgressor das “fronteiras do círculo” (Pereira, 2010, p. 8), João Duarte mantém, contudo, uma “fidelidade inabalável” (Pereira, 2010, p. 8) aos valores intrínsecos da medalha, encontrando novas soluções comemorativas e comunicativas dentro deste formato.

A obra do autor é caracterizada por uma “linguagem conceptual que tem sempre subjacente uma noção de jogo ou brinquedo” (Figueiredo, 2013, p. 9). As suas medalhas destacam-se sobretudo pela sua interatividade e caráter lúdico, exigindo a participação

ativa do expectador, que as deve tocar, experimentar e usar para apreciar plenamente todo o seu potencial. Estas obras são, assim, mais do que objetos estáticos; são microcosmos dinâmicos que combinam formas e materiais de diversa origem, muitas vezes vibrantes de cor, que “rolam ou balançam, expondo ou ocultando, num permanente jogo de escondidas com o interlocutor” (Figueiredo, 2013, pp. 9-10).

A paixão de João Duarte pela criação de medalhas é evidente, mesmo quando estas obedecem a encomendas públicas para comemorar acontecimentos ou evocar efemérides. O autor encontra grande satisfação pessoal na sua arte, e esta alegria transparece nas suas criações, que não são subprodutos das suas esculturas de maior formato, mas sim obras com “vida própria” (Figueiredo, 2004). Em comum com as suas esculturas mais monumentais, as medalhas de Duarte são marcadas pelo “divertimento generoso que deseja partilhar com a humanidade” (Figueiredo, 2004).

João Duarte é também reconhecido pela sua generosidade e dedicação. “Vejo-o sempre a correr, normalmente para tratar de causa alheia” (Figueiredo, 2004), o que reflete o seu caráter incansável e altruísta. Como professor de Medalhística na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e membro fundador de diversos grupos e centros de estudo, a sua influência e carisma têm inspirado gerações de jovens artistas, contribuindo significativamente para o vigor atual da medalhística em Portugal.

Nas suas medalhas, João Duarte reflete “a criança amável que tem dentro de si e que teima em conservar” (Figueiredo, 2004). As suas criações são “transparentes, diretas, sem sofisticações de retórica” (Figueiredo, 2004) e possuem uma capacidade quase ingénua de maravilhar-se com o mundo. Utiliza uma variedade de materiais e cores, conjugando metal com acrílico e utilizando tons vibrantes, o que “contribui para engrandecer a sua capacidade lúdica” (Figueiredo, 2004).

A capacidade do autor de se adaptar aos desafios de qualquer tema, impulsiona a busca por novas soluções criativas, refletindo-se na inteligente combinação de diversas técnicas e materiais. Podemos observar esta dinâmica na sua obra medalhística, onde João Duarte explora várias técnicas de produção e reprodução da medalha. Desde a medalha fundida, onde são exemplo a medalha “Ambivalência II”, 2007 (Fig.26) a “Landscape”, 2007 (Fig.27) e a “Depression”, 2010 (Fig.28), passando pela técnica da construção onde se destacam obras como a medalha “150º Aniversário do Banco de Portugal, E. Ps”, 1996

(Fig.29) e a medalha referente à “Exposição Individual de Medalha Contemporânea de João Duarte”, 1997 (Fig.30).

Como vimos, o trabalho do autor distingue-se pela dimensão lúdica e interativa nas suas criações, exemplo disso é a medalha “Quotidiano I”, 1997 (Fig.31). A dinâmica entre os materiais, aplicada nos trabalhos de João Duarte é bem visível em obras como, a medalha “Centenário do Elevador de Santa Justa”, 2002 (Fig.32), a medalha “Ambivalência IV”, 2007 (Fig.33), a “Apocalypse” 2008 (Fig.34), a “Bacchus” 2008 (Fig.35) e a medalha “Orpheus” 2008 (Fig.36).

A obra de João Duarte é, assim, uma celebração da forma e da interação, uma reinterpretação da medalha como objeto lúdico e de conhecimento. Através da sua arte, o autor transforma a medalha tradicional num convite ao jogo e à exploração, permitindo que o público descubra novos significados e experiências em cada medalha. Com um espírito moderno, Duarte incorpora um sentido lúdico e especulativo no seu processo criativo, desafiando as convenções ao explorar as possibilidades formais de maneira inovadora. Este jogo exploratório de formas torna a sua obra não apenas visualmente cativante, mas também intelectualmente estimulante.

3.2.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de João Duarte⁴⁴

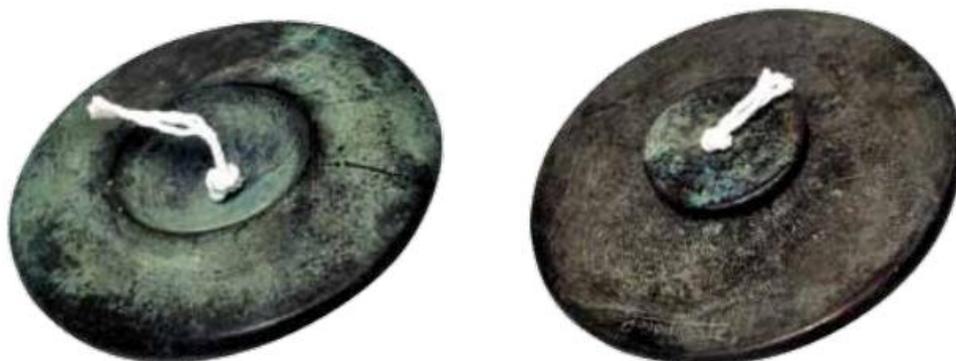


Figura 26. João Duarte "Ambivalência II" Bronze, irregular, fundição, 2007. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo. Fonte: Duarte, 2013, p.142.



Figura 27. João Duarte "Landscape" Bronze e ferro, irregular, fundição, 2007. Fonte: Duarte, 2013, p.147.

⁴⁴ Ver entrevista ao autor no Anexo I.I pp. 164-169.



Figura 28. João Duarte "Depression" Bronze, irregular, Fundição, 2010. Fonte: INCM, 2010, p.84.

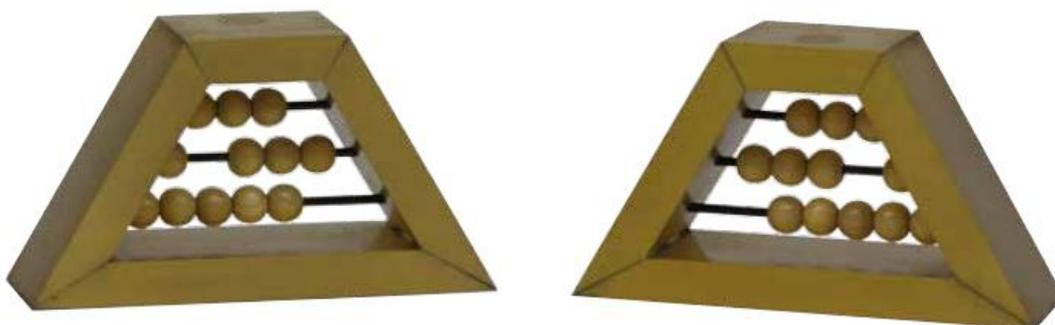


Figura 29. João Duarte "150º Aniversário do Banco de Portugal, E. P." Bronze e madeira, irregular, construção, 1996. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 30. João Duarte "Exposição Individual de Medalha Contemporânea de João Duarte" Bronze e papel manual, irregular, construção, 1997. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 31. João Duarte "Quotidiano I" Bronze e acrílico, irregular, construção, 1997. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 32. João Duarte "Centenário do Elevador de Santa Justa" Bronze e acrílico, irregular, construída, 2002. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 33. João Duarte "Ambivalência IV" Faiança, bronze e fio de algodão, irregular, construída, 2007. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 34. João Duarte "Apocalypse" Bronze, acrílico, papel e fio de algodão, Ø 90 mm, fundição e construção, 2008. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 35. João Duarte "Bacchus" Bronze, cortiça e pano-cru, Ø 80 mm, construção, 2008. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.



Figura 36. João Duarte "Orpheus" Bronze, madeira e fio de algodão, Ø 80 mm, construção, 2008. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

3.3 | Vítor Santos (1946)

Versatilidade e Perseverança

(Batista, 2002, p. 21)

Vítor Santos, natural de Algés, nasceu a 7 de junho de 1946. Formado em Desenhador Gravador Litógrafo na Escola de Artes Decorativas António Arroio, completou a sua formação com uma licenciatura em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e um Mestrado em Desenho já na atual Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Enquanto aluno, foi membro fundador do grupo *Anverso/Reverso*.

Enquanto concluía os seus estudos, Vítor Santos trabalhou como designer gráfico nos Correios de Portugal, onde executou perto de duas centenas de selos, além de emissões conjuntas com China, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, e Timor. Estes trabalhos evidenciam a sua mestria na representação gráfica⁴⁵.

Vítor Santos é o autor da face nacional da moeda do Euro em Portugal (Anverso/Reverso, 2004), tendo criado várias outras moedas comemorativas, como a dedicada a Joaquim Agostinho (2019), os 70 Anos de Paz na Europa (2015), e a José Saramago (2013) (Anverso/Reverso, 2009, p. 23).

Além da sua carreira nos Correios de Portugal, Vítor Santos trabalhou como professor convidado da UC de Ilustração Editorial no Mestrado de Desenho na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa entre 2008 e 2015. O seu trabalho continua a refletir a sua dedicação à promoção da medalhística, incluindo o estudo da medalha digital.

Vítor Santos é membro ativo da FIDEM, está também envolvido na Associação dos Artistas Plásticos do Concelho de Vila Franca de Xira. É Académico Correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes, destacando-se como uma figura influente na arte contemporânea em Portugal. O seu trabalho está representado em diversas coleções, incluindo no departamento de Medalhas e Moedas do Museu Britânico, onde constam as medalhas criadas para o “5º Centenário do Convento de Jesus”, os 50 e 60 anos da “Polyphonia”.

⁴⁵ Informação cedida pelo autor em conversa pessoal. Anexo I.II pp. 170-174.

O percurso artístico de Vítor Santos é marcado pela fusão de tradição e inovação. Com uma carreira sólida na medalhística, o autor combina a sua formação técnica com uma visão contemporânea, explorando a evolução da medalha como forma de arte. Esta análise irá focar-se em quatro medalhas do autor, que representam distintas fases da sua obra: uma medalha mais tradicional, centrada no trabalho de modelação e nas produções convencionais; duas medalhas com técnicas de assemblage e apropriação de objetos do quotidiano para novas finalidades; e uma medalha representativa de uma vertente mais atual da obra do autor - a medalha digital - que integra novas tecnologias.

A primeira medalha a ser analisada é a “Medalha Evocativa da Vila de Óbidos” (1993), que evidencia a maestria do autor na modelação, refletindo as técnicas tradicionais que emprega para dar vida às suas visões. Seguidamente iremos abordar as medalhas “50 anos da Polyphonia” (1993) e “Novo Milénio” (2000), onde o autor recorre a objetos com funcionalidade para criar novos e distintos exemplares. Por último a medalha “As crianças são como os passarinhos” (2008), uma medalha digital que revela a capacidade do autor de se adaptar às novas tendências, utilizando tecnologia de ponta para criar obras que desafiam as normas estabelecidas e expandem as possibilidades da medalhística contemporânea.

A “Medalha Evocativa da Vila de Óbidos” (1993), traduz visualmente a essência e o encanto desta vila histórica. A medalha apresenta-se como um objeto de arte de formas orgânicas, com um relevo arredondado que evoca uma relação simbólica com o corpo feminino, sugerindo maternidade e proteção.

No anverso, as formas suaves fazem lembrar o contorno de um seio, uma clara alusão à ideia de acolhimento e cuidado maternal, associada à vila que, historicamente, foi doada por reis às suas rainhas. Este detalhe, mencionado pelo autor em conversa pessoal, reforça a ligação ao feminino, personificada na medalha tanto pela doação das terras às rainhas como pela evocação da obra de Josefa d'Óbidos, uma artista de grande renome associada à vila. A inscrição “Vila de Óbidos” no topo realça a identidade do lugar. O relevo à direita apresenta o brasão do município, como se fosse uma medalha de um colar, que cai sobre a sugestão do seio, reforçando essa simbologia protetora. Além disso, o mamilo é representado pela forma da vila vista de cima, um detalhe subtil que liga a geografia ao conceito de nutrição e proteção maternal.

No reverso, um trabalho delicado de baixo-relevo representa a vila de Óbidos, com as suas casas típicas e muralhas. O casario surge protegido pelas muralhas, à semelhança da mãe que protege os seus filhos, em consonância com a temática de proteção e segurança materna que a medalha sugere. A inscrição "Câmara Municipal de Óbidos" no topo do reverso conecta a medalha à vila e às suas instituições, sublinhando a sua importância histórica e cultural.

Assim, esta medalha, concebida em bronze, reflete a importância histórica de Óbidos, tanto pelo seu simbolismo feminino como pela sua ligação à realeza, e é uma homenagem à vila como uma verdadeira "joia" preservada no tempo.



Figura 37. Vítor Santos “Medalha Evocativa da Vila de Óbidos” Bronze, Ø 80mm, Estampagem, 1993. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.

A medalha "50 Anos da Polyphonia"(1993), com 80 mm de diâmetro e cunhada em bronze, destaca-se pela singularidade do seu design, que integra um diapasão, um elemento tridimensional e funcional. Este instrumento é essencial para maestros e músicos, servindo para afinar os instrumentos, o que sublinha a relação intrínseca entre a medalha e a música.

No anverso, a meia esfera em negativo, que confere um efeito oco, evoca o eco e a acústica do som. Esta escolha estética não só é visualmente impactante, mas também sugere a profundidade e a ressonância da música, simbolizando a harmonia que se busca na prática musical. A forma negativa pode ser interpretada como um espaço vazio que se preenche com som, criando uma conexão entre o objeto e o ato de ouvir.

No reverso, a medalha apresenta um círculo saliente que contém um círculo menor no centro, curvado com textura. Este design pode representar a propagação do som,

ilustrando como as ondas sonoras se espalham e reverberam no espaço. A textura e a curvatura do círculo interno evocam a complexidade dos instrumentos musicais e suas sonoridades distintas, destacando a diversidade na música e a riqueza que a Polyphonia representa.

Assim, esta medalha não é apenas uma obra de arte comemorativa, mas também uma reflexão sobre a música, sua natureza efêmera e a importância da afinação e da harmonia. Ao combinar a tradição da medalhística com um elemento funcional, a medalha torna-se um tributo à Polyphonia e à sua contribuição ao mundo musical, celebrando 50 anos de dedicação e criatividade.



Figura 38. Vítor Santos "50 Anos da Polyphonia" Bronze, Ø 80mm, Estampagem, 1993. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.

A medalha “Novo Milênio” (2000), de Vítor Santos, construída a partir da apropriação de um coador de chá, e sementes no seu interior, apresenta uma abordagem inovadora, com a estrutura remetendo a um objeto do cotidiano. Contudo, a simplicidade funcional deste objeto esconde uma profundidade simbólica: parece carregar consigo uma mensagem de preservação e esperança para o novo milênio, funcionando como uma cápsula do tempo que contém as sementes do futuro.

Tal como muitos artistas que abordaram o tema do novo milênio nas suas medalhas (Teixeira, 2005, p. 51), Vítor Santos oferece uma interpretação própria e inovadora. De acordo com o estudo dos temas, filiado ao método iconográfico, que

permite comparar diferentes formas de abordar a mesma referência, esta medalha assume uma visão única do novo milênio. Vítor Santos foca-se num símbolo de preservação, onde o conceito de um amanhã em construção é expresso através das sementes encapsuladas, sugerindo um olhar para o futuro de maneira original e poética.

A escolha das sementes, envolvidas pela rede metálica, reforça a ideia de um futuro que está a ser preparado, onde aquilo que semeamos hoje poderá germinar nas gerações vindouras. O uso de materiais industriais, como o alumínio e o aço, representa a solidez e a durabilidade, enquanto as sementes, frágeis, mas cheias de potencial, simbolizam a vida e o crescimento. Este contraste entre o industrial e o orgânico pode ser interpretado como uma reflexão sobre a necessidade de equilíbrio entre progresso tecnológico e sustentabilidade ambiental.

Assim, esta medalha torna-se uma metáfora para a preservação e a esperança, encapsulando as possibilidades e os desafios que o futuro traz.



Figura 39. Vítor Santos "Novo Milênio" Alumínio, aço e sementes, 93 x 80 x 65 mm, Construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.

A medalha “As crianças são como os passarinhos” (2008) de Vítor Santos é uma medalha digital, que, tal como a medalha “As crianças e os gatos gostam de colo” (2015) (Fig.41), é dedicada ao nascimento das netas do autor. Criada num programa 3D que permite impressão, ela representa a inovação tecnológica na medalhística contemporânea.

A medalha evoca a liberdade associada aos pássaros, que representam a capacidade de voar em busca de seus próprios destinos, mesmo que estejam interligados

aos seus filhos. Essa metáfora expressa a relação entre a liberdade individual e as conexões familiares, enfatizando a importância do apoio e do amor nas fases iniciais da vida.

Esta obra captura a essência da infância, tecendo uma narrativa que une a liberdade à necessidade de conexão emocional. Além de transmitir uma mensagem pessoal de amor familiar, evidencia o carinho do autor pela medalhística. A busca constante pela reinvenção e inovação no seu trabalho reflete um compromisso com a evolução da arte da medalha, resultando numa obra que não apenas celebra a vida e as relações, mas também desafia as convenções tradicionais da medalhística.



Figura 40. Vítor Santos "As crianças são como os passarinhos", PLA, Construção medalha digital, 2008. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.

A abordagem artística de Vítor Santos caracteriza-se por uma contínua reinvenção, explorando a fusão entre o tradicional e o contemporâneo, com um foco particular na inovação através da medalha digital. Num contexto em que as medalhas de encomenda se tornaram mais raras, o autor encontrou no meio digital uma oportunidade única para continuar a criar sem as limitações materiais e financeiras impostas pela produção física. A medalha digital permite-lhe, então, romper barreiras criativas, transformando a arte em algo acessível, sem necessidade de a converter imediatamente em matéria real, oferecendo ao artista uma nova plataforma de expressão livre e dinâmica.

Ao longo da sua carreira, Vítor Santos procurou sempre inovar, integrando materiais e técnicas diversificadas nas suas criações, como se pode ver em obras icónicas como a medalha “510 Anos da Santa Casa da Misericórdia do Porto” (2009) (Fig.42). Nesta obra, a combinação de aço inoxidável, acrílico e latão exemplifica a sua abordagem experimental, pela utilização de uma técnica de construção que valoriza tanto a estética

quanto a mensagem. Outra obra, “O Desenho de Guerra de Adriano de Sousa Lopes” (2006) (Fig.43), revela a sua versatilidade ao utilizar bronze, com o anverso gravado a ponta de diamante e o reverso serigrafado, num diálogo entre precisão técnica e criatividade.

Vítor Santos também explora o simbolismo em obras como a medalha “150 Anos do Selo Postal Português” (2003) (Fig.44), uma medalha que combina bronze, acrílico e um selo, utilizando a técnica da cunhagem para criar um objeto singular que transcende o convencional. A sua medalha “O Jogo da Madalena” (Fig.45), em cortiça, reflete uma ligação à sustentabilidade, reiterando o seu compromisso com a exploração de materiais não tradicionais.

A capacidade de Vítor Santos para reinventar a medalhística, integrando o digital com a materialidade, propõe um novo paradigma para esta arte em Portugal. O seu trabalho abre caminho para futuras gerações de artistas, mostrando que a medalha pode ser tanto um objeto tangível quanto um espaço de exploração conceptual, onde o passado e o futuro se entrelaçam sem limites.

3.3.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de Vítor Santos⁴⁶

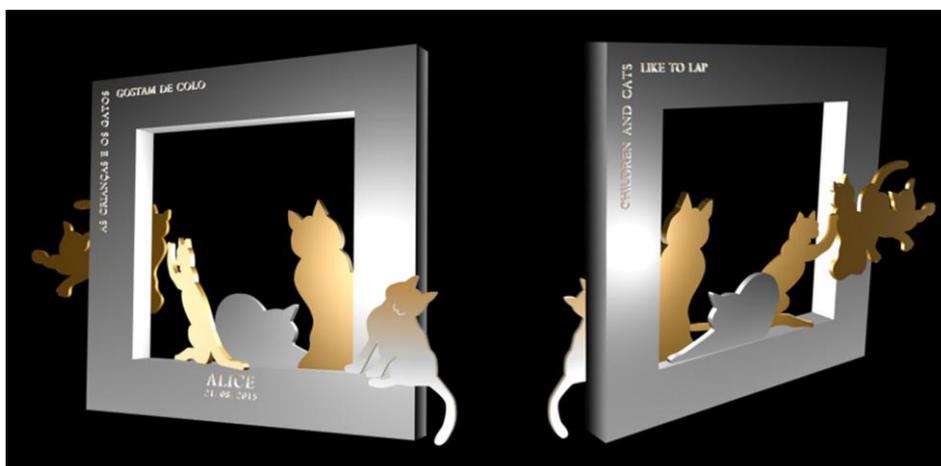


Figura 41. Vítor Santos "As crianças e os gatos gostam de colo", medalha digital, 2015. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.



Figura 42. Vítor Santos "510 Anos da Santa Casa da Misericórdia do Porto" aço inox, acrílico e latão, 100mm, construída, 2009. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.

⁴⁶ Ver entrevista ao autor no Anexo I.II pp. 170-174.



Figura 43. Vítor Santos "O desenho de Guerra de Adriano Sousa Lopes", Bronze, Ø 80 mm, Construída, Ponta de diamante e serigrafia, 2006. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.



Figura 44. Vítor Santos "150 Anos do Selo Postal Português" Bronze, acrílico e selo, irregular, Estampada, 2003. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.



Figura 45. Vítor Santos "O Jogo da Madalena" cortiça, construção (s/d). Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos.

3.4 | José Simão (1960)

[...] coleta, com o olhar de um esteta [...] ⁴⁷

(Teixeira, 2020, p. 150)

José Simão nasceu em 1960, em Castelo Branco, é escultor, medalhista e joalheiro contemporâneo. Formou-se em Engenharia de Máquinas pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa em 1986, e concluiu a sua licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 1994. O seu percurso académico inclui ainda uma pós-graduação em Desenho pela FBAUL em 2006, e a fase curricular do Doutoramento em Belas-Artes, no ramo de Design de Equipamento, em 2016 (Anverso/Reverso, 2021, p. 23).

José Simão começou a participar em exposições internacionais em 1994 e foi premiado em várias ocasiões, destacando-se o Prémio para a Melhor Medalha Cunhada no XXVI Congresso Internacional da FIDEM, em Haia, em 1998, com a medalha “Natália Correia” (1997). É membro da FIDEM desde 1995 e do grupo *Anverso/Reverso* (Anverso/Reverso, 2009, p. 11).

Além da sua produção artística, José Simão é Professor Adjunto na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, onde dirige a ESART Project Factory e coordena o Mestrado em Design de Interiores e Mobiliário. O seu papel como professor é crucial na formação de novas gerações de artistas e designers, assegurando a continuidade do espírito criativo e inovador no campo das artes aplicadas (Anverso/Reverso, 2021, p. 23).

Desde o início da década de 90, José Simão tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho consistente, criando cerca de vinte esculturas para espaços públicos e mais de cinquenta obras no campo da medalhística e numismática. As suas obras estão presentes em coleções privadas e públicas, tanto em espaços interiores como exteriores, refletindo uma abordagem diversificada. Paralelamente, tem explorado a joalheria, investigando o uso de materiais locais, como madeiras, em diálogo com os recursos naturais da sua região (Anverso/Reverso, 2021, p. 23).

⁴⁷ Tradução livre.

Com uma carreira multifacetada e marcada pela experimentação, José Simão tem deixado uma marca indelével no panorama artístico português, destacando-se pela sua capacidade de inovar, ao mesmo tempo que continua a inspirar os seus alunos com a sua dedicação à prática artística.

O percurso artístico de José Simão é marcado por uma profunda conexão com a natureza. Com uma carreira sólida, Simão combina a sua formação técnica e o seu olhar estético para explorar a relação entre arte e mundo natural, transformando materiais simples em obras de grande significado. Esta análise focar-se-á em 5 medalhas do artista, destacando a sua versatilidade e a riqueza temática de cada obra. Por ordem cronológica começamos pela análise de “O traço e a Sombra” (2008), seguida da medalha-joia “Medalha de Ouro Vila de Penamacor” (2009), seguidamente as duas medalhas “Janelas para o Futuro” (2019) e “Poema ao Universo” (2019), feitas em madeira e elementos naturais, refletindo a sensibilidade de Simão em capturar a essência da vida vegetal. E por fim a medalha “Tribute to Amanullah Heiderzad - *Anverso/Reverso* Group” (2023), tal como a medalha-joia referida anteriormente, também esta é elaborada em metal e pode ser considerada uma obra de joalheria, uma vez que pode ser utilizada como pendente.

Simão frequentemente entrelaça as suas duas vertentes artísticas, medalhística e joalheria, criando obras que transcendem as funções tradicionais de cada forma de arte. Ao incorporar elementos naturais e madeiras nobres nas suas joias, ele não só eleva a medalha a uma forma de expressão estética, mas também oferece um novo significado e contexto ao objeto. Este diálogo entre a medalhística e a joalheria confere às suas obras uma qualidade única, permitindo que sejam apreciadas tanto como obras de arte quanto como adornos pessoais.

Começamos a nossa análise com a medalha "O Traço e a Sombra" (2008), descrita pelo autor como "o desenho do próprio destino" (Diário Digital Castelo Branco, 2012), é uma obra que combina a simplicidade do material oxidado com a complexidade das formas e sombras projetadas. A chapa oxidada constitui a base desta obra, envolta por uma cercadura que define e limita o espaço, como se estabelecesse fronteiras físicas e conceptuais.

No anverso, o escultor incorpora um fragmento de um perfil em “L”, uma forma que o autor descreve como “elegante e dinâmica” (Diário Digital Castelo Branco, 2012).

Esta forma emerge do plano, criando novos volumes e espaços ao seu redor, como uma extensão que parece desenhada no ar. Este elemento geométrico destaca-se contra o fundo oxidado, sugerindo uma intervenção controlada num material marcado pelo tempo.

O reverso da medalha é onde a interação entre luz e sombra ganha protagonismo. A luz incide sobre uma pirâmide que se projeta no plano, e a sua sombra geométrica é lançada sobre a superfície oxidada, desenhando um jogo visual de profundidade. Neste jogo de luz e sombra, surge uma “sombra irmã”, criada pela remoção da ferrugem até revelar o metal subjacente, num processo que o artista compara a "desenhar o próprio destino" (Diário Digital Castelo Branco, 2012). Esta ação de remoção da oxidação, longe de ser uma simples limpeza, representa a escavação da camada superficial até chegar à essência do ferro, revelando as marcas e os traços ocultos.

A medalha, ao explorar o contraste entre as formas geométricas, a ferrugem, e a interação com a luz, reflete a ideia de como o tempo e o destino esculpem e transformam, tanto no material como no conceito. A oxidação, tradicionalmente vista como uma deterioração, aqui é integrada como parte essencial do processo criativo, traçando uma narrativa de transformação contínua.



Figura 46. José Simão “O traço e a Sombra” ferro oxidado, 80x80x48mm, construída, 2008. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

Foquemo-nos agora na "Medalha de Ouro Vila de Penamacor" (2009). Esta medalha apresenta um design meticulosamente trabalhado, que combina a modernidade das técnicas de produção com a rica herança histórica e cultural da vila. Inspirada no brasão de Penamacor, a medalha celebra a função histórica da vila como posto avançado de defesa territorial. O escudo de Penamacor reflete essa condição: o crescente simboliza

a conquista da vila aos mouros, a espada evoca a sua relevância como praça de armas, e a chave representa o seu papel como guardião da fronteira (C.M.Penamacor, s.d.).

O topo da medalha apresenta um recorte detalhado, simbolizando os motivos da chave do brasão, enquanto a parte inferior, em formato circular, exhibe o crescente lunar invertido e a espada, símbolos centrais da história da vila. Estes elementos estão habilmente recortados no metal, reforçando o simbolismo de defesa e integridade territorial, enquanto a legenda "Medalha de Ouro Vila de Penamacor" contorna a parte inferior, conferindo à obra uma dimensão oficial e comemorativa.

É interessante observar que, apesar de a medalha sugerir uma delicadeza comparável às joias tradicionais portuguesas – especialmente a filigrana, com o seu trabalho minucioso e padrões ornamentais – ela é produzida através de uma técnica contemporânea: o corte a laser. O contraste entre a sugestão de um trabalho manual, intrínseca à comparação com a joalheria, e a precisão industrial do corte a laser revela a dualidade do processo criativo de José Simão, onde elementos históricos são reinterpretados com recursos tecnológicos modernos. Assim, a "Medalha de Ouro Vila de Penamacor" pode ser vista não apenas como uma medalha comemorativa, mas também como um pendente que reinterpreta elementos históricos através de uma lente contemporânea, cruzando tradição e inovação.



Figura 47. José Simão "Medalha de Ouro Vila de Penamacor", latão patinado, 37 x 70 x 2 mm, corte a laser, 2009. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

Voltamos o olhar para as medalhas “Janelas para o Futuro” (2019) e “Poema ao Universo” (2019), que revelam a intersecção entre arte, natureza e a profunda relação do artista com o mundo botânico. Ambas as obras são construídas com madeiras nobres e elementos naturais, refletindo a sensibilidade de Simão em capturar a essência da vida vegetal. As medalhas emergem de um processo meticuloso de recolha e observação, onde cada detalhe é tratado com a veneração que se reserva a uma obra-prima. Enquanto “Janelas para o Futuro” evoca a ideia de preservação e a fragilidade da biodiversidade, “Poema ao Universo” é uma celebração da diversidade e complexidade da própria existência. Juntas, estas medalhas formam uma ode à natureza, explorando temas de memória, resiliência e a contínua transformação do mundo natural.

A medalha “Janelas para o Futuro” (2019) apresenta-se como um delicado relicário que simboliza a preservação da biodiversidade e a memória das espécies em risco de extinção. Confeccionada em madeira de medronheiro e adornada com sementes de tília, esta medalha possui um design que sugere tanto fragilidade quanto resiliência. O arranjo de cinco elementos nas laterais da medalha evoca a imagem de uma família unida num espaço seguro, refletindo a importância da coletividade na conservação da natureza (Teixeira, 2020, pp. 150-151).

O enquadramento circular superior, adornado com filamentos vegetais, faz lembrar os vitrais de uma catedral, conectando o sagrado à experiência natural. Esta alusão religiosa, ou espiritual, reforça a ideia de que a natureza deve ser preservada e venerada como algo sagrado. A medalha funciona como uma metáfora para os bancos de germoplasma, que buscam preservar o tesouro das sementes contra o avanço das práticas agrícolas insustentáveis e o uso de “sementes suicidas” (Teixeira, 2020, p. 151). Assim, “Janelas para o Futuro” (2019) transforma-se numa meditação sobre a urgência de proteger o que resta da biodiversidade e a responsabilidade que cada um de nós carrega nesse processo.



Figura 48. José Simão "Janelas para o Futuro", Madeira de medronheiro e sementes de Tília, Ø 40x42mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

Em contraste, “Poema ao Universo” (2019) emerge como uma celebração da complexidade e da interconexão do cosmos. Esta medalha, feita de madeira de medronheiro e pessegueiro, incorpora sementes de esteva e de liquidâmbar, resultando numa obra que desafia os sentidos e a percepção. Com dimensões de Ø 60x34mm, esta medalha não apenas encanta visualmente, mas também provoca uma experiência sinestésica, onde o toque e o olfato se entrelaçam com a visão (Teixeira, 2020, p. 151).

O título da medalha sugere uma obra que não é apenas artística, mas também uma reflexão poética sobre a vastidão do universo e nosso lugar nele. Simão convida-nos a contemplar a relação entre o humano e o natural, a expressar a busca pela harmonia e pela compreensão do que nos rodeia. Cada detalhe da medalha foi concebido para capturar a essência da vida em todas as suas formas, revelando a beleza e a diversidade que a natureza oferece. Assim, “Poema ao Universo” (2019) torna-se uma meditação sobre a existência e um convite à reflexão sobre a sinfonia da vida que permeia o cosmos, destacando a importância de reconhecer e celebrar as interconexões entre todos os seres (Teixeira, 2020, p. 151).



Figura 49. José Simão "Poema ao Universo", Madeira de medronheiro, pessegueiro e sementes de Esteva e Liquidâmbar styraciflua, Ø 60x34mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

Por último dirigimos agora a atenção para a medalha “Tribute to Amanullah Heiderzad” (2023). No âmbito do XXXVII Congresso da FIDEM, realizado em Florença, o Grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea* prestou homenagem ao renomado escultor e medalhista Amanullah Heiderzad, em reconhecimento à sua carreira artística e à amizade que cultivou com os membros do grupo, em especial com Hélder Batista. A medalha de mérito concebida por José Simão, foi entregue pelo próprio, em conjunto com o escultor José Teixeira, em nome do grupo (IPCB, 2023).

A medalha simboliza a ideia da semente, um elemento essencial da natureza, que, pelo seu brilho e forma, destaca-se no corpo negro da medalha, evocando o crescimento, a transformação e a perpetuação do legado de Heiderzad no campo da medalhística (IPCB, 2023). O volume esférico de latão polido no centro do disco negro de acrílico sugere o potencial latente de uma semente prestes a germinar, representando a inovação e a evolução constante da arte. As legendas gravadas em relevo na borda reforçam o caráter de tributo e consolidam a ligação entre o artista homenageado e o Grupo *Anverso/Reverso*

Concebida com uma estética contemporânea, a medalha combina simplicidade formal com profundidade conceptual, integrando o uso de materiais modernos – acrílico e latão – para transmitir uma mensagem poderosa e duradoura sobre a importância da continuidade da arte e do reconhecimento dos seus criadores no cenário internacional. Além de ser uma medalha comemorativa, a medalha pode ser usada ao pescoço como adorno, realçando a sua versatilidade e reforçando a capacidade multifacetada do autor em transitar entre a medalha e a joia. Esta dualidade não só evidencia a habilidade de José Simão em explorar diferentes linguagens formais, mas também sublinha a interseção entre arte e ornamento, onde o objeto transcende o seu significado simbólico e adquire uma dimensão pessoal e íntima, própria da joalheria.



Figura 50. José Simão “Tribute to Amanullah Heiderzad - *Anverso/Reverso* Group” acrílico e latão, Ø 65 x 19 mm, construção, 2023. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

A obra de José Simão estabelece uma ponte com a escultura e a joalheria, explorando a dualidade entre o cheio e o vazio, e criando passagens que enriquecem o

diálogo entre matéria e conceito. Um exemplo dessa abordagem é a medalha de “Homenagem ao Poeta João Roiz de Castelo Branco 1515-2015” (2015) (Fig.51), onde Simão utiliza a dinâmica espacial para expressar a ideia de transição e descoberta, refletindo o percurso interior de criação poética. Este conceito é ampliado na escultura comemorativa de “Ao Poeta João Roiz de Castelo Branco” (2018) (Fig.52), erigida para assinalar os 500 anos da morte do poeta. Tanto a medalha como a escultura de José Simão refletem a simbiose entre emoção e razão, ultrapassando a materialidade para explorar uma dimensão conceptual mais profunda que liga o espaço, o corpo e o pensamento.

A utilização de materiais locais, como a madeira, em obras como as medalhas da série “Horizon” (2019) (Fig.53, Fig.54 e Fig.55), reflete o seu compromisso com a sustentabilidade e a ligação à terra, ao mesmo tempo que reitera a versatilidade do autor na exploração de diferentes meios. Esta procura pela sustentabilidade está também presente na busca pela reutilização de restos de metais e metais oxidados, dando-lhes uma nova vida, como é o caso da medalha “O traço e a Sombra” referida anteriormente, e a medalha “Contentor” (2008) (Fig.56). Essa abordagem revela uma investigação constante sobre o que o rodeia, um processo criativo que vai além do simples domínio técnico, envolvendo uma reflexão sobre as questões ambientais e culturais.

Além de ser um exímio escultor e joalheiro de autor, José Simão posiciona-se como um relevante medalhista contemporâneo em Portugal. A sua carreira inclui criações emblemáticas como a sua primeira medalha cunhada “Dia e Noite” (1994) (Fig.57), a medalha comemorativa dos “20 anos do ISCTE” (1997) (Fig.58) e a “Medalha Evocativa da Poetisa Natália Correia, II Estação” (1997) (Fig.59). Estas obras reafirmam o seu talento e evidenciam a sua capacidade de unir tradição e inovação.

O escultor releva um trabalho mobilizador, desperto ao que está ao seu redor, ao longo da sua prática, Simão demonstra que criar é estar livre, livre para explorar novos materiais, técnicas e conceitos, sempre com uma abordagem investigativa e sensível. As suas obras transcendem a sua materialidade, manifestando-se como reflexões sobre a passagem do tempo, a transformação da matéria e a relação entre o humano e o seu ambiente. A medalhística, para José Simão, é uma forma de estar no mundo, um meio de expressão que equilibra arte, conceito e a profunda ligação às tradições e às paisagens que o inspiram.

3.4.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de José Simão⁴⁸



Figura 51. José Simão " Homenagem ao Poeta João Roiz de Castelo Branco 1515-2015" acrílico e bronze, construída, 2015. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

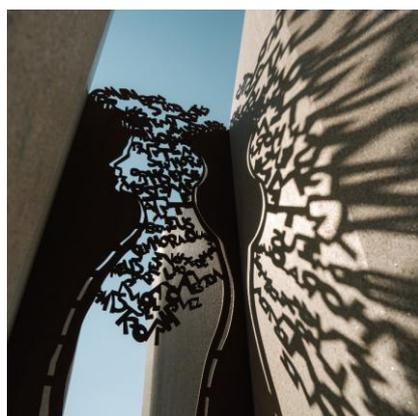


Figura 52. José Simão, Escultura “Ao Poeta João Roiz de Castelo Branco” granito, aço corten, 3,5 x 1,8 x 1,8 m, 2018. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

⁴⁸ Ver entrevista ao autor no Anexo I.III pp. 175-178.



Figura 53. José Simão "Horizon I" madeira de pessegueiro e contraplacado de choupo, Ø 55 x 10 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão.



Figura 54. José Simão "Horizon II" madeira de pessegueiro e contraplacado de choupo, Ø 55 x 10 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão.



Figura 55. José Simão "Earth Horizon" madeira de pessegueiro e contraplacado de choupo, Ø 55 x 10 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

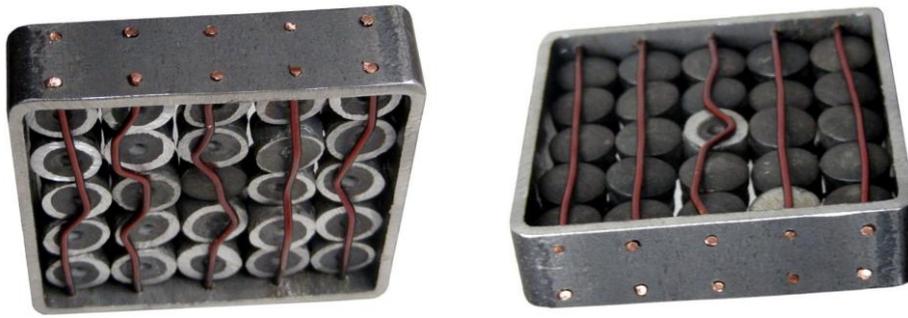


Figura 56. José Simão “Contentor” ferro e cobre, 80x80x20mm, construída, 2008. Fonte: Imagem cedida por José Simão.



Figura 57. José Simão “Dia e Noite” bronze, Ø 40x5 mm, Estampagem, 1994. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

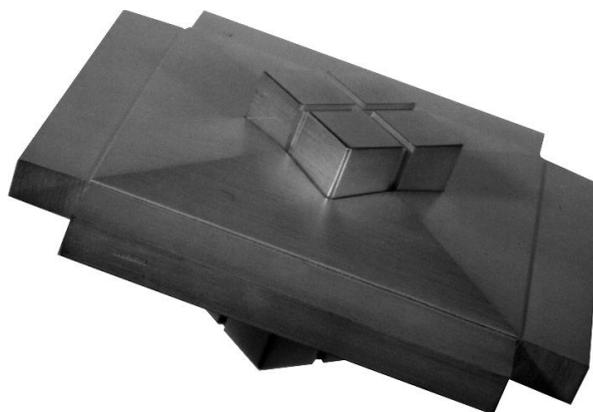


Figura 58. José Simão “20 anos do ISCTE” bronze, 80 x 80 x 40 mm, construída, 1997. Fonte: Imagem cedida por José Simão.



Figura 59. José Simão "Medalha Evocativa da Poetisa Natália Correia, II Estação" bronze, Ø 60x10, Estampagem, 1997. Fonte: Imagem cedida por José Simão.

3.5 | José S. Teixeira (1960)

Poético e Emotivo

(Nakashima, 2021, p. 116)

José S. Teixeira, escultor e medalhista, nasceu em 3 de novembro de 1960. Licenciou-se em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 1995, obtendo posteriormente o título de Mestre em Teoria das Artes em 2002 e o doutoramento em Escultura em 2009, ambos pela mesma instituição (Teixeira, s.d.). Desde 1998, exerce a função de docente na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, além de desenvolver uma destacada carreira como conferencista e ensaísta nas áreas da escultura e arte pública (Teixeira, 2012).

A trajetória artística de José Teixeira é marcada por obras notáveis na medalhística e na numismática. Entre seus trabalhos mais reconhecidos estão as moedas comemorativas do Euro 2004, do Mundial de 2006 e dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Destaca-se ainda a moeda "Futebol é Paixão", vencedora do Prémio *Internazionale Vicenza Numismatica*, e, mais recentemente, em 2023, a moeda corrente comemorativa de 2 euros intitulada "Uma Moeda pela Paz".

Na área da medalhística, José Teixeira foi galardoado com o prémio *BAMS Struck Medal Award* em 2017, pelo design da medalha cunhada "Cante Património da Humanidade (2016)" (Santos J. P., 2018), executada a propósito do reconhecimento do Cante Alentejano como Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

O percurso artístico de José Teixeira é marcado por uma série de trabalhos notáveis no campo da medalhística, destacando-se pela sua abordagem inovadora e pelo uso criativo de materiais. Para compreender de forma abrangente a diversidade e a profundidade do seu trabalho, iremos analisar seis medalhas do autor. No entanto, é importante ressaltar que esta seleção representa apenas uma amostra escolhida para ilustrar o vasto espectro do trabalho de José Teixeira, tanto em termos de temáticas quanto de processo criativo e inovação tecnológica. A sua carreira e obra são muito mais abrangentes e abarcam uma diversidade de obras e temas igualmente relevantes. Assim, enquanto esta seleção proporciona uma visão geral do seu trabalho, há uma riqueza adicional a ser explorada em muitas outras criações e áreas de interesse que compõem a sua trajetória artística.

A obra de José Teixeira reflete uma constante busca por novos suportes artísticos, explorando temáticas profundas e materiais não convencionais, desafiando os limites da medalhística tradicional. O nosso percurso pela sua obra criativa inicia-se com a análise de "Verso, Anverso, Reverso" (2002), no mesmo período, surge "Autorrepresentação (o tempo sem fim)" (2002 e 2003), duas medalhas onde o autor investiga a complexidade do tempo e da autorrepresentação, propondo uma visão introspetiva sobre as camadas da identidade humana. Seguidamente analisamos a medalha "Um Lugar para Ti/ A place for you" (2003), uma medalha intimista e delicada, com um carácter único. No desenvolvimento da sua prática artística evidenciamos obras como "Salvuarda das Artes Chocalheira e Esquilaneira / Paisagem Sonora Património da humanidade" (2014) e "Cante Património da Humanidade" (2016), ambas fortemente ligadas ao património cultural imaterial do Alentejo e a candidaturas à UNESCO. Por fim, nas medalhas "Baleia - Espécies em Perigo - O Futuro Começa Já/ Whale — Endangered Species — The Future Begins Now" e "Atum - Espécies em Perigo - O Futuro Começa Hoje/ Tuna — Endangered Species — The Future Begins Today" (2019), o artista traz para o primeiro plano questões ambientais urgentes.

A medalha "Verso, Anverso, Reverso" de José Teixeira é uma obra que desafia as convenções tradicionais da medalhística.

Criada com acrílico e vinil, esta obra, adquirida pelo British Museum em 2003, apresenta uma série de três exemplares, cada um com um diâmetro de 80 mm. O título da medalha, "Verso, Anverso, Reverso", sugere uma exploração das diferentes perspetivas e dimensões da arte medalhística.

Uma das características mais distintivas desta medalha é a sua utilização criativa da fotografia. Integrando imagens fotográficas nos seus componentes, a medalha incorpora diferentes ângulos de representação do autor, adicionando uma dimensão de autenticidade à sua composição. A meu ver, essas medalhas devem ser consideradas como uma trilogia, pois juntas proporcionam uma representação visual das três dimensões: Anverso, Reverso e Verso. Enquanto tradicionalmente as medalhas se baseiam na dualidade entre anverso e reverso, nesta trilogia, as três medalhas complementam-se, e cada uma delas apresenta uma perspetiva única, oferecendo uma visão completa das três dimensões. Assim, em cada anverso, somos apresentados ao "Verso", "Anverso" e "Reverso", deixamos de ter

uma visão somente bidimensional da leitura da medalha, e passamos a ter uma visão tridimensional da sua dimensão conceptual.

Na minha perspectiva, a grande inovação desta série reside na forma como as medalhas interagem umas com as outras, proporcionando múltiplas vistas concebidas pelo autor. O uso da terceira dimensão confere uma inovação notável à medalha, pois tradicionalmente esta arte restringe-se às duas dimensões.

A estrutura circular da medalha serve como um palco simbólico para a autorrepresentação do sujeito-autor. Cada representação, isolada e em diferentes ângulos, revela a complexidade da identidade humana, sugerindo uma multiplicidade de perspectivas e facetas.

Na medalha, “Verso, Anverso, Reverso” (2003), a fonte da legenda imita a tipografia usada no dicionário. (...)” (Canau, 2021, p. 95), adiciona uma camada adicional de significado à obra, destacando a importância da linguagem e da comunicação na interpretação da arte.



Figura 60. José S. Teixeira “Verso, Anverso, Reverso” Acrílico e vinil, Ø 80 mm, construção, 2002. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria].

Já a medalha "Autorrepresentação (o tempo sem fim)", concebida pelo artista José Teixeira entre os anos de 2002 e 2003, e adquirida pelo British Museum em 2004, emerge como uma obra singular no contexto da arte medalhística contemporânea. Composta em

acrílico e vinil, esta obra desafia convenções ao adotar materiais não convencionais, abrindo caminho para uma reflexão profunda sobre a identidade e a temporalidade. No cenário da medalhística, a obra de José Teixeira destaca-se não apenas pela sua originalidade técnica, mas também pela sua riqueza conceptual.

Ao explorar temas como identidade, temporalidade e comunicação, a medalha "Autorrepresentação (o tempo sem fim)" ressoa em questões fundamentais da condição humana.

Ao utilizar uma sequência fotográfica em torno da própria figura, a medalha propõe uma abordagem cinética que evoca a ideia de movimento e transformação temporal, tal como diz Fernando Rosa Dias, “heranças cinética do futurismo em direta articulação com essas múltiplas vistas que era a temporalidade estrutural do cubismo “ (Dias, 2021, p. 142).

Além disso, ao centro da medalha vemos, no anverso a representação da “Apis melífera, vetorizada e gravada” (Teixeira, 2011, p. 259), evocando ideias de laboriosidade, proliferação e renovação constante e, no reverso da medalha, vemos “o sucedâneo do pólen, Rosácea de Sainte Chapelle (Rosa do Ocidente)” (Teixeira, 2011, p. 259).

Primeiramente, as abelhas são conhecidas por sua laboriosidade e organização em colmeias, trabalham em conjunto para construir e manter a estrutura do favo de mel. Esse aspeto da vida das abelhas pode ser interpretado como uma representação da dedicação, disciplina e trabalho árduo do próprio artista na busca de sua expressão criativa.

Tal como diz o autor José Teixeira numa secção de um artigo, à qual chama “Do Pingente das abelhas à Apis melífera”, “A abelha é portadora de um rico simbolismo presente em inúmeras tradições culturais. Nos túmulos aparece frequentemente associada à ideia de ressurreição. Ocorre ainda, como símbolo iniciático da alma ou do espírito que se embriaga do pólen do conhecimento associando-se também, à eloquência, à poesia e à inteligência.” (Teixeira, 2011, p. 258).

Além do mais, as abelhas desempenham um papel fundamental na polinização das plantas, sendo indispensáveis para a fertilização de muitas espécies vegetais. Nesse sentido, a presença da abelha na medalha “Autorrepresentação (o tempo sem fim)” pode sugerir a ideia de fecundidade criativa, fertilizando ideias e conceitos que germinam e florescem na mente do autor.

Outro aspeto a considerar é a capacidade das abelhas de produzir mel, um alimento doce e nutritivo. Essa produção contínua de uma substância valiosa pode ser interpretada como uma metáfora para a criatividade e a capacidade de gerar ideias e objetos artísticos que alimentam e nutrem a alma humana.

A presença da abelha na medalha também ressalta a sua importância ecológica, desempenhando um papel fundamental na sustentabilidade dos ecossistemas. Como vamos observar em outras obras do artista, como por exemplo nas medalhas, "Baleia - Espécies em perigo - O futuro começa já" & "Atum - Espécies em perigo - O futuro começa hoje" (2019) (fig.66), esta representação destaca não apenas a responsabilidade individual em relação ao meio ambiente, mas também reflete a preocupação do autor com as mudanças climáticas e a preservação da biodiversidade⁴⁹. Ao incorporar elementos da natureza na sua arte, José Teixeira não apenas alerta para os desafios enfrentados pelo planeta, mas também ressalta a importância de agir de forma responsável e sustentável para garantir um futuro próspero para as gerações futuras.



Figura 61. José S. Teixeira "Autorrepresentação (o tempo sem fim)" acrílico e vinil Impresso, Ø 80 mm, construção, 2002/03. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria].

Um lugar para ti (2003) foi a primeira de uma série em que o vazio substitui a imagem. Esta medalha é apenas a legenda que circunscreve um espaço evocativo da memória. Os planos achatados circulares desaparecem enquanto superfície,

⁴⁹ Ainda dentro desta temática o autor desenvolve a série de medalhas "Paisagem protegida" (Fig.67), vidro e arame de cobre plastificado, ø85x120mm; ø85x130mm; ø85x145mm, construção, (2014).

para ficar apenas o bordo que as rodeia, como uma fita. Esta estratégia depura a inscrição, torna-a lacônica e epigráfica, algo solene, que aproxima a medalha da monumentalidade jacente na escultura.

(Dias, 2021, p. 157)

Como é referido no texto acima, a medalha “Um lugar para ti” (2003) inaugura uma série onde o vazio substitui a imagem, conferindo-lhe um caráter profundamente evocativo. Criada num momento de homenagem a uma pessoa importante na vida do autor, falecida nesse mesmo ano, a medalha simboliza a ausência física e a memória viva. A ausência de planos circulares e achatados transforma a medalha num espaço que sugere memórias, deixando apenas o bordo que a circunscreve, semelhante a uma fita. Esta abordagem simplifica a inscrição, conferindo-lhe um caráter conciso e epigráfico, o que lhe confere uma solenidade que aproxima a medalha da monumentalidade da escultura. José Teixeira, ao esvaziar a medalha de conteúdo visual, eleva o vazio ao estatuto de elemento central, permitindo uma reflexão mais introspetiva e contemplativa por parte do observador.

A medalha "Um Lugar Para Ti" (2003), originalmente concebida de forma improvisada em papel representa um marco significativo na evolução da arte medalhística contemporânea. Esta versão inicial, feita "na hora", foi posteriormente reproduzida em metal, utilizando latão prateado e latão oxidado (Ø80 mm), adicionando uma dimensão tangível e durável à obra. O uso do papel como material inicial destaca-se como uma escolha não convencional e inovadora. Ao invés de aderir aos materiais tradicionais como metal ou bronze, a utilização do papel confere à medalha uma leveza e delicadeza distintas. Esta escolha não apenas desafia as expectativas do espectador, mas também convida a uma reflexão sobre a natureza transitória da arte e da própria vida. A sua reprodução em metal enfatiza a sua dimensão tridimensional, conferindo-lhe outro peso físico e conceptual.

De forma inesperada a forma da medalha é interrompida por um espaço vazio, uma quebra, levando o espectador a meditar sobre a mensagem, a dimensão conceptual, ser mais forte do que o próprio suporte da medalha. Esta “rutura paradoxal” (Dias, 2021, p. 157) é reforçada quando comparada com a versão da medalha em papel que, em oposição a esta, cujo material sendo mais frágil mantém o aro fechado, tal como diz Fernando Rosa Dias, “(...) o material mais frágil, (papel) mantém a integridade do círculo,

enquanto o metal, aparentemente robusto, cede lugar à abertura como se, implicitamente, a mensagem fosse mais duradoura que a matéria.” (Dias, 2021, p. 157)

A forma da medalha, evocativa de uma pulseira ou bracelete, de uso quotidiano, cria uma sensação de proximidade e familiaridade. Este design convida o espectador a envolver-se de forma mais íntima e pessoal com a obra, permitindo-lhe explorar diferentes perspetivas e interpretações, a medalha pode ser o que nós quisermos, cada individuo pode olhar pelo seu interior e a visão/composição observada transforma-se instantaneamente em parte do objeto⁵⁰. A medalha é um espaço aberto para interpretação e criatividade, dando ao espectador a liberdade de moldar sua própria visão da obra.

A medalha, que rompe com os limites do convencional, nasce da sua legenda enigmática, "Um Lugar Para Ti", que adiciona uma camada adicional de profundidade e significado à obra. “Um lugar para ti” - Um lugar para cada um criar.

Perpassada pela nostalgia da perda e da ausência, a medalha Um lugar para ti (2003) é o exemplo mais fugaz, mais espectral e mais etéreo, patente na sua obra — o escultor insere-a “no limite” do que é uma medalha –, eternizando-se como suporte fixo de um afeto sobrevivente à passagem do tempo, um memorial, um silêncio que reclama a reciprocidade de um discurso. Este lugar é um espaço aberto, ainda que circunscrito, íntimo e privado, um anel idílico, inefável, percorrido interiormente por uma temporalidade circular, infinita, que se reveste de uma natureza sacra, sideral, evanescente, e de um monumentalismo desprezioso no qual o absentismo de matéria não significa o vazio. Evidencia, tão somente, a potência de todas as expectativas, o domicílio originário, a esperança do reencontro.

(Pereira, 2021, p. 31)



Figura 62. José S. Teixeira, Primeira versão da medalha “Um lugar para ti” feita em papel. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira. [Ana Caria].

⁵⁰ Também as medalhas “Flor e fruto” (Fig. 68), aço inox, 70x70x70mm / 100x60x60mm, construção (2013) têm uma composição que em termos formais resulta da forma criada a partir de uma tira de aço inox, que compõe a legenda e o corpo da medalha.



Figura 63. José S. Teixeira "Um lugar para ti" Latão prateado / oxidado, Ø 80mm, construção, 2003. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].

A medalha dedicada à "Salvaguarda das Artes Chocalheira e Esquilaneira / Paisagem Sonora Património da humanidade" representa um marco na história da medalhística contemporânea portuguesa. Concebida por José Teixeira em 2014, esta medalha integra a dimensão sonora de forma pioneira.

O desígnio de homenagear o Fabrico do Chocalho, celebrado na apresentação dessa arte sob forma de património cultural imaterial apresentado às listas da UNESCO, culmina na criação de uma medalha. A proposta surgiu em 2013, a convite do antropólogo Dr. Paulo Lima⁵¹, que se dedica a estudar, promover e preservar a memória destas tradições (Teixeira, 2015, p. 1).

O exaustivo processo de criação da medalha envolveu diversas etapas, desde a pesquisa inicial até a conceção do design e a escolha dos materiais. José Teixeira realizou leituras, visitas a oficinas e conversas com mestres artesãos para compreender a tradição e os métodos de produção dos chocalhos. O objetivo era, não só sintetizar a riqueza simbólica e a variedade formal desses objetos em duas faces, mas também dar à Medalha

⁵¹ O antropólogo Dr. Paulo Lima (Sines, 1966), é o coordenador de vários projetos de valorização e divulgação do património material e imaterial da cultura portuguesa. Destaca-se também pela coordenação e integração das comissões executivas de diversas Candidaturas de património cultural imaterial às listas da UNESCO. São exemplo: a candidatura do Fado; candidatura da Bugiada e Mouriscada; candidatura do Cante Alentejano; candidatura do Fabrico de Chocalho; candidatura da Morna (Cabo Verde). À data do presente trabalho é o "Coordenador do dossier Bandas Filarmónicas para inscrição no Inventário Nacional e potencial entrega na UNESCO" (Lima, s.d.).

a função do próprio chocalho. E para isso, o autor construiu a medalha de forma a ser oca, incluindo no seu interior uma esfera de aço para reproduzir o som de um chocalho.

Comecei por ler alguns livros para me familiarizar com a terminologia. Li uma tese de doutoramento, dois livros adquiridos em Alcáçovas, (...) além de um conjunto de artigos e livros, emprestados pelo Dr. Paulo Lima que reuniu vasta documentação sobre o assunto. Vi alguns documentários ou filmes, (...). Visitei as oficinas e conversei com alguns mestres artesãos, a fim de me inteirar de métodos e procedimentos e observar os gestos, sapientemente, reproduzidos de geração em geração desde tempos ancestrais.

(Teixeira, 2015, pp. 1-2)

O design da medalha baseia-se na forma de um verdadeiro chocalho. No anverso, uma meticulosa geometria evoca a proporção do objeto que pretende representar. Uma forma circular, delicadamente interrompida por um “tronco de cone “em posição assimétrica)” (Teixeira, 2015, p. 7), complementada por uma linha em espiral, sugerindo a “cóclea do ouvido” (Teixeira, 2015, p.7) e enfatizando o som gerado pelo movimento do badalo contra o batente. Na orla desta face encontramos a legenda “Salvuarda das Artes Chocalheira e Esquilaneira”.

Esta composição: o “badalo”, localizado assimetricamente (na borda do campo da medalha) e a espiral representativa das ondas sonoras, permite ao espectador a ilusão da ação que emite o som do chocalho, como que se o “badalo” (tronco de cone) estivesse a bater na boca do chocalho (borda da medalha) e assim produzisse o som propagado pelas vibrações acústicas do instrumento.

A composição do anverso direciona o nosso olhar para o interior do objeto onde, uma esfera em movimento, reproduz o mecanismo e o som que vemos representado visualmente.

Na face do reverso da medalha, com um diâmetro reduzido 7,9mm em relação ao anverso (produzindo um ligeiro perfil cónico no corpo do objeto), observamos uma representação que evoca a asa⁵² e o céu⁵³ do chocalho.

⁵² A “Asa” de um chocalho é parte, semicircular, do chocalho que se prolonga no topo do mesmo e assume a função uma alça por onde passa a fita de couro ou coleira, que por sua vez, prende o chocalho ao pescoço do animal.

⁵³ Designa-se “Céu” a peça em metal que liga o badalo ao topo do corpo do chocalho permitindo badalo mover-se num movimento pendular para produzir som, quando percutido no batente.

O formato do céu está representado em cada um dos orifícios, que em conjunto formam uma cruz vazada. Simultaneamente, a composição dos recortes em forma de cruz, simbolizam os pontos cardeais essenciais para a orientação do gado na prática da transumância, do ponto de vista morfológico lembra-nos as aberturas dos guizos (um dos tipos de chocalho – o mais pequeno), no centro desta composição está representado o sinal de adição (+). A geometria formada por estas aberturas lembra os motivos decorativos talhados nas cabeças das cáguedas⁵⁴ “A dupla cruz remete para os pontos cardeais, essenciais na orientação das rotas de transumância e alude, simultaneamente, à posição ortogonal da asa em relação ao céu do chocalho.” (Teixeira, 2015, p. 7)

A presença de aberturas circundadas pela legenda "Paisagem Sonora - Património da Humanidade" sugere a caixa de ressonância do chocalho, enquanto os orifícios funcionam como elementos dinâmicos que amplificam o som, que alude à prática do pastoreio. A legenda cuidadosamente escolhida para enfatizar o tema da medalha, utiliza uma fonte que nos transporta para as marcas de fabricante e de posse, comum neste tipo de objetos. No campo exterior a esta delimitação, encontramos representados pictogramas que retratam animais da quinta que envergam objetos da família dos chocalhos, que inspiram a criação desta medalha.

O processo de construção misto, de estampagem e soldadura, resultou num objeto oco capaz de conter uma esfera de aço em seu interior, o que possibilita a simulação do som do chocalho. Também estas técnicas tornam o objeto reprodutível.

Para a embalagem, foi escolhido o burel, um material tradicionalmente utilizado nas vestes dos pastores, que reflete a identidade cultural e os costumes da região. Após algumas tentativas frustradas, foi desenvolvida uma embalagem simples e elegante, que preserva a intimidade e o valor simbólico da medalha.⁵⁵

⁵⁴ As “cáguedas” são fechos, normalmente feitos em madeira (podem também ser feitos em corno ou cortiça), utilizados para travar as fitas de couro, para evitar a abertura da coleira onde são pendurados os chocalhos. Contrariamente, na região das Beiras, estes elementos são apelidados de tasgas, cravelhas ou chavelhas. Curiosamente, apesar da dispersão geográfica e cultural, os motivos decorativos representados nestes elementos são semelhantes, recorrendo-se frequentemente aos motivos florais sob forma de rosáceas.

⁵⁵ *Entregue o desenho, cotado com a respectiva legenda e as instruções técnicas, pensei que não havia dúvidas. Quando vejo, porém, os primeiros exemplares, verifiquei que se tinham esquecido da legenda. (...) Daí a semanas chegava o primeiro exemplar acabado (...). Como se o pressentisse e para meu pesar, ainda não foi, dessa vez, que conseguiram interpretar, correctamente, o espírito do projecto.*

Depois de alguma crispação, fruto do desaire, consegui que me dessem o contacto da bordadeira para tratar, directamente, com ela os pormenores da legenda que teve de ser redesenhada e adaptada às condicionantes técnicas do processo. (Teixeira, 2015, p. 10)

A medalha "Salvaguada das Artes Chocalheira e Esquilaneira / Paisagem Sonora Património da humanidade" é um testemunho do esforço conjunto para preservar e valorizar o património cultural e histórico associado aos chocalhos. A sua conceção e produção envolveram um cuidadoso processo de pesquisa, design e fabricação, resultando numa obra de arte que homenageia uma tradição ancestral e a sua importância para a identidade cultural de Portugal.



Figura 64. José S. Teixeira “Salvaguada das artes chocalheiras e esquilaneira. Paisagem sonora património da humanidade” Latão oxidado, Ø 90 x 20 mm, estampagem e construção, 2014. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].

A medalha "Cante Património da Humanidade (2016)" é uma obra elaborada que reflete não apenas a importância cultural do Cante Alentejano, mas também a meticulosa consideração dada aos detalhes do projeto. Inspirado pela distribuição geográfica das quarenta declarações de apoio à inscrição do Cante como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, bem como pelo mapa hipsométrico que revela as altitudes das localidades, o autor desenvolveu o projeto da medalha a pedido do Concelho Municipal de Serpa (Teixeira, 2018, p. 266).

As escolhas dos elementos cilíndricos representados no reverso da medalha foram cuidadosamente pensados pelo autor, de modo a poderem ser interpretados como, segundo o mesmo, “a coletivo referring equally to choral groups and landscape, led us to

the suggestion of a forest or peristyle⁵⁶ beneath forty cylinders of varying dimensions” (Teixeira, 2018, p. 269), as diferentes alturas representadas pelos elementos cilíndricos, referem-se à altimetria dos terrenos, mas ao mesmo tempo simbolizam também as colunas do peristilo, incorporando uma harmonia visual à composição. A forma da medalha resulta da delimitação do espaço integrado pelos quarenta “pontos” representantes da distribuição geográfica das quarenta declarações de apoio à inscrição do Cante. O resultado deste contorno parece inevitavelmente formar três extremos que formam uma interessante “dynamic interaction of the three dominant elements of *Cante*: the *ponto*, the *alto* and the *choir*.” (Teixeira, 2018, p. 270).

Talvez involuntariamente, visto que o Cante tradicionalmente não utiliza o acompanhamento instrumental, a forma da medalha remete-nos para o universo musical, evocando uma palheta, utilizada nos instrumentos de cordas.

Ainda nesta face da medalha, temos as inscrições de legendas, assim como o logotipo da UNESCO. No sentido anti-horário está a legenda “Cante” e “World Heritage”, já no sentido contrário está a inscrição “Juntos pela paz, inclusão e coesão social”.

Inspirado pela moda “Alentejo, Alentejo” no anverso da medalha, José Teixeira escolheu representar a singularidade do Cante, através de um excerto da mesma. Associado ao espírito da região e em colaboração com o compositor e maestro Roberto Pérez, ele incorporou a partitura musical e os seguintes versos: *Eu sou devedor à Terra // A Terra me 'stá devendo // A Terra paga-m'em vida // Eu pago à Terra em morrendo*.

As três colunas verticais, emergindo da partitura musical nos momentos indicados pelo maestro, simbolizam os elementos do Cante (ponto, alto e o coro⁵⁷) e estabelecem uma harmonia formal e conceitual com o outro lado da medalha.

A medalha "Cante Património da Humanidade (2016)" emerge como um trabalho notável que encapsula não apenas o valor cultural do Cante Alentejano, mas também a sua significância global como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Ao celebrar

⁵⁶ Um peristilo é um elemento arquitetónico que remonta à Antiguidade Clássica e consiste numa área central de um edifício, geralmente um jardim ou pátio, cercado por colunas ou pilares em todos os lados. Essas colunas formam um pórtico ou uma galeria coberta ao redor do espaço aberto.

⁵⁷ “o ponto (solista, tenor ou barítono), que normalmente inicia o canto; o alto (solista, um tenor que entra depois do ponto e canta uma 3ª acima, fazendo por vezes a quinta, ou a 10ª acima do coro, frequentemente ornamentando a melodia, e destacando-se deste); e os baixos ou segundas (designações locais do coro) que entram após o alto” (Pestana & Barriga, s.d.)

sua inclusão na Lista da UNESCO, esta medalha destaca não só a riqueza musical e histórica do Alentejo, mas também sua capacidade de promover a paz, inclusão e coesão social. Além disso, é importante destacar que esta notável criação rendeu a José Teixeira o prestigioso prémio *BAMS*⁵⁸ *Struck Medal Award 2017*, reconhecendo assim sua excelência artística e sua contribuição significativa para o cenário cultural.



Figura 65. José S. Teixeira “Cante Património da Humanidade” Latão prateado, 10 x 80 x 70 mm, estampagem e construção, 2016. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria].

É nas medalhas "Baleia - Espécies em perigo - O futuro começa já" & "Atum - Espécies em perigo - O futuro começa hoje" (2019) que José Teixeira demonstra sua sensibilidade para questões ambientais urgentes. Essas medalhas representam um esforço para consciencializar sobre a conservação das espécies marinhas em perigo de extinção.

Ao criar essas medalhas, José Teixeira empregou técnicas e materiais não convencionais. Utilizando modelação 3D e impressão em PLA, o autor produziu protótipos tridimensionais que capturam a beleza e a fragilidade das baleias e atuns. A transparência dos materiais (caixas de petri) evoca a transparência do ambiente aquático onde essas espécies habitam; os desafios enfrentados por elas devido à pesca predatória e à degradação do habitat; assim como os testes laboratoriais que contribuem para sua extinção.

To that purpose I imagined, immediately, about using Petri dishes, in glass, not only because their transparency recalled the sea environment, but, above all,

⁵⁸ BAMS, British Art Medal Society.

because its use had a connotation of laboratory use, and reminded me, also, of the natural history museums exhibitions.

(Teixeira, 2020, p. 152)

Cada detalhe destas medalhas foi cuidadosamente pensado para transmitir uma mensagem poderosa. A ausência de um suporte visível para a legenda confere uma sensação de flutuação, destacando a vulnerabilidade dessas espécies diante das ameaças humanas. O contraste entre a aparência limpa e minimalista das medalhas e o significado sombrio por trás de sua concepção convida a uma reflexão profunda sobre a relação entre a beleza aparente e a crise ambiental que enfrentamos.

*While gathering more information I understood that, unfortunately, whales are more profitable dead than alive. The market price for a whale can reach 250 000 USD. I understood shortly after that what happened to the whales, that were wiped out under the excuse of scientific purposes, also was going on with the bluefin tuna (*Thunnus thynnus*) with prices around 150 000 USD. Fashion and the mass consumption of sushi (the sophisticated McDonald's) contributed to the accelerated disappearance of this and other species. (...)*

(Teixeira, 2020, p. 151)

Além disso, a medalha "Baleia - Espécies em perigo - O futuro começa já" e "Atum - Espécies em perigo - O futuro começa hoje" são mais do que simples objetos de arte; são chamadas à ação. Ao apresentar estas espécies emblemáticas de forma tão vívida e tangível, José Teixeira lembra-nos da responsabilidade coletiva de proteger e preservar a biodiversidade do nosso planeta.

Em resumo, as medalhas "Baleia - Espécies em perigo - O futuro começa já" // "Atum - Espécies em perigo - O futuro começa hoje" de José Teixeira são testemunhos do poder da arte para inspirar mudanças e despertar consciências. Convidam-nos a refletir sobre nosso papel como guardiões do meio ambiente e a agir em prol de um futuro mais sustentável para todas as formas de vida em nosso planeta.

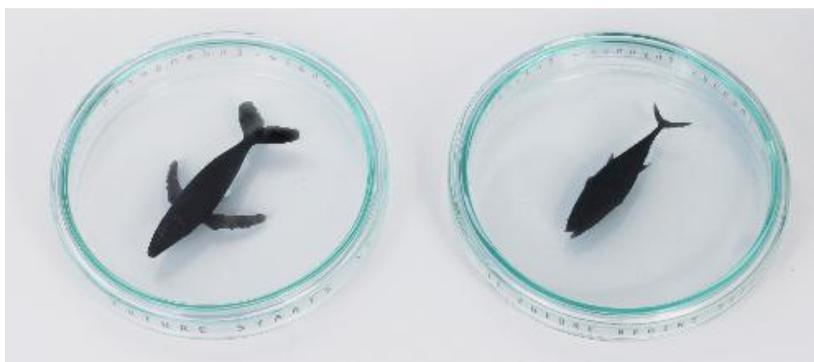


Figura 66. José S. Teixeira “Baleia - Espécies em perigo - O futuro começa já” & “Atum - Espécies em perigo - O futuro começa hoje”, caixas petri em vidro, modelos 3D em resina impressos em SLA, legendas em acetato, Ø 80 x 15 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [João Rocha].

As medalhas de José Teixeira representam não apenas conquistas artísticas notáveis, mas também testemunham o seu compromisso com a preservação e valorização do patrimônio cultural e histórico. Através da sua abordagem inovadora, uso criativo de materiais e profunda pesquisa, Teixeira cria obras que transcendem os limites da medalhística tradicional, convidando os espectadores a refletir sobre questões fundamentais da identidade, temporalidade, ecologia entre outros temas igualmente pertinentes.

Ao unir tradição e modernidade, José Teixeira explora nos seus trabalhos uma multiplicidade e versatilidade de opções técnicas e materiais. A perspicácia para se adaptar aos desafios de qualquer tema fomentam no autor a procura de novas soluções criativas. Podemos observar esta dinâmica na sua obra medalhística, assim, José Teixeira explora várias técnicas de produção e reprodução da medalha: desde a medalha fundida, utilizando duas técnicas distintas, fundição de ceras perdidas, como é exemplo a medalha “Natália Correia, 10ª Estação”, 1995 (Fig.69) e a técnica de fundição de areia, observado na medalha “Casulo”, 1997 (Fig.70); passando pela técnica da estampagem, como pode ser observado nas medalhas “Feci quod potui, faciant meliora potentes”, 2003 (Fig.71) e medalha “St. Peter’s International School”, 2018 (Fig.72). Já dentro da técnica da construção temos diferentes tipos de abordagem, desde a técnica mista, com a medalha “Centenário do Nascimento de Barahona Fernandes”, 2007 (Fig.73) à apropriação de objetos do quotidiano e ao ready-made, medalha “Abre-te Sésamo”, 1999 (Fig.74) e medalha “Orpheu 2000 (novo milénio)”, 2000 (Fig.75). O autor acompanha a

modernidade através da utilização das novas tecnologias nas suas criações, como se verifica nas medalhas “Aldeia Global”, 2019 (Fig.76) e “Outsourcing. Next. Offshoring”, 2011 (Fig.77 e Fig.78). A utilização de novos materiais é um marco nas suas produções, exemplo disso são a série de medalhas talhadas em pedra “Seixos Rolados”, 2003 (Fig.79) e as medalhas executadas em acrílico, como a medalha “O olho enquanto símbolo & etc.”, 2014 (Fig.80).

Não poderemos terminar a análise do impacto do escultor José Teixeira na medalhística contemporânea portuguesa, e não só, sem antes salientar a sua introdução à medalha como um ato performativo, como é exemplo a medalha “Faça você mesmo” / “Do it yourself”, 2010 (Fig.81) concebida no final da palestra do XXXI Congresso da FIDEM em Tampere, Finlândia. Da criação desta medalha resulta a inclusão da dimensão performativa, normalmente associada a outras práticas da escultura, e a sua integração com as dimensões conceptuais e formais (Dias, 2021, p. 157). Concluimos que o autor não se cinge à aplicação de uma técnica e material, muito pelo contrário, ele adapta as diferentes tecnologias em função do trabalho em mãos.

É notável no trabalho de José Teixeira o seu processo criativo exaustivo, a que se dedica de corpo e alma a cada novo projeto abordado com uma profundidade estonteante e sempre com um olhar crítico para o tema, num processo de pesquisa que permite ao autor dominar os temas de forma a esgotá-los por completo. As suas obras revelam um processo de criação focado, de forma incessante, na tentativa e erro até chegar a uma complexidade conceptual, onde cada detalhe das suas medalhas, são carregados de simbolismo.

A sua abordagem disruptiva à medalha, sem nunca comprometer o seu propósito, de certa forma molda o pensamento da medalhística contemporânea portuguesa, influenciando e encorajando novos artistas a explorar novos espaços da medalha.

3.5.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de José Teixeira



Figura 67. José S. Teixeira "Paisagem Protegida" vidro e arame de cobre plastificado, ø 85x120mm; Ø 85x130mm; Ø 85x145mm, construída, 2014. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 68. José S. Teixeira "Flor e Fruto" aço inox, 70x70x70mm / 100x60x60mm, construção, 2013. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria].



Figura 69. José S. Teixeira “Natália Correia, 10a Estação” prata/estanho, Ø 80mm, fundição de ceras perdidas, 1995. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria].



Figura 70. José S. Teixeira “Casulo” bronze, 80x55x45mm, fundição de areia, 1997. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio & Ana Caria].



Figura 71. José S. Teixeira “Feci quod potui, faciam meliora potentes” bronze prateado, 70x70x8mm, estampagem, 2003. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria].



Figura 72. José S. Teixeira “St. Peter’s International School” latão prateado, 80x70mm, estampagem, 2018. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 73. José S. Teixeira “Centenário do Nascimento de Barahona Fernandes” acrílico e latão prateado, Ø 105mm, construção, 2007. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 74. José S. Teixeira “Abre-te Sésamo” estojo em couro, plástico e metal, 140x110x35mm, construção, 1999. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 75. José S. Teixeira “Orpheu 2000 (novo milênio)” plástico, 150x90x50mm, construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 76. José S. Teixeira “Aldeia Global” caixa de petri em policarbonato, areia, impressão 3D em PLA, ø 65x20mm, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].

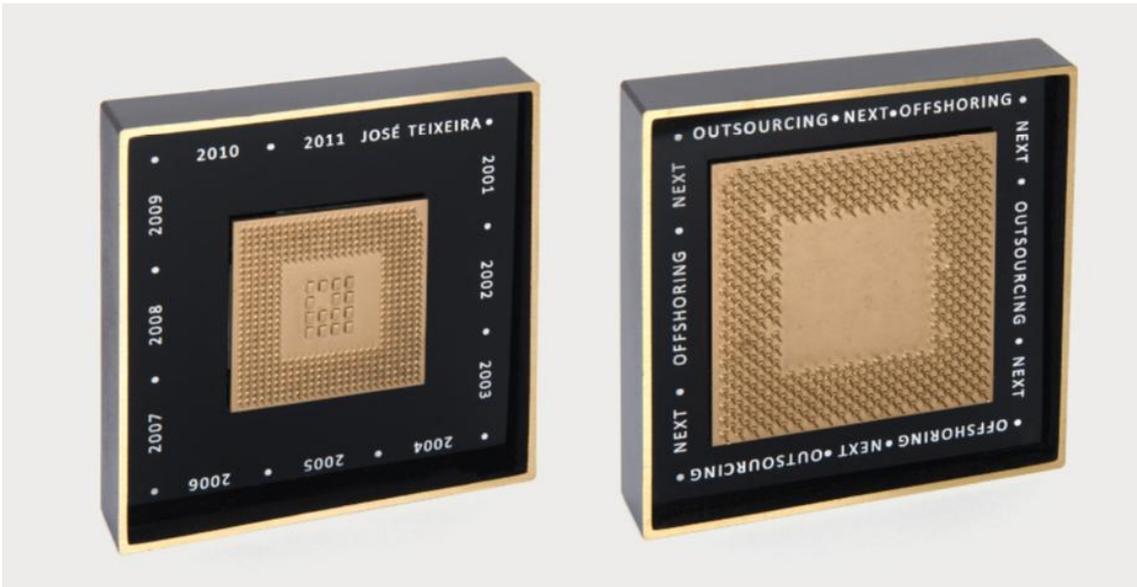


Figura 77. José S. Teixeira “Outsourcing. Next. Offshoring” bronze e microprocessadores, 75x75x15mm, construção, 2011. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].

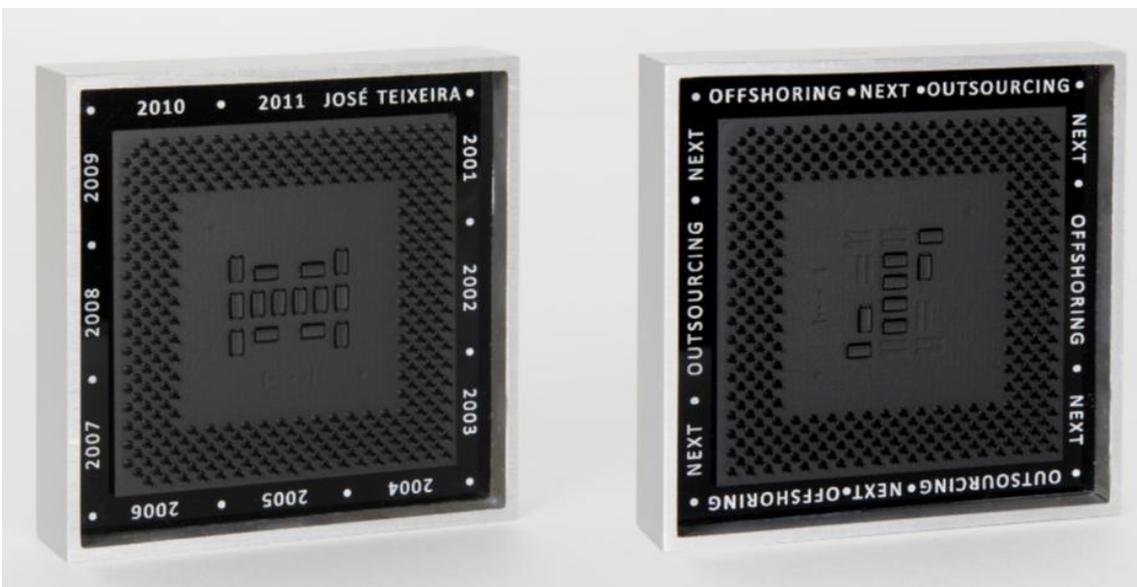


Figura 78. José S. Teixeira "Outsourcing. Next. Offshoring" alumínio e microprocessadores, 65x65x15mm, construção, 2011. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 79. José S. Teixeira “Seixos Rolados” ônix, (série de três), ø100mm, talhe direto e jato de areia, 2003. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].



Figura 80. José S. Teixeira “O olho enquanto símbolo & etc.” acrílico cristal, ø75x20mm, torneamento e gravação a laser, 2014. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].



Figura 81. José S. Teixeira “Faça você mesmo” papel e marcador Dymo, $\pm \text{Ø } 80\text{mm}$, construção, 2010. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].

3.6 | António Canau (1963)

[...] a pluralidade do desenho

(Tavares, 2009, p. 1)

António Canau é natural de Gavião e licenciou-se em Escultura pela Escola de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 1993, com especialização em medalhística. Durante o seu último ano de licenciatura, recebeu uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, destacando-se pela sua excelência nas artes visuais. (INCM, p. 17)

Prosseguiu os seus estudos na Slade School of Fine Arts, parte da University College London (UCL), onde obteve um Mestrado em Gravura em 1997. Em 2011, concluiu um doutoramento em Comunicação Visual na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Posteriormente, em 2015, realizou um Pós-doutoramento em Desenho Digital na mesma instituição, aprofundando a sua investigação na interseção entre Desenho e Cultura Visual. (INCM, p. 17)

Desde o ano letivo de 1998/99, António Canau leciona Desenho e Fotografia na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, onde é atualmente Professor Auxiliar na Secção de Desenho, Geometria e Computação do Departamento de Artes, Humanidades e Ciências Sociais. A sua carreira académica e artística reflete um profundo compromisso com a evolução das práticas artísticas e o desenvolvimento das novas técnicas digitais. (Canau, 2016, p. 2)

António Canau possui um portefólio artístico significativo, com 12 obras de arte pública e mais de 30 medalhas, duas das quais foram encomendadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM). É também reconhecido pelo seu trabalho em moedas comemorativas, incluindo as moedas de autor “Garcia D’Orta 1500-1568” e “Garcia D’Orta” (1990) ambas de 100 escudos. (Canau, 2016, pp. 28-32)

Entre os prémios que recebeu, destacam-se a Menção Honrosa na XVII Bienal Galeria Aberta de Beja e o Prémio de Escultura da Academia Nacional de Belas Artes Gustavo Cordeiro Ramos, ambos em 2011. Outras distinções incluem Menções Honrosas na IV e V Bienal de Medalha Contemporânea de Sintra (2007 e 2009) e o Prémio Juventude da III Bienal de Gravura da Amadora (1992). (Canau, 2016, pp. 3-4)

Canau ganhou também vários concursos, incluindo a realização das esculturas para a estação de serviço de Aveiras de Cima na autoestrada do Norte (1999) e os Baixos-relevos para o novo edifício da Bolsa de Valores de Lisboa (1993). (Canau, 2016, p. 4)

O percurso artístico de António Canau é caracterizado por uma série de obras notáveis no campo da medalhística contemporânea, destacando-se pela sua abordagem conceptual inovadora e pelo uso ousado de técnicas, formas e materiais. Através das suas criações, Canau explora questões que vão além da mera representação estética, abordando diversos temas, entre eles a relação entre o corpo humano e a natureza.

Para proporcionar uma visão abrangente da diversidade e profundidade do seu trabalho, esta análise focar-se-á em cinco medalhas significativas. Estas obras exemplificam não só a sua mestria técnica, mas também a sua capacidade de articular conceitos complexos através de formas tridimensionais. É importante notar que esta seleção serve apenas como uma introdução ao vasto corpo de trabalho do artista, cujas criações abrangem um leque mais amplo de temáticas e processos criativos.

A medalha "100 anos da primeira ligação telefónica Lisboa-Porto 1904-2004" foi criada por António Canau para a Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) e integra as coleções do British Museum e a coleção da escultora Mashiko em Nova Iorque, para além de ter integrado a exposição coletiva internacional *Progression*. Esta obra celebra a evolução das telecomunicações, explorando a relação entre o analógico e o digital.

A medalha apresenta-se numa forma quadrada, com o formato de um telefone analógico recortado nas suas faces, unidas por um fio de cobre. Na parte frontal, a secção inferior exhibe a representação de uma caneca cerâmica, local onde os fios passam, protegendo-os de interferências externas. No topo, aparece um auscultador de telefone, com orifícios que simbolizam a saída de áudio, rodeado por linhas concêntricas que ilustram a propagação das ondas sonoras.

Quando aberta, a medalha revela a imagem completa de um telefone, num jogo entre o cheio e o vazio. Quando fechada, simboliza a ligação entre o passado e o presente, com uma face dedicada a 1904, onde vários cabos representam as telecomunicações da época, e outra a 2004, com um único cabo de fibra ótica a remeter para a era moderna. O fio principal da obra liga-se ao cabo de fibra ótica, enquanto na zona do auscultador está

gravado o código "01010101", representando o sistema binário e a transição do analógico para o digital.

A medalha foi criada com recurso ao método de construção e estampagem, utilizando uma liga de latão e cobre. Possui uma pátina negra, com áreas lixadas para revelar o brilho do metal, complementadas pelo fio de cobre, que reforça visualmente a união entre os elementos históricos e tecnológicos.

A medalha "100 anos da primeira ligação telefónica Lisboa-Porto 1904-2004" transcende o seu valor comemorativo para se tornar um objeto de reflexão sobre a evolução da comunicação. A sua conceção, que une o passado e o presente através da representação de um telefone analógico e a tecnologia moderna, simboliza não apenas a inovação técnica, mas também a transformação cultural e social que acompanha essas mudanças. A transição do múltiplo cabo para a fibra ótica, ilustrada na medalha, representa um caminho de progresso e adaptação contínua. A integração do código binário no design enfatiza a relação entre o analógico e o digital, enquanto a estrutura física da medalha – com a sua capacidade de se abrir e revelar diferentes aspetos – reflete a natureza multifacetada da comunicação ao longo dos tempos. Assim, a medalha não é apenas um tributo à história das telecomunicações, mas também um convite à contemplação sobre como as tecnologias moldam a nossa perceção do mundo e a forma como nos conectamos uns com os outros.



Figura 82. António Canau "100 Anos da primeira ligação telefónica Lisboa-Porto, 1904-2004" bronze com patina e fio de cobre, Fechada 85x72x7mm, Aberta 130x72x7mm., construção, 2004. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

A medalha-objeto "Município da Azambuja" (2005), criada por António Canau, é uma obra que alia estética e funcionalidade, feita em bronze com um banho de prata no interior que lhe confere sofisticação. Esta medalha é inovadora na sua conceção, apresentando-se como um objeto que se abre, sustentado por uma base de acrílico quando fechada, de modo a garantir o seu equilíbrio.

Na base da medalha, encontra-se o mapa do Município de Azambuja, desenhado através da repetição da expressão "Município de Azambuja". Estas letras formam o contorno do território, com delimitações cuidadosas que representam as fronteiras entre as várias freguesias do município, destacadas com pontos em negrito. No centro da composição, surge um zambujeiro, a árvore que dá nome ao município, desenhado verticalmente, tornando-se o elemento unificador da obra.

Quando a medalha é aberta, revela simultaneamente a morfologia do município e a da árvore, criando uma narrativa que pode ser interpretada como um livro, onde cada lado oferece uma leitura diferente. Fechada, a frente da medalha exhibe a árvore em destaque, enquanto nas laterais se encontra, de um lado, a legenda, e do outro, o brasão do município.

Esta medalha explora a relação entre identidade local e a paisagem natural, ao mesmo tempo que reflete sobre o tempo e a memória. A escolha do zambujeiro como símbolo central é significativa, pois remete para raízes profundas, tal como as ligações entre a terra e as pessoas que nela habitam. A estrutura aberta e a metáfora do livro reforçam a ideia de que a história de um lugar é continuamente construída, sendo lida e relida pelas gerações ao longo do tempo. A medalha, portanto, não é apenas um objeto comemorativo, mas uma obra que convida à reflexão sobre o território e as suas múltiplas camadas de significado.

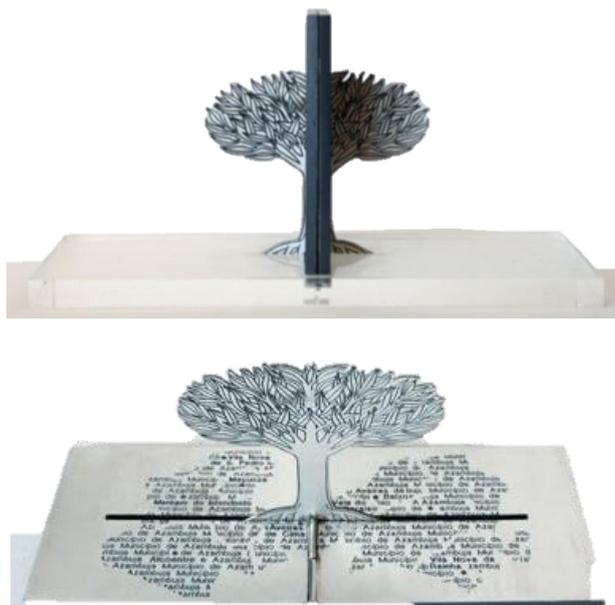


Figura 83. António Canau "Município de Azambuja"
bronze, banho de prata, acrílico, construção, 2005. Fonte:
Imagem cedida por António Canau.

Através da exploração da temática do corpo humano, António Canau presenteia-nos com a medalha-objeto "Ribs Flower" (2013), criada a propósito da exposição do grupo *Anverso/Reverso*, no Congresso da FIDEM de 2014 em Sofia. Esta medalha reflete a ligação morfológica com a escultura do autor "Costelas, sob suposta influência de Camilo" (2008), partilhando elementos estilísticos semelhantes.

A medalha destaca-se por incorporar elementos que se afastam do plano, uma característica recorrente nas obras de Canau. O título "Ribs Flower" é uma metáfora poética, em que o coração é descrito como a "flor das costelas", representando o que está protegido dentro do torácico. A obra é concebida a partir de um frasco com a forma de um torso masculino em V, com as "costelas" modeladas na superfície externa. O coração, em vermelho, está localizado no interior do frasco, destacando o centro da medalha.

A tampa do frasco é adornada com uma flor cujas pétalas, em preto, estão dispostas com metade para cima e a outra metade para baixo, rodeando o "botão" central, também vermelho. O coração envolvido pelas costelas, cria uma metáfora visual que explora a relação entre a anatomia e a natureza.

A metáfora do coração como a flor das costelas sugere uma harmonia intrínseca entre a fragilidade e a proteção, simbolizando a vida e a vitalidade resguardadas e nutridas

pelo corpo. A obra ilustra a conexão entre a estrutura física e os elementos naturais, evidenciada pela cor vermelha do coração e o preto das costelas. Assim, a medalha celebra a beleza da anatomia humana enquanto reforça a ideia de que o corpo está profundamente ligado ao mundo natural que o rodeia.



Figura 84. António Canau "Ribs Flower"
frasco de vidro, metal, construção, 2013.
Fonte: Imagem cedida por António Canau.

António Canau, ao longo da sua carreira, tem explorado o corpo feminino e a fertilidade através de composições que, muitas vezes, utilizam, de forma inovadora, objetos do quotidiano. Exemplos disso são as medalhas “Femina Turbine Flower” 2013 e “Pregnant Femina – The Beautiful Precious Seminal Receptacle of our Future” 2019.

A medalha "Femina Turbine Flower", criada por António Canau em 2013, é um exemplo notável de medalha-objeto, constituída por uma turbina preta, cujo design é complementado por um elemento dourado, que representa uma carenagem aerodinâmica, de onde irradiam concentricamente as pás da hélice, criando a aparência de uma flor estilizada. A escolha dos materiais e a disposição dos elementos conferem à medalha um carácter dinâmico e visualmente intrigante. Nesta face da medalha, a turbina preta e o elemento dourado não apenas evocam a forma de uma flor, mas também simbolizam a complexidade e a beleza da feminilidade. O contraste entre o preto da turbina e o brilho dourado da extremidade concava, acentua a profundidade e o impacto visual da medalha.

A face reversa da medalha apresenta uma semi-esfera preta com um elemento semelhante à carenagem aerodinâmica da face anterior, agora com uma dimensão reduzida, também dourado, que faz uma alusão ao seio feminino. Este detalhe, mais sutil

e íntimo, reforça a conexão com o corpo e a identidade feminina. A escolha de manter o elemento dourado oferece uma continuidade estética e conceptual com a outra face, mantendo a coesão temática da medalha e o diálogo entre as duas faces.

A "Femina Turbine Flower" destaca-se pela sua abordagem dinâmica e pela forma como utiliza elementos mecânicos e naturais para criar uma narrativa visual complexa. A fusão de materiais e formas convida o espectador a refletir sobre a interseção entre tecnologia, natureza e a dimensão feminina.



Figura 85. António Canau "Femina Turbine Flower" turbina de plástico, elementos de metal dourados, construção, 2013. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

A medalha "Pregnant Femina – The Beautiful Precious Seminal Receptacle of our Future", criada por António Canau em 2019, ano em que integrou a exposição *Progression*, explora, novamente, temas de feminilidade e futuro através de uma composição visualmente simbólica. Tal como a obra analisada anteriormente, esta medalha incorpora um elemento concavo dourado, a coroar um elemento de madeira que, pela sua forma nos remete para vasos cerâmicos e tambores japoneses (*taiko*) (Teixeira, 2020, p. 149). À semelhança do corpo desta medalha, também os *taiko* têm uma forma cilíndrica, com as suas laterais suavemente curvadas. Esta curvatura não é completamente reta, mas ligeiramente alargada no centro, conferindo-lhe uma aparência robusta e equilibrada.

Conceptualmente, a forma do *taiko*, pode ser associada a elementos femininos por várias razões. A silhueta arredondada do tambor, que se alarga ligeiramente no centro, pode remeter às formas do corpo feminino, especificamente à suavidade e plenitude dos quadris e à barriga, símbolos de fertilidade e maternidade. Assim como o *taiko*, que ressoa com força e profundidade, o corpo feminino pode ser visto como uma fonte de energia

vital e capacidade de gerar vida, simbolizando o poder da criação e da nutrição. Além disso, a solidez da madeira do tambor, que sustenta e amplifica o som, pode ser vista como uma metáfora para a força interna e resiliência das mulheres. Assim, o *taiko* não ecoa apenas um som poderoso, mas também simboliza o papel da mulher como uma figura central e estruturante, que mantém firmeza e dá suporte, tanto no sentido físico quanto emocional.

O conceito por trás desta medalha é revelador de uma preocupação com o futuro e a sustentabilidade, sugerida pela evocação da natureza e a transformação de objetos comuns em símbolos algo mais profundos. Através do título da obra, o autor destaca a ideia de que esta medalha é uma metáfora para um "receptáculo seminal do nosso futuro", refletindo a continuidade e a potencialidade da vida.

Esta medalha emerge de um processo de assemblage, onde componentes previamente adquiridos — “It had been purchased at Aki, to be used as a tip of a curtain rail (...) and a golden teat, in polished brass, that he purchased in a furniture hardware store” (Teixeira, 2020, p. 149) — são combinados para formar um todo coeso. Este processo valoriza o acaso e a intuição, permitindo que as decisões espontâneas façam parte da criação, em vez de seguir uma abordagem totalmente planejada e controlada. A medalha “Pregnant Femina” sintetiza a essência da feminilidade e da criação, integrando elementos tradicionais e contemporâneos para oferecer uma reflexão profunda sobre a continuidade da vida e a harmonia entre a arte e a natureza.



Figura 86. António Canau medalha "Pregnant Femina – The Beautiful Precious Seminal Receptacle of our Future" Madeira, elemento metálico dourado, Construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

As obras de António Canau refletem o seu compromisso com a exploração de temas profundos e universais, como a metamorfose e a relação entre o ser humano e a natureza. Através de uma abordagem que une tradição e inovação, Canau utiliza essencialmente o desenho como base criativa que interliga as suas expressões em escultura, medalhística e gravura, desenvolvendo uma iconografia pessoal, repleta de memória e significado. A sua versatilidade técnica e conceptual permite-lhe ultrapassar os limites da medalhística tradicional, adaptando-se de forma criativa a novos desafios e contextos artísticos. Tal como diz Cristina Azevedo Tavares, para António Canau “O desenho atua como fundo universal, matriz, estrutura e invenção na exploração das técnicas e dos registos gráficos e dos materiais mais adequados, desde o espontâneo ao premeditado” (Tavares, 2009, p. 2).

A transversalidade e extensão da expressão artística de António Canau na exploração de um mesmo tema, será talvez uma das suas mais notáveis características. A capacidade do autor em representar o mesmo tema em diferentes áreas de criação artística, tal como vimos em “Ribs Flower” cuja inspiração formal e conceptual se baseou na escultura "Costelas, sob suposta influência de Camilo" (2008) (Fig.87), estende-se por outras obras do seu reportório, “Esta pesquisa pelo essencial., pelo depurado, que encontramos na escultura pública de traço quase minimalista, também se evidencia nalgumas medalhas, a maioria obras de encomenda” (Tavares, 2009, p. 5).

Outros exemplos que destacam este processo criativo do autor são a medalha-objeto “Peixe!?”, 2008 (Fig.88) que se inspira numa serigrafia com tintas de água feita em 1997 “Sem título” (Fig.89) e a medalha-objeto "Génesis 1, Sob Suposta Influência da Lua", 2007 (Fig.90) que se inspira em duas esculturas feitas em Bronze "Sob Suposta Influência da Lua" 1997 (Fig.91) e "Sob Suposta Influência da Lua" 1998 (Fig.92), para além disso nota-se uma semelhança formal entre estas obras e a gravura "O Cão do Minotauro!?" Serigrafia com tintas de água 1997 (Fig.93).

Estes aspetos refletem apenas uma parte do vasto percurso de António Canau, cuja obra, marcada por uma visão singular e um compromisso com a inovação, redefine a medalha contemporânea. Com um percurso que alia técnica, simbolismo e uma iconografia pessoal, Canau deixa um legado que redefine as fronteiras desta arte.

3.6.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de António Canau⁵⁹



Figura 87. António Canau "Costelas, Sob Suposta Influência de Camilo" Ferro pintado e aço, 2008. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

⁵⁹ Ver entrevista ao autor no Anexo I.IV pp. 179-187.



Figura 88. António Canau "Peixe!?", 2008. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

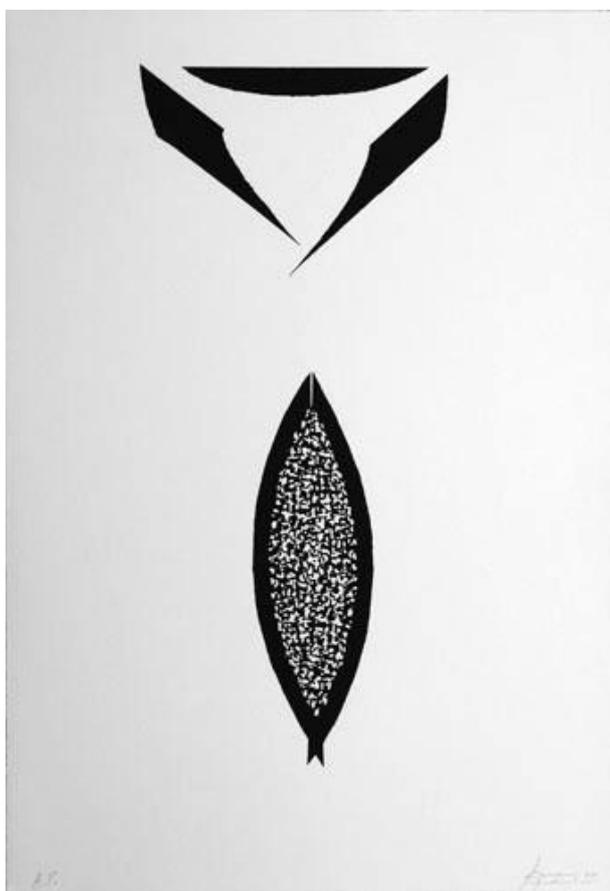


Figura 89. António Canau "Sem título" Serigrafia com tintas de água, 1997. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

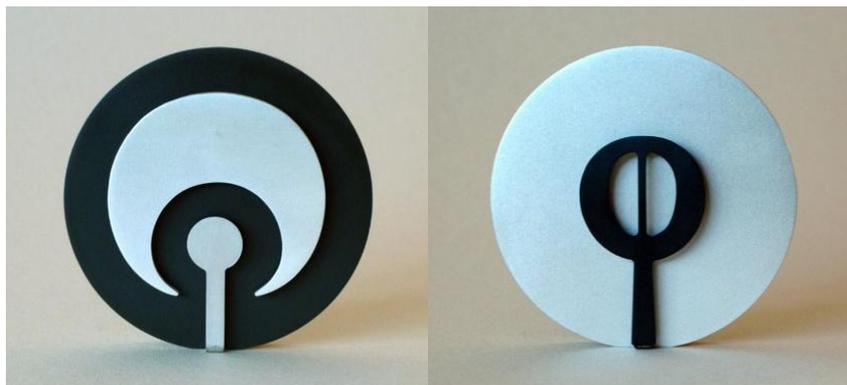


Figura 90. António Canau "Gênesis 1, Sob Suposta Influência da Lua", 2007. Fonte: Imagem cedida por António Canau.



Figura 91. António Canau "Sob Suposta Influência da Lua" Bronze, 1997. Fonte: Imagem cedida por António Canau.



Figura 92. António Canau "Sob Suposta Influência da Lua" Bronze, 1998. Fonte: Imagem cedida por António Canau.

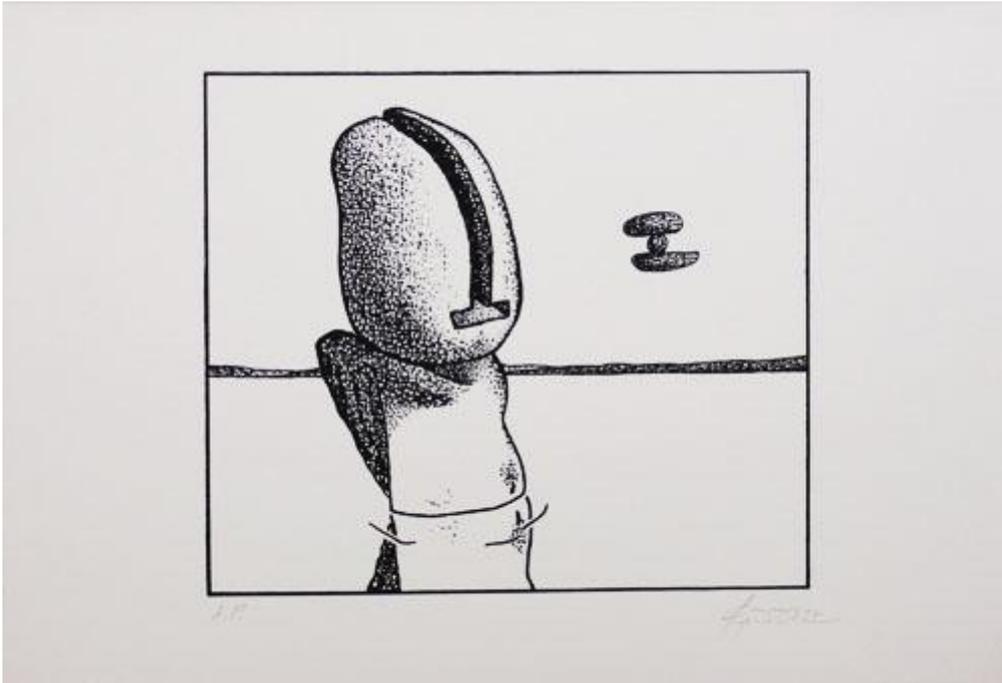


Figura 93. António Canau "O Cão do Minotauro!?" Serigrafia com tintas de água, 1997.
Fonte: Imagem cedida por António Canau.

3.7 | Maria João Ferreira (1977)

[...] representante de uma nova atitude [...]

(Batista, 2009, p. 20)

Maria João Ferreira, natural de Lisboa em 1977. É licenciada em Escultura e Mestre em Estudos Curatoriais pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Anverso/Reverso, 2021, p. 27), onde atualmente frequenta o Doutoramento em Belas-Artes – Escultura. O seu trabalho académico envolveu colaborações com instituições prestigiadas, como o Centro de Arte Moderna Fernando de Azeredo Perdigão da Fundação Calouste Gulbenkian (Ferreira, 2024, p. 7). Desde o início de sua carreira, demonstrou um interesse profundo pela medalha, uma área na qual colaborou com o Professor Escultor João Duarte, participando na criação do “Projeto Volte Face – Medalha Contemporânea” em 1997/1998, que mais tarde evoluiu para “Centro de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea”.

Além da sua prática artística, Maria João Ferreira desempenha um papel fundamental na promoção da medalhística em Portugal, com destaque para o seu envolvimento na Divisão de Ação Cultural da Câmara Municipal do Seixal. Neste contexto, fez parte da organização de eventos de grande relevância, como a I Bienal Internacional de Medalha Contemporânea do Seixal (1999/2000) e a II Bienal Internacional de Medalha Contemporânea do Seixal (2001/2002), consolidando o seu papel de destaque no panorama cultural local e internacional. A sua influência no campo da medalha foi ainda reforçada pela sua colaboração na organização do XXIX Congresso da FIDEM em 2004.

Entre janeiro de 2020 e setembro de 2022, Maria João Ferreira trabalhou no MUDE – Museu do Design e da Moda, em Lisboa, e desde outubro de 2022 exerce funções no Ministério da Cultura, na Direção-Geral das Artes, onde continua a contribuir para a valorização e divulgação da arte⁶⁰.

Como membro ativo dos projetos Centro de Estudos Volte-Face e Grupo *Anverso/Reverso–Medalha Contemporânea*, Maria João Ferreira tem uma carreira expositiva que abrange tanto Portugal como o estrangeiro, estando representada em

⁶⁰ Informação cedida pela autora em conversa pessoal.

espaços internacionais como a Medialia ... Rack and Hamper Gallery, em New York. Recentemente, participou na exposição coletiva *Progression*, Kyoto, New York e Seixal, e apresentou a exposição de escultura “Nada dura, nada está acabado, nada é perfeito” na Galeria Augusto Bértholo, em Alhandra, em outubro de 2024 (Ferreira, 2024, p. 7).

O percurso artístico de Maria João Ferreira destaca-se pela sua abordagem inovadora e rigor conceptual no campo da medalhística contemporânea. Como membro mais jovem do Grupo *Anverso/Reverso*, a autora tem vindo a consolidar a sua presença com trabalhos que aliam simbolismo e uma estética depurada. Nesta análise, serão exploradas três medalhas representativas destas características: "Fragmento de Mar, Quase Mar" (2003), a “Medalha Comemorativa da Associação Humanidades” (2006) e a “Medalha Comemorativa do Centenário de Álvaro de Brée, 1903-2003” (2003). Estas obras, que são apenas uma pequena janela do amplo e diversificado universo criativo da artista, não apenas ilustram a sua versatilidade enquanto artista, mas também a sua capacidade de abordar temas relevantes com grande sensibilidade e profundidade.

A imagem da medalha “Fragmento de Mar. Quase Mar” (2000) de Maria João Ferreira revela um objeto retangular de um azul intenso, construído em acrílico, montado sobre uma base metálica de latão dourado. A obra destaca-se pela sua simplicidade geométrica, mas também pela carga simbólica que carrega.

O fragmento azul, representando o mar, é um símbolo de imensidão e profundidade, enquanto que o recorte ondulado na chapa de latão evoca o movimento das ondas ou a linha da costa. A inscrição "Fragmento de mar. Quase mar" reforça a ideia de algo incompleto ou apenas parcialmente capturado, remetendo para a vastidão do oceano, que nunca pode ser completamente delimitada ou apreendida na sua totalidade. Esta tensão entre o acrílico azul – que simboliza o mar sem limites – e o latão dourado – que sugere uma tentativa humana de enquadrar ou definir essa natureza infinita – sugere uma reflexão sobre a interação entre o natural e o construído, o que pode ser controlado e o que sempre escapará à nossa compreensão.

O uso de materiais contrastantes, amplia essa dualidade entre permanência e fluidez, enquanto a forma ondulada do recorte na chapa oferece um gesto subtil que quebra a rigidez do suporte geométrico. O recorte pode ser visto como uma ondulação no

mar ou a impressão efêmera de uma onda, simbolizando o movimento contínuo e a natureza efêmera do oceano.

O título, “Fragmento de Mar. Quase Mar”, reforça o conceito de que o mar aqui representado é uma abstração ou uma lembrança, um fragmento de algo maior e inatingível, trazendo uma sensação de nostalgia e de algo que, embora perto, nunca é completamente apreensível.



Figura 94. Maria João Ferreira "Fragmento de Mar. Quase Mar", Latão e acrílico, 82 x 80 x 16mm, construída, 2000.

Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2021/06/17/quase-mar/>.

A “Medalha Comemorativa da Associação Humanidades” (2006), concebida por Maria João Ferreira, é uma obra de 60x60 mm, em bronze pela Gravarte, que celebra os valores e os ideais da Associação Humanidades que, tal como diz Helder Batista, é “um espaço de formação para mães adolescentes” (Batista, *Novas Atitudes*, 2009). Esta organização, dedicada à promoção de ações de solidariedade social e ao apoio às famílias, tem como missão a defesa dos direitos humanos e a dignidade da pessoa.

O elemento central desta medalha é a representação de uma escadaria, que surge de uma abertura quadrada no centro do objeto. Esta escada, que atravessa a medalha, sugere a ideia de ascensão e progresso, evocando o conceito de "subida" em direção a um futuro melhor. A legenda "Uma porta para o futuro" reforça essa ideia, simbolizando o papel da associação no apoio às pessoas na superação desafios e no alcance de novos horizontes.

A forma quadrangular da medalha e o espaço vazio central criam uma composição equilibrada e minimalista e um diálogo entre os dois elementos. A escadaria, que parece

sair da medalha, metaforicamente indica o caminho para um futuro promissor, associado aos valores da solidariedade e da ajuda mútua que a Associação Humanidades promove.

Este design, reflete o estilo da autora, que utiliza formas abstratas para transmitir mensagens claras e de grande impacto social. A medalha destaca a importância do papel da associação, que atua como um meio de abrir portas para um futuro mais justo e digno para todos.



Figura 95. Maria João Ferreira "Medalha Comemorativa Associação Humanidades", bronze, 60x60mm, construção, 2006. Fonte: Anverso/Reverso, 2009, pp. 17-18.

A “Medalha Comemorativa do Centenário de Álvaro de Brée (1903-2003)” (2003), presta homenagem ao célebre escultor português. Feita em bronze, esta obra de 80 mm de diâmetro foi reproduzida pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) em 200 exemplares, destacando-se pela sua abordagem estilizada e criativa.

No anverso, o busto de Álvaro de Brée é representado de forma minimalista e estilizada, posicionado à esquerda e voltado à direita. A escolha de um fundo liso destaca a simplicidade formal, sublinhando a linha de contorno do rosto do escultor, que se encerra num pequeno orifício (Ferreira, s.d.). Este detalhe é um elemento marcante da composição, sugerindo uma certa continuidade e diálogo entre o anverso e o reverso, ao mesmo tempo que simboliza o "olho" ou a visão do artista. A legenda "Álvaro de Brée" à direita equilibra o conjunto.

No reverso, a medalha mantém uma coerência estilística, com outro busto estilizado do escultor, desta vez voltado para a esquerda (Ferreira, s.d.). O orifício mencionado no anverso reaparece aqui, servindo como o olho da figura, unindo ambas as faces da medalha de maneira simbólica e visualmente intrigante. A legenda "Centenário

do Nascimento 1903 – 2003", disposta ao longo da orla à esquerda, fornece o contexto comemorativo da medalha.

Esta medalha não só presta homenagem ao legado de Álvaro de Brée, mas também reflete a inovação criativa de Maria João Ferreira, evidenciada pelo reconhecimento que recebeu no Congresso Mundial de Medalhística da FIDEM em 2004, onde foi galardoada com o Prémio "Aimo N.K. Viitala" pela medalha fundida mais criativa executada por jovens artistas (menos de 30 anos) (Ferreira, s.d.). A integração do orifício como elemento visual e conceitual é um dos pontos centrais da sua originalidade, representando tanto uma ligação física entre o anverso e o reverso como uma metáfora para a visão e a percepção artística.



Figura 96. Maria João Ferreira "Medalha Comemorativa do Centenário de Álvaro de Brée 1903-2002" Bronze, Ø 80 mm, fundida, 2003. Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2016/07/28/insigne-escultor/>.

Para contrastar com as medalhas de encomenda analisadas anteriormente, são agora apresentadas algumas obras que revelam a poética de autor da artista, evidenciando um outro campo do seu trabalho. Nas medalhas “*Casa#3*”, 2018 (Fig.97), “*Casa#16 [O futuro é aqui]*”, 2019 (Fig.98) e “*Casa#5*”, 2018 (Fig.99), a autora utiliza materiais como papel artesanal, linho e fio de algodão, que remetem para a suavidade e o conforto do lar, criando uma atmosfera acolhedora e de memória afetiva. Também os tons claros e quentes das obras reforçam essa sensação.

Tal como nas esculturas apresentadas na exposição "Nada Dura, Nada Está Acabado, Nada É Perfeito", como “*Do céu #3*” (Fig.100) e “*O lugar #3*” (Fig.101), Maria João Ferreira mantém uma linguagem sensorial e poética. Estes novos estudos

compositivos, apesar das variações nos elementos utilizados, e das suas dimensões, partilham a mesma sensibilidade formal e conceptual. Há uma continuidade evidente entre as suas medalhas e esculturas, ambas explorando uma visão sintética que valoriza o efêmero e o imperfeito.

Estas medalhas, tornam-se expressões de um espaço emocional e simbólico, revelando a capacidade da autora de transformar materiais do dia a dia em criações profundamente pessoais. Ao contrastar com as suas medalhas de encomenda, estas obras, de *poética de autor*, evidenciam uma outra dimensão da medalhística contemporânea de Maria João Ferreira, enriquecendo o panorama artístico com uma abordagem intimista e inovadora. A liberdade criativa e o estímulo à inovação são fatores decisivos na sua obra e investigação.

3.7.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de Maria João Ferreira⁶¹



Figura 97. Maria João Ferreira "Casa #3" papel artesanal, linho, fio de algodão, acrílico, 80 x 80 mm, construção, 2018. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.27.



Figura 98. Maria João Ferreira "Casa #16 [O futuro é aqui]" papel artesanal, cartão, linho, fio de algodão, tronco de cidreira, bronze, 80 x 80 mm, 2019. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.27.

⁶¹ Ver entrevista escrita da autora no Anexo I.V p. 188.



Figura 99. Maria João Ferreira "Casa #16 [O futuro é aqui]" papel artesanal, cartão, acrílico, 80 x 80 mm, 2018. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.27.



Figura 100. Maria João Ferreira "Do Céu #3" algodão, papel artesanal, composto de cimento, 20x20x10 cm (s/d). Fonte: Ferreira, 2024, p.11.



Figura 101. Maria João Ferreira “O Lugar #3” algodão, papel artesanal, compósito de cimento, 20x20x10 cm (s/d). Fonte: Ferreira, 2024, p.15.

3.8 | José João Brito (1941)

[...] *experiência artística, memória e histórias* [...] ⁶²

(Teixeira, 2020, p. 149)

José João Brito nasceu em 1941, em Coimbra, e é um nome de referência no panorama da escultura e medalhística em Portugal. Formou-se em Escultura, tendo concluído com distinção o Curso Complementar de Escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto (atual Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto), onde foi aluno do Escultor Barata Feyo. Em 1966, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, um reconhecimento importante do seu talento, e, no ano seguinte, recebeu o prestigiado Prémio de Escultura Teixeira Lopes, afirmando a sua reputação no meio artístico (Anverso/Reverso, 2021, p. 21).

Além do seu trabalho como escultor e medalhista, foi professor no Colégio Militar, foi membro da direção da Sociedade Nacional de Belas-Artes e é sócio de ouro da Cooperativa Árvore, no Porto. Integra, ainda, a Academia Nacional de Belas-Artes como vogal correspondente, destacando-se pelo seu contributo para a preservação e desenvolvimento das artes plásticas em Portugal (Anverso/Reverso, 2021, p. 21).

Ao longo da sua carreira, José João Brito teve uma presença ativa em inúmeras exposições coletivas, tanto a nível nacional como internacional, com especial destaque para a sua participação nas exposições da Federação Internacional de Medalha (FIDEM). Desde 1985, expôs regularmente em todas as edições da FIDEM, tendo sido premiado com o *Prix de la Monnaie du Portugal* na XXV Exposição, em Neuchâtel. O seu trabalho estende-se também à colaboração com a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), onde editou várias moedas e medalhas (Anverso/Reverso, 2021, p. 21).

Com várias exposições individuais desde 1983, o seu trabalho está representado em importantes coleções nacionais e internacionais, incluindo no Museu Amadeo de Souza-Cardoso, em Amarante, na Galeria "Lugar do Desenho", em Estremoz, e no British Museum, em Londres (Anverso/Reverso, 2021, p. 21). A sua vasta e multifacetada

⁶² Tradução livre.

carreira evidencia a importância de José João Brito como uma figura incontornável da escultura e medalhística contemporânea.

O percurso artístico de José João Brito é marcado por uma carreira sólida e prolongada na medalhística contemporânea, onde se destaca pela sua abordagem inovadora e versátil. Apesar de ser um dos membros mais experientes do Grupo *Anverso/Reverso*, esta análise irá centrar-se em apenas três medalhas, uma vez que Brito foi um dos últimos a integrar o grupo.

Nesta análise, serão exploradas quatro medalhas que exemplificam a diversidade e a profundidade do seu trabalho, são elas “Homenagem ao Movimento das Forças Armadas” (1974), “Tanegashima 1543” (2019) e “Dama de Quioto” (2019). Cada uma delas não só reflete a mestria técnica do autor, mas também as diversas narrativas e temas abordados, que enriquecem o panorama da medalhística contemporânea. É importante ressaltar que esta seleção representa apenas um vislumbre do vasto e multifacetado universo criativo do artista.

“Homenagem ao Movimento das Forças Armadas”, comemorativa do 25 de abril de 1974, é uma medalha rica em simbolismo, cuja forma redonda é marcada por um furo central e um corte que se estende do centro até a borda, formando um raio da circunferência. A superfície discoide da medalha representa a conformidade e a monotonia de uma sociedade oprimida, onde as esperanças e os anseios dos cidadãos eram frequentemente ignorados. Ao mesmo tempo, a superfície da medalha “limpa”, sem ruído gráfico, onde apenas se destaca o rasgo e a legenda cuidadosamente colocada, poderá evocar a invulgar “pacificidade” com que recordamos a Revolução dos Cravos. Por sua vez, o “rasgo” da superfície achatada da medalha é um reflexo da luta pela liberdade, simbolizando a coragem dos militares e dos civis que se uniram para derrubar um regime que silenciava a população. Assim, o corte, mais do que uma simples característica estética, poderá ser entendida como uma poderosa metáfora que evoca a rutura que o 25 de abril representou na história de Portugal. A divisão entre o passado e o futuro, representa a quebra do ciclo opressivo que caracterizou o regime autoritário do Estado Novo.

Esta medalha poderá ser entendida como um excelente exemplo do principal propósito da medalha. Mais do que ter contribuído para a divulgação desta arte, esta

medalha constituiu um verdadeiro meio de comunicação ao transmitir os “ideais de Abril”. Em conversa pessoal com o autor, José João Brito revelou alguns detalhes da “expedição” desta medalha pelo “mundo”. Divulgada pela embaixada da dinamização cultural do Movimento das Forças Armadas (MFA) em vários países, esta medalha chegou ao encontro de diversos líderes mundiais como Leonid Brezhnev (União Soviética), Edward Gierek (Polónia) e Fidel Castro (Cuba).

Assim, a Medalha “Homenagem ao Movimento das Forças Armadas” transcende o seu valor como um “mero” objeto, encapsulando a memória coletiva de um momento crucial na história de Portugal. É de salientar a habilidade do artista em criar uma medalha aparentemente simples, mas carregada de simbolismos em todos os elementos de forma a criar um objeto intemporal, capaz de comunicar com o espectador. Essa medalha, portanto, não é apenas um testemunho do passado, mas também uma inspiração para as gerações futuras, lembrando a todos que a liberdade e a democracia são conquistas que devem ser constantemente defendidas e celebradas.

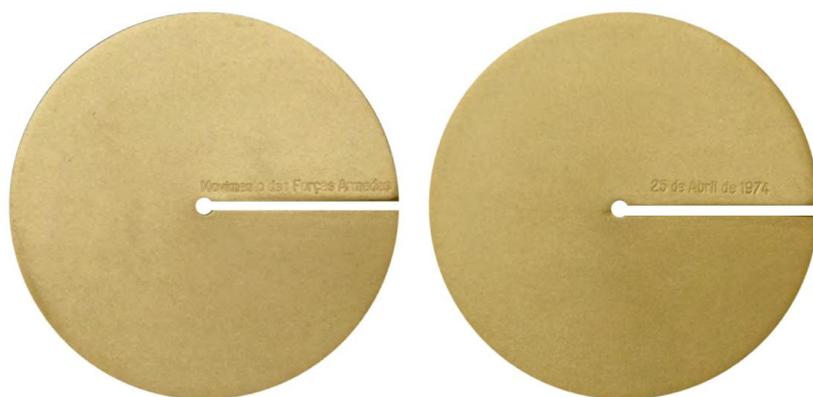


Figura 102. José João Brito "Homenagem ao Movimento das Forças Armadas (MFA)", latão, estampagem, 1974. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.

A medalha dedicada a Fernando Pessoa, concebida por José João Brito, é uma obra conceptual e elegante que homenageia o célebre poeta português, refletindo a complexidade e fragmentação da sua identidade literária. Composta por duas partes semicirculares que se completam ao encaixarem, a medalha assume um carácter dinâmico. Esta composição remete-nos para as múltiplas facetas de Pessoa e os seus heterónimos, com as duas partes da medalha a funcionarem como um todo, tal como Pessoa coabitava com as diferentes personalidades literárias que criou.

No anverso, encontram-se gravadas as frases "Porque é do português pai de amplos mares" e "Querer poder só isto", retiradas da quadra "D. João, Infante de Portugal", da obra *Mensagem*. Estas palavras, apresentadas de forma clara e simples, reforçam o poder simbólico da mensagem pessoana, ecoando a grandeza marítima e o destino nacional que o poeta atribuía ao espírito português.

O reverso da medalha mantém o mesmo registo, contendo as inscrições "O todo, ou o seu nada" e "O inteiro mar, ou a orla vá desfeita", continuando a exploração poética da visão de Pessoa sobre a amplitude e o vazio, tanto em termos da identidade nacional quanto da individual.

No bordo da medalha está inscrito o nome e o ano de nascimento e morte do poeta homenageado (1888-1935), assim como o nome da entidade emissora, INCM e o autor.

O seu carácter fragmentado desta medalha reflete a multiplicidade dos heterónimos de Pessoa, sugerindo que a totalidade da sua obra literária é, por si só, um mosaico de personalidades distintas que, juntas ou separadas, contribuem para a compreensão da profundidade poética do autor. Assim, a medalha não só homenageia Pessoa como poeta, mas também a complexidade da sua obra, tornando-se uma verdadeira representação física da sua herança literária.



Figura 103. José João Brito "Fernando Pessoa 1888-1935" bronze, Ø 80 mm, Estampagem (s/d).
Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2018/10/23/so-isto/>

“Tanegashima 1543” (2019), de José João Brito, simboliza a chegada dos navegadores portugueses à ilha de Tanegashima, no Japão, em 1543, um momento significativo nas relações entre o Ocidente e o Oriente. A composição da medalha é simples e direta: dois discos sobrepostos, um de latão e outro de acrílico transparente (Teixeira, 2020, p. 149). O disco de latão, recortado e dobrado, representa a vela de um navio, sendo possível observar uma parte da cruz da Ordem de Cristo, tipicamente presente nas caravelas portuguesas, enquanto que o disco de acrílico evoca o mar através do vazio deixado pelo recorte do barco.

Esta medalha utiliza materiais que, apesar de serem simples, são carregados de significado. O latão, com a sua aparência robusta e metálica, simboliza a presença física dos portugueses e as suas embarcações, que atravessaram os oceanos. O acrílico transparente, por outro lado, sugere a vastidão do mar e o espaço vazio que separava e, ao mesmo tempo, ligava as culturas. O jogo entre o cheio e o vazio, o tangível e o intangível, reflete a dualidade presente no encontro entre o Ocidente e o Oriente.

A escolha de criar apenas dois exemplares da medalha (Teixeira, 2020, p. 149) sublinha a exclusividade da obra, algo que reforça a ideia de que este momento histórico, apesar de significativo, foi único e irrepetível. Ao mesmo tempo, o uso de materiais simples reflete a preferência do artista por uma estética minimalista, onde o essencial ganha destaque.

Mais do que uma simples representação de um evento histórico, “Tanegashima 1543” explora a relação entre forma e conteúdo. O barco recortado no latão simboliza não apenas a chegada dos portugueses ao Japão, mas também o impacto das trocas culturais que se seguiram. O autor utiliza a medalha como um meio de diálogo entre o passado e o presente, sugerindo que a história é algo vivo, que molda e influencia o nosso entendimento do mundo atual.

Assim, esta medalha vai além do objeto físico: ela é um símbolo de interações culturais, um testemunho das trocas que ocorreram e que continuam a moldar as nossas perceções do mundo. José João Brito utiliza a simplicidade formal para transmitir uma mensagem profunda sobre a história, a memória e as ligações entre culturas.



Figura 104. José João Brito "Tanegashima 1543" latão patinado e acrílico, Ø 70x50mm, Construção, 2019.
Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.21.

“Dama de Quioto” (2019), de José João Brito, é uma obra em latão pintado, com dimensões de 120x40x75 mm, que se distingue pela sua abordagem estilizada e pela evocação direta da cultura nipónica. A medalha apresenta o perfil de um rosto feminino, construído a partir de chapa de latão recortada e pintada de um vermelho vibrante, uma cor frequentemente associada à estética tradicional japonesa. O design simples e geométrico é marcado por planos perpendiculares que se intersectam, criando um rosto escultural com linhas fluídas e expressivas.

A escolha do latão e a técnica de soldagem a prata (Teixeira, 2020, p. 150) são particularmente significativas, sublinhando a destreza do autor em trabalhar materiais metálicos com uma precisão que resulta numa síntese formal equilibrada. Estes planos adicionam profundidade e tridimensionalidade à medalha, conferindo-lhe um carácter escultórico e uma presença marcante, apesar do seu tamanho relativamente pequeno. A simplicidade aparente esconde um estudo cuidadoso de formas e proporções, inspirado pela estética requintada das lacas japonesas e pelas figuras icónicas das Geishas e Samurais (Teixeira, 2020, p. 150).

“Dama de Quioto” dialoga com outras obras do autor, como a escultura pública dedicada a Fernando Pessoa (1987-1988) (Fig.106) (Teixeira, 2020, p. 150), onde José João Brito também utiliza chapa metálica para criar uma forma minimalista. Embora essa

obra tenha uma escala monumental e use aço laminado, ambas partilham a mesma abordagem focada na pureza da forma e impacto visual de um estilo gráfico.

Assim, esta medalha, não representa apenas um tributo à cultura japonesa, mas também reflete a capacidade de José João Brito em fundir elementos tradicionais com uma visão contemporânea. A obra é uma síntese de técnicas esculturais modernas e técnicas de joalheria tradicionais (presentes no corte da forma com serra de ourives, e nas soldaduras a prata), assim como referências culturais, reforçando a versatilidade do artista em explorar diferentes materiais, técnicas e temas, ao mesmo tempo que mantém uma coerência formal em toda a sua obra.



Figura 105. José João Brito "Dama de Quioto" latão pintado, 120 x 40 x 75 mm, construção, 2019. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.21.

A obra de José João Brito revela uma notável relação com a escultura que, para além das semelhanças visíveis entre a medalha “Dama de Quioto” (2019) e a escultura pública de “Fernando Pessoa” (1987-1988) referidas acima, é particularmente visível na medalha "Coimbra Menina e Moça, Capital Nacional da Cultura" (2006) (Fig.107), que se assemelha a uma maquete arquitetónica, ressaltando a sua capacidade de criar estruturas tridimensionais que dialogam com o espaço. A escolha de materiais tradicionais, como os metais, evidente na medalha comemorativa dos “100 anos do cinema” (1995) (Fig.108) e na medalha dedicada a “Fernando Pessoa (1888-1935)” referida acima, demonstram a versatilidade do autor em explorar diferentes materiais, texturas e acabamentos, enriquecendo a linguagem da medalhística contemporânea.

Adicionalmente, o grafismo presente em obras como a medalha "Centenário do Nascimento de Manoel de Oliveira" (Fig.109) ilustra a criatividade do autor ao combinar elementos visuais e narrativos. A forma da medalha, remanescente de um claquete, juntamente com o desenho em esmalte em preto e branco no reverso, captura Manoel de Oliveira e a sua ligação com a cinematografia. Esses exemplos refletem a diversidade e profundidade do trabalho de José João Brito, que, através da sua prática, contribui para redefinir a medalha contemporânea como uma forma de arte rica em significado e expressão.

3.8.1 | Evocação Iconográfica de algumas obras de José João Brito⁶³



Figura 106. José João Brito “Escultura Fernando Pessoa” aço pintado a preto, 1987/88. Fonte: Teixeira, 2020, p.150.



Figura 107. José João Brito “Coimbra Menina e Moça, Capital Nacional da Cultura” (s/d). Fonte: Anverso/Reverso, 2009, p. 27.

⁶³ Ver entrevista ao autor no Anexo I.VI pp.189-194.



Figura 108. José João Brito "100 Anos de Cinema" bronze patinado, 70 x 76 mm, 1995. Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2019/03/07/100-anos-de-cinema/>.



Figura 109. José João Brito "Centenário do Nascimento de Manoel de Oliveira" aço e aço inox, 70 x 110 x 12 mm, 2008. Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2015/09/03/aos-106-anos/>.

CONCLUSÃO

O Grupo *Anverso/Reverso* consolidou-se como uma destacada referência no panorama artístico português e internacional, elevando a medalha contemporânea a um estatuto mais conceptual e interdisciplinar, ampliando o seu valor como forma de arte. O seu trabalho não apenas contribuiu para a renovação da medalhística em Portugal, mas também promoveu a sua internacionalização e relevância enquanto forma de arte. Ao longo da sua atividade, o grupo demonstrou uma visão inovadora que desafiou as definições tradicionais de medalha, ampliando os seus horizontes e transformando-a num verdadeiro meio expressivo que ultrapassa a “mera” função comemorativa.

O legado do grupo reside na capacidade de expandir os limites da medalhística, integrando novas formas de pensar e criar. Os seus membros tornaram-se embaixadores de uma prática artística mais livre e ousada, levando a medalha para um território de investigação que reflete os desafios e questões do mundo contemporâneo.

Como vimos nas análises das várias obras dos membros do grupo destacamos, entre outros, exemplos significativos destas abordagens inovadoras. A obra “Primeira Pedra para a Associação Casapiana” (1998) de Helder Batista, é um inquestionável exemplo de inovação, pela primeira vez viu-se em Portugal uma medalha que transpõe metaforicamente o seu conceito e toma a forma literal do objeto, rompendo com as formas tradicionais e trazendo novas possibilidades de interação e reflexão sobre o que é uma medalha. Outro exemplo, desta vez de José Teixeira, é a medalha “Um Lugar para Ti” (2003), com uma linguagem poética ao explorar a relação entre espaço, presença e ausência, utilizando formas simples, mas altamente carregadas de simbolismo. Uma obra que nasce da legenda, em que esta se destaca como o elemento central da medalha. Na medalha tradicional a legenda é inequivocamente um elemento principal, mas parece sempre ocupar um “papel secundário”, ao passo que, nesta medalha a legenda é o que sustenta o conceito e o que sugere a imagem que o observador pode imaginar.

Uma das maiores contribuições do Grupo *Anverso/Reverso* destaca-se pela introdução de uma cultura de inovação e constante experimentação no campo da medalhística. Ao longo dos anos, os membros do grupo exploraram uma variedade de novos materiais, como madeira, acrílico, vidro, cortiça, pedra e plástico, rompendo com o tradicional uso exclusivo de metais. Essa abordagem levou a uma diversidade de

técnicas, a incorporação de elementos tridimensionais, na criação de medalhas que interagem de forma mais direta com o público, conferindo-lhes um caráter mais dinâmico. Esta atitude ousada permite a criação de medalhas que exigem uma participação ativa do observador, promovendo a experiência artística além da mera contemplação.

Estes processos permitiram a exploração de novos conceitos na arte da medalha contemporânea, transformando-a num campo aberto à investigação. Os membros do grupo veem a medalha como um objeto complexo, carregado de significados, que vai além do formalismo, abrindo-se a múltiplas interpretações e interações. Esta atitude não enriqueceu apenas a diversidade da medalhística, mas também inspira futuras gerações de artistas a adotar novas abordagens.

Como pudemos observar no desenvolvimento da investigação, as obras de autores como José Teixeira e Vítor Santos, são testemunhos da inovação e experimentação. Exemplo disso são as medalhas “Baleia - Espécies em Perigo - O Futuro Começa Já” e “Atum - Espécies em Perigo - O Futuro Começa Hoje”, onde José Teixeira utiliza caixas petri em vidro, modelos 3D em resina impressos em SLA e legendas em acetato. Por sua vez Vítor Santos destaca-se com as suas medalhas digitais, que representam uma nova era na medalhística.

Apesar de não fazer parte do grupo de autores em análise, considera-se o exemplo da autora Catarina Mendes, referido no subcapítulo 1.1., um testemunho particularmente relevante de inovação na medalhística portuguesa com as suas medalhas interativas. O seu trabalho ilustra como o ensino artístico pode promover a pesquisa, a reflexão crítica e a busca por novas soluções, enriquecendo diálogo acerca da medalhística contemporânea.

No que diz respeito ao uso de novos materiais, a obra de João Duarte é um exemplo pertinente, através da utilização de acrílico colorido nas suas composições, como é exemplo a medalha “25º Aniversário da ABEI - Associação de Bem-Estar Infantil da Freguesia de Vila Franca de Xira”. Também se destacam José Teixeira e José Simão, respetivamente, com exemplos como a primeira versão da medalha Um Lugar para Ti, feita em papel, ou a medalha “Janelas para o futuro” (2019), feita em madeira de medronheiro e adornada com sementes de tília, desafiando a ideia convencional de materiais utilizados na criação de medalhas.

As medalhas do grupo também se destacam pelas suas dimensões táteis e dinâmicas. João Duarte, por exemplo, criou as chamadas “medalhas-brinquedo” (Figueiredo, 2004) que necessitam da interação do espectador para se tornarem completas, enquanto que, noutra tipo de linguagem, também se destaca José Teixeira com a medalha “Salvaguada das artes chocalheiras e esquilaneira. Paisagem sonora património da humanidade” (2014) que, ao ser manuseada produz som.

A interligação da medalha com outras formas de arte, como a escultura, o desenho, a gravura, a joalheria, a fotografia, entre outras, é um dos pontos centrais no trabalho do Grupo *Anverso/Reverso*. Muitos dos artistas envolvidos transitaram entre estas disciplinas, trazendo uma riqueza conceptual e formal resultante das suas experiências noutras áreas. Essa fusão de disciplinas confere à medalhística uma complexidade única, distinguindo-a como uma forma de arte multifacetada.

Na área do desenho e da gravura destacam-se obras como, “Genesis 1, Sob Suposta influência da Lua” (2007) de António Canau, inspirada pela serigrafia “O Cão do Minotauro!?” (1997) e “O desenho de guerra de Adriano de Sousa Lopes” (2006) de Vitor Santos, que tem no seu reverso uma serigrafia em homenagem ao artista sobre o qual o autor desenvolveu a sua dissertação de mestrado.

No campo da escultura, os exemplos são vários, como Hélder Batista que explora a tridimensionalidade e a monumentalidade na criação de medalhas, como se observa em obras como “Guardador de Muros” (1995), “Vacada” (1992) e “O Teatro e a Vida” (1992), medalhas que remetem automaticamente para as suas esculturas públicas, como “Pina Manique” (1990) e “Monumento à Paz” (1993), que também refletem a temática dos muros, enfatizando a extensão da sua prática escultórica. José João Brito também dialoga com a escultura através da sua obra “Dama de Quioto” que é um exemplo de como as medalhas podem refletir temas e técnicas semelhantes às aplicadas nas suas esculturas públicas, neste caso, a escultura dedicada a Fernando Pessoa (1987-1988). Também a medalha “Ribs Flower”, de António Canau, é inspirada na escultura “Costelas, sob suposta influência de Camilo” (2008), outro exemplo de como as práticas escultóricas podem influenciar a medalhística.

Já a joalheria, por sua vez, trouxe uma atenção especial ao detalhe, à escala e à materialidade. José Simão é um artista que se destaca nesta intersecção, utilizando a

medalha como uma extensão da sua prática de joalheria, onde a minúcia e a expressividade das obras refletem uma profunda compreensão dos materiais e das formas. Também a fotografia tem um lugar relevante nas práticas contemporâneas de medalhística, como exemplificado por José Teixeira em obras como “Verso, Anverso, Reverso” (2003) e “Autorepresentação (o tempo sem fim)” (2002/03). Obras essas que demonstram como a medalha pode incorporar diferentes Mídias, ampliando o seu alcance e complexidade.

Estes exemplos sublinham a versatilidade da medalhística contemporânea, mostrando como a prática artística pode integrar técnicas e conceitos de múltiplos campos, resultando em obras que dialogam tanto com a tradição, como com as vanguardas da arte. Os autores do Grupo *Anverso/Reverso*, ao promoverem essa interligação, enriquecem a medalhística, ampliam as suas possibilidades como forma de arte contemporânea, e possibilitam a aproximação de artistas de outras áreas com esta prática cada vez mais atual.

A participação do Grupo *Anverso/Reverso* nos eventos internacionais da FIDEM foi essencial para a projeção da medalhística portuguesa no estrangeiro. Ao integrar-se num circuito internacional, o grupo não só levou as suas criações além-fronteiras, como também contribuiu para aumentar o reconhecimento da medalha contemporânea portuguesa como uma forma de arte relevante, dinâmica e inovadora. A FIDEM proporcionou um espaço onde os membros do *Anverso/Reverso* puderam trocar ideias, exhibir os seus trabalhos e estabelecer contactos com outros artistas e investigadores.

Através da FIDEM, o grupo destacou-se pela sua abordagem conceptual e pelo uso de novos materiais e técnicas experimentais, que cativaram a atenção de críticos e colecionadores internacionais. Essa presença global não só trouxe visibilidade à medalhística portuguesa, mas também incentivou o diálogo com outras práticas contemporâneas de medalha em todo o mundo, criando pontes e abrindo novas possibilidades criativas.

Ao longo desta investigação, a principal dificuldade encontrada não foi, felizmente, a falta de fontes ou documentação disponível, mas sim a escassez de estudos aprofundados e de investigações sistemáticas sobre a medalhística contemporânea. Esta falta de registos consistentes e específicos, tornou a pesquisa mais desafiante e evidenciou a necessidade urgente de maior valorização e preservação da medalhística

contemporânea. É fundamental que lutemos para reverter esta tendência, garantindo que as futuras gerações tenham acesso a um legado mais rico e bem documentado, contribuindo assim para a continuidade e evolução desta arte.

A investigação sobre o Grupo *Anverso/Reverso* e a medalhística contemporânea portuguesa abre um vasto campo para futuras explorações. Uma das sugestões mais pertinentes seria realizar uma análise comparativa entre o trabalho do *Anverso/Reverso* e outros grupos nacionais ou internacionais que atuam na área da medalhística. Tal estudo poderia revelar como diferentes contextos culturais e artísticos influenciam a produção de medalhas, proporcionando uma visão mais abrangente da evolução desta arte. Além disso, essa comparação poderia destacar as particularidades e inovações que caracterizam o trabalho dos artistas portugueses, assim como identificar sinergias e influências mútuas.

Outra linha de investigação promissora poderia ser a exploração de novas tecnologias aplicadas à medalhística. Com o avanço das técnicas de fabricação digital, como a impressão 3D e a prototipagem rápida, há uma oportunidade única de experimentar novas abordagens e materiais na criação de medalhas. A investigação sobre como estas tecnologias podem ser integradas no processo criativo poderia expandir os limites da medalhística e trazer novas reflexões sobre a medalha na contemporaneidade.

Um outro campo de estudo seria a exploração do vazio, enquanto forma, na medalhística. Este conceito, que se distancia das tradições clássicas, oferece uma oportunidade para aprofundar o entendimento do espaço e ausência nas medalhas. A investigação sobre o vazio presente em algumas das obras analisadas pode servir como ponto de partida para um trabalho mais aprofundado e centrado neste tema.

Um dos elementos cruciais para o desenvolvimento contínuo da medalhística é a preservação e documentação adequada do seu histórico. Nesse sentido, a manutenção do arquivo da FIDEM na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa assume um papel fundamental. Este arquivo não só serve como um recurso inestimável para investigadores e artistas, mas também atua como um testemunho da evolução da medalhística ao longo do tempo. A preservação deste arquivo é vital para garantir que as gerações futuras possam compreender e apreciar a rica história da medalhística, tanto em Portugal como no âmbito internacional.

A preservação do arquivo da FIDEM, complementada com um estudo sobre a metodologia aplicada à organização do novo acervo de medalhística da FBAUL também

seria uma linha de investigação extremamente pertinente, necessária e reconhecida na comunidade estudantil da instituição e em quem a procura para fins de pesquisa. Essa investigação poderia contribuir significativamente para a compreensão do valor histórico artístico e cultural da medalhística, além de estabelecer diretrizes para futuras iniciativas de conservação e promoção desta forma de arte.

Ao longo deste trabalho, ficou claro que a medalhística contemporânea em Portugal é um campo artístico em constante expansão, amplamente enriquecido pela interdisciplinaridade. Artistas como os membros do grupo *Anverso/Reverso* tem contribuído significativamente para a disseminação e afirmação da medalha contemporânea. Este grupo ajudou a redefinir a medalha como um meio artístico autónomo, capaz de refletir o nosso tempo e de dialogar com diversas correntes artísticas atuais.

Olhando para o futuro, a medalhística contemporânea continuará a enfrentar desafios e oportunidades, mas é inegável que o trabalho de investigação e a colaboração internacional abrirão novas portas para a inovação e a evolução deste meio artístico.

*No coração do Grupo Anverso/Reverso, vibra a incessante busca
pelo inédito e a ânsia de fazer o que nunca foi feito!*

BIBLIOGRAFIA

- Anverso/Reverso.** (1996). *Anverso/Reverso Medalha Contemporânea*. Câmara Municipal de Loures, Janeiro 1996, Loures.
- Anverso/Reverso.** (1997). *Anverso/Reverso*. Catálogo da Exposição. Palácio Valenças.
- Anverso/Reverso.** (1998). *Anverso/Reverso Medalha Contemporânea, Exposição*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Janeiro 1998, Lisboa.
- Anverso/Reverso.** (2003). *Exposição de Medalhística, Exercícios Sobre o Plano*. Publígondomar – Publicações Periódicas, Lda., Outubro 2003.
- Anverso/Reverso.** (2009). *Anverso Reverso, Exposição de Medalha e Moeda do Grupo Anverso Reverso*. Lisboa: INCM.
- Anverso/Reverso.** (2017). História do Grupo Anverso/Reverso - Medalha Contemporânea. Em *Anverso / Reverso Medalha Contemporânea*. Alhandra: Galeria de Exposições Augusto Bértholo - Alhandra.
- Anverso/Reverso.** (2021). *Progression Anverso/Reverso New York 2019 | Kyoto 2020 | Seixal 2021*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Anverso/Reverso.** (2023). *Caminhos, Medalhas e Moedas*. ACD Print.
- Azinhaira, D.** (2021). INMC e Anverso/Reverso. Uma Parceria com 25 Anos. Em *Progression: Anverso/Reverso New York 2019 | Kyoto 2020 | Seixal 2021*. (p. 6). Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Batista, H.** (2002). Vitor Santos- Versatilidade e perserverança. (INCM, Ed.) *Anverso Reverso, Exposição de Medalha e Moeda do Grupo Anverso Reverso.*, p. 21.
- Batista, H.** (2004). O sentido e os limites da medalha contemporânea. *Médailles Magazine, XXIXe* Congres de la FIDEM, Seixal, 2004 (No. 61)., pp. 20-21.
- Batista, H.** (2009). Novas Atitudes. Em A. Reverso, *Anverso Reverso, Exposição de Medalha e Moeda do Grupo Anverso Reverso* (p. 20). Lisboa: INCM.
- Batista, H.** (2012). *Hélder Batista Medalhas com História*. Lisboa: INCM.
- Brito, J. J.** (2012). Hélder Batista Medalhas com História. Em INCM, *Hélder Batista Medalhas com História* (p. 57). Lisboa: INCM.
- Câmara Municipal de Lisboa.** (1999). *Anverso/Reverso, Medalha Contemporânea*. Catálogo da Exposição. Galeria Municipal Gymnásio, Câmara Municipal de Lisboa.
- Câmara Municipal do Seixal.** (2009). *Abril em Maio - Liberdade em Construção*. Catálogo da Exposição.
- Câmara Municipal do Seixal.** (2022). *Exposição FIDEM XXXVI – Tóquio 2020, Representação portuguesa no Congresso Mundial de Medalhística*. Catálogo da Exposição.
- Câmara Municipal de Sintra.** (2007). *IV Bienal de Medalha Contemporânea, Prémio Dorita de Castel-Branco, II Edição*. Catálogo da Exposição.

- Câmara Municipal de Sintra.** (2003). *Prémio de Medalha Contemporânea de Sintra Dorita de Castel-Branco*. Catálogo da Exposição. Galeria Municipal de Fitaes.
- Câmara Municipal de Sintra.** (2012). *Prémio de Medalha Contemporânea de Sintra Dorita de Castel-Branco, VI Edição*. Catálogo da Exposição.
- Canau, A.** (2021). A Poética de Autor como Superação dos Arquétipos do “Bibelot” e da “Bolacha Maria” na Génese da Obra de Medalhística de José Teixeira. Em J. Teixeira, *Metanarrativa Feci quod potui (medalha, moeda & objetos)* (pp. 93-107). Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa.
- Dias, F. R.** (2021). José Teixeira: Desafiando o Território da Medalha. Em J. Teixeira, *Metanarrativa Feci quod potui (medalha, moeda & objetos)* (pp. 133-169). Lisboa, : CIEBA. Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa.
- Duarte, J.** (2003). The Role of the Project "Volte Face - Medalha Contemporanea" in the Renewal of Contemporary Medallion Art Language in Portugal, João Duarte. *FIDEM, Médailles Magazine*, XXVIIIe Congrès de la FIDEM, Paris, 2002 (No. 60), 62-66.
- Duarte, J.** (2012). Hélder Batista Medalhas com História. Em INCM, *Hélder Batista Medalhas com História* (p. 43). Lisboa: INCM.
- Duarte, J.** (2013). *João Duarte 30 Anos | Medalhas e Moedas*. Lisboa: INCM.
- Faria, Á. L.** (2011). João Duarte: Um Pioneiro na Medalha-objeto em Portugal. Em J. Duarte, *João Duarte 30 Anos | Medalhas e Moedas* (pp. 13-16). Lisboa: INCM.
- Ferreira, M. J. (2008).** *Novas atitudes na medalha contemporânea portuguesa: Desvios e convergências* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ferreira, M. J.** (2024). *Exposição De Escultura "Nada Dura, Nada Está Acabado, Nada É Perfeito"*. Galeria de Exposições Augusto Bértholo - Alhandra: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- FIDEM.** (1938). *Médailles Magazine*, Ie Congrès de la FIDEM, Paris, 1938 (No.1) (Vol. N°1). Paris: Imprimerie De Montmartre 4. PL. J.- B.- CLEMENT, PARIS.
- FIDEM.** (1938). *Médailles Magazine*, Ie Congrès de la FIDEM, Paris, 1938 (No.2). Imprimerie De Montmartre 4. PL. J.- B.- CLEMENT, PARIS.
- FIDEM.** (1949). *Salon Internationale de La Médaille*. Paris: Monnaie de Paris; Imprimer National.
- FIDEM.** (1977). *Médailles Magazine, XVIIe Congrès de la F.I.D.E.M., 4-10 septembre 1977, Budapest. (No.50)*. FIDEM- Imprimerie FABRE, 78 avenue Maurice-Thorez, 94200, Ivry.
- FIDEM.** (1984). *Médailles Magazine*, F.I.D.E.M. XVIIIe Art Medal World Congrès, Lisonne 1979. Fondation Calouste Gulbenkian. (No.51). Helsinquia, Finlândia: FIDEM. Librairies-Imprimeries, Reunis, 7, rue Saint-Benoit - 75006, Paris.
- FIDEM.** (1993). *Médailles Magazine*, XXIIIe Congrès de la FIDEM, Londres 1992 (No. 55). FIDEM. Minerva do Comércio, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (1995). *Médailles Magazine*, XXIVe Congrès de la FIDEM, Budapest 1994 (No. 56). FIDEM. Minerva do Comércio, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (1997). *Médailles Magazine*, XXVe Congrès de la FIDEM, Neuchatel, 1996 (No. 57). FIDEM. Minerva do Comércio, Lisboa, Portugal.

- FIDEM.** (1999). *Médailles Magazine*, XXVIe Congrès de la FIDEM, La Haye, 1998 (No. 58). FIDEM. Minerva do Comércio, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2001). *Médailles Magazine*, XXVIIe Congrès de la FIDEM, Weimar, 2000 (No. 59). FIDEM. Porvoon Offsetpaino, Porvonn, Finland.
- FIDEM.** (2003). *Médailles Magazine*, XXVIIIe Congrès de la FIDEM, Helsinki, 2003 (No. 60). FIDEM. Porvoon Offsetpaino, Porvonn, Finland.
- FIDEM.** (2005). *XXIX FIDEM Art Medal World Congress Seixal, Portugal 2004*. Helsinquia, Finlândia: FIDEM. Porvoon Offsetpaino, Porvonn.
- FIDEM.** (2008). *Médailles Magazine*, XXXe Congrès de la FIDEM, Colorado Springs, 2007 (No. 62). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2010). *Médailles Magazine*, XXXIe Congrès de la FIDEM, Tampere, 2010 (No. 63). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2012). *Médailles Magazine*, XXXIIe Congrès de la FIDEM, Glasgow, 2012 (No. 64). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2014). *Médailles Magazine*, XXXIIIe Congrès de la FIDEM, Sofia, 2014 (No. 65). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2016). *FIDEM Medals* [Flyer]. FIDEM.
- FIDEM.** (2016). *Médailles Magazine*, XXXIVe Congrès de la FIDEM, Ghent, 2016 (No. 66). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2018). *Médailles Magazine*, XXXVe Congrès de la FIDEM, Ottawa, 2018 (No. 67). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- FIDEM.** (2020). *Médailles Magazine*, XXXVIe Congrès de la FIDEM, Tokyo, 2020 (No. 68). FIDEM. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- Figueiredo, M. R.** (2013). João Duarte, Uma força da medalhística portuguesa contemporânea. Em J. Duarte, *João Duarte 30 Anos | Medalhas e moedas* (pp. 9-10). Lisboa: INCM.
- Gaiato, M. J.** (2016). Em *Medals and Contemporary Art, FIDEM XXXIV gent-Namur Belgium* (p. 298). Bélgica.
- INCM.** (2010). João Duarte Retrospectiva 30 Anos, Medalhas | Moedas. Lisboa, INCM.
- Maciel, H.** (2011). *João Duarte: entre monumento, troféu e medalha 1980-2010* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Mendes, A. C.** (2018). Interactive Medal - Process and Usage of New Technologies. *Médailles Magazine*, XXXVe Congres de la FIDEM, Ottawa, 2018 (No. 67), pp. 229 - 232.
- Nakashima, M.** (2021). José Teixeira: Medalhista Conceptual. Em J. Teixeira, *Metanarrativa Feci quod potui (medalha, moeda & objetos)* (pp. 115-116). Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa.
- Neves, A.** (2019). *Conservação de medalhas contemporâneas: estratégias de acondicionamento* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pelsdonk, M.-A.** (2021). Quando A Teoria, Filosofia, Ingenuidade, Criatividade, Humor E Componentes Informáticos Se Encontram Com A Arte Medalhística. Em J. Teixeira, *Metanarrativa Feci quod*

- potui (medalha, moeda & objetos)* (pp. 121-131). Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa.
- Pereira, A.** (2010). Eu estava lá. E estou-lhe grata. Em J. Duarte, *João Duarte 30 Anos | Medalhas e Moedas* (pp. 7-8). Lisboa: INCM.
- Pereira, A.** (2011). *Do objeto da medalha à medalha-objeto: Famílias, sequências e retrocessos* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pereira, A.** (2021). Primeiro Encontro. Em J. Teixeira, *Metanarrativa Feci quod potui (medalha, moeda & objetos)* (pp. 11-43). Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa.
- Pinto, J. R.** (2012). Helder Batista Medalhas com História. Em H. Batista, *Helder Batista Medalhas com História* (pp. 6-7). Lisboa: INCM.
- Pinto, J. R.** (2012). Medalhas com história – Helder Batista. Em H. Batista, *Medalhas com História* (pp. 6-7). Lisboa: INCM.
- Santos, J.** (2021). Celebrar a Medalha Contemporânea. Em *Progression: Anverso/Reverso New York 2019 | Kyoto 2020 | Seixal 2021* (p. 11). Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Santos, V.** (2021). José Teixeira: A Arte da Medalha e o grupo Anverso/Reverso. Em J. Teixeira, *Metanarrativa Feci quod potui (medalha, moeda & objetos)* (pp. 69-73). Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.
- Silva, C. B.** (1991). Alguns elementos para o estudo da medalha portuguesa do século XX. Em *EUROPÁLIA – PORTUGAL 91 – A medalha portuguesa no século XX* (pp. 13-23). IAG- artes gráficas.
- Silva, C. B.** (2003). Presentation. *Médailles Magazine*, XXVIIIe Congres de la FIDEM, Helsinki, 2003 (No. 60), pp. 16-17.
- Silva, P.** (2021). [Texto Introdutório do Catálogo]. Em *Progression: International Medalllic Art exhibition by Japanese and Portuguese artists (2021)* (p. 2). Câmara Municipal do Seixal: Centro Internacional de Medalha Contemporânea Quinta da Fidalga.
- Simão, J.** (1996). Grupo "Anverso - Reverso". Em *Anverso Reverso Medalha Contemporânea* (p. 4). Loures: Câmara Municipal de Loures.
- Teixeira, J.** (2002a). *As tertúlias da bolacha maria – O grupo Anverso/Reverso e a medalhística contemporânea*. [Catálogo da Exposição “Anverso/Reverso medalha contemporânea”]. Lisboa, Galeria dos CTT Correios.
- Teixeira, J.** (2002b). *Convencionalidade e singularidades do plano*. [Catálogo da Exposição – Exercícios sobre o plano]. Lisboa, Galeria CTT.
- Teixeira, J.** (2003^a). Contemporary Medals - forms and artistic theory. *The Medal* (No. 43), pp. 81- 83.
- Teixeira, J.** (2003b). *Eros - A experiência diversa do olhar – Seis autores, uma frase, seis medalhas, um projeto*. [Desdobrável da exposição de medalhas eróticas]. Hospital Júlio de Matos.
- Teixeira, J.** (2005). The author's edition: the medal, the craftwork and artistic expression - the placement of orders, production, the public and the artist. . *Médailles Magazine*, XXIXe Congres de la FIDEM, Seixal, 2004 (No. 61). , pp. 50-54.
- Teixeira, J.** (2006). Muro site-specific. Em H. Batista, *Hélder Batista - Muro Pilão*. Laboratório de Estudos Farmacêuticos, Fábrica da Pólvora, Oeiras.

- Teixeira, J.** (2008). *Escultura pública em Portugal, monumentos, heróis e mitos (séc. XX)* (Tese de doutoramento). Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Teixeira, J.** (2009). *A dupla face de Jano – Anverso Reverso – Tradição e modernidade na medalha contemporânea* [Catálogo da exposição do Grupo Anverso/Reverso]. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Teixeira, J.** (2011). Pesquisa, Teoria da Arte e Investigação Artística (Pensar para fazer - realizar para reflectir). Em *Investigação em Arte e Design - Fendas no Método e na Criação* (pp. 249 - 265). Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.
- Teixeira, J.** (2012). Guardador de Muros. Em H. Batista, *Helder Batista Medalhas com História* (pp. 44-45). Lisboa: INCM.
- Teixeira, J.** (2014). Hybrid Objects - Lids, glasses and medals. *Médailles Magazine*, XXXIIIe Congres de la FIDEM, Sofia, 2014 (No. 65), pp. 159-166.
- Teixeira, J.** (2016). The Spirit of Modernity in Helder Batista's work. *Médailles Magazine*, XXXIVe Congres de la FIDEM, Ghent, 2016 (No. 66), 95-104.
- Teixeira, J.** (2018). The Geography of Cante- Reflections on the public sculpture, the medal and the pin. *Médailles Magazine*, XXXVe Congres de la FIDEM, Ottawa, 2018 (No. 67), pp. 265-270.
- Teixeira, J.** (2020). Endangered Species – The Future is now. *Médailles Magazine*, XXXVIe Congres de la FIDEM, Tokyo, 2020 (No. 68), pp. 147-153.
- Teixeira, J.** (2021). *Metanarrativa- Feci quod potui (medalha, moeda & objetos)*. Lisboa: CIEBA. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.
- Vasquez, R.** (2004). Em V. M. Contemporânea, *Medalhística*. Lisboa: FBAUL.
- Voionmaa, I.** (2007). Impressive Medallion Art in Colorado Springs, USA - September 19-22, 2007. Em *Médailles Magazine*, XXXe Congres de la FIDEM, Colorado Springs, 2007 (No. 62). (pp. 19-25). Helsinki, Finlândia: FIDEM.

WEBGRAFIA

- All About Portugal.** (s.d.). *Escultura aos Resistentes Antifascistas do Alentejo*. Obtido de: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/montemor-o-novo/monumentos/escultura-aos-resistentes-antifascistas-do-alentejo>
- American Numismatic Society.** (s.d.). *The Saltus Medal Award*. . Obtido de American Numismatic Society: <https://numismatics.org/saltuswinners/>
- Anverso/Reverso.** (2004). *Colecção EROS - Os Autores*. Obtido de O portal dos escultores: <https://www.escultor.com.pt/eros/autores.htm>
- Attwood, P.** (s.d.). *About the medal*. Obtido em Fevereiro de 2024, de British Art Medal Society: <https://bams.org.uk/about-the-medal/>
- Batista, H.** (s.d.). *Helder Batista, Curriculum Vitae*. Obtido em Março de 2024, de O Portal dos Escultores: https://www.escultor.com.pt/helderbaptista/cv_helderbaptista.pdf

- Batista, H.** (s.d.). *Pequenos Sinais*. Obtido em 05 de 2024, de O Portal dos Escultores: <https://www.escultor.com.pt/helderbaptista/pequenos%20sinais.htm>
- Brito, J.** (2017). *Exposição Internacional da Medalha. XVIII Congresso FIDEM XVIII Congresso FIDEM (1979)*. Obtido de História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/349/>
- C. M. Seixal.** (28 de Abril de 2021). *Abertura do Centro Internacional de Medalha Contemporânea*. Obtido em Fevereiro de 2021, de Seixal Câmara Municipal: <https://www.cm-seixal.pt/noticia/abertura-do-centro-internacional-de-medalha-contemporanea>
- C.M. Penamacor.** (s.d.). *Identidade Visual do Município*. Obtido de Município de Penamacor: <https://www.cm-penamacor.pt/autarquia/comunicacao/identidade-visual-do-municipio>
- Canau, A.** (8 de Janeiro de 2016). *António Canau, Curriculum Vitae*. Obtido de antoniocanau.pt: https://www.antoniocanau.pt/Textos/Canau_CV_PT.pdf
- Canau, A.** (s.d.). *Canau CV*. Obtido de António Canau: https://www.antoniocanau.pt/Textos/Canau_CV_PT.pdf
- Diário Digital Castelo Branco.** (14 de 02 de 2012). *José Simão docente do IPCB recebe Menção Honrosa VI edição do prémio de medalha contemporânea de Sintra*. Obtido de Diário Digital de Castelo Branco: <https://www.diariodigitalcastelobranco.pt/noticia/5637/>
- Duarte, J.** (2012). *Escultor João Duarte edita medalha para o British Art Medal Society do British Museum of London*. Obtido de O Portal dos Escultores: <https://www.escultor.com.pt/joaoduarte/domus.html>
- Duarte, J.** (s.d.). *Sobre o Autor*. Obtido de Escultor João Duarte: <https://escultorjoaoduarte.com/>
- EIB Institute.** (s.d.). *Social Innovation Tournament results: and the winners are ...* Obtido de European Investment Bank Institute: <https://institute.eib.org/sit-previous-results-2/>
- FBAUL.** (s.d.). *Belas Artes U Lisboa - Contactos/Docentes*. Obtido de <https://www.belasartes.ulisboa.pt/>: <https://www.belasartes.ulisboa.pt/contactos/>
- FBAUL.** (s.d.). *Participação das Belas-Artes no XXXV Congresso da FIDEM*. Obtido em Fevereiro de 2024, de Faculdade de belas-artes da universidade de lisboa: <https://www.belasartes.ulisboa.pt/participacao-das-belas-artes-no-xxxv-congresso-da-fidem/>
- Ferreira, M. J.** (s.d.). *Maria João Ferreira*. Obtido de LinkedIn.com: <https://www.linkedin.com/in/maria-jo%C3%A3o-ferreira-b2811a32/?originalSubdomain=pt>
- Ferreira, M. J.** (s.d.). *Medalhas Comemorativas - Insigne escultor*. Obtido de Medalhas Portuguesas: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2016/07/28/insigne-escultor/>
- FIDEM.** (s.d.). *FIDEM at 70 Archives*. Obtido em Fevereiro de 2024, de FIDEM Medals: <https://www.fidem-medals.org/FIDEM%20at%2070%20arc.html>
- FIDEM.** (s.d.). *FIDEM History*. Obtido em Fevereiro de 2024, de FIDEM Medals: <https://www.fidem-medals.org/history.html>
- FIDEM.** (s.d.). *George Cuhaj Prize*. Obtido em Fevereiro de 2024, de FIDEM Medals: <https://www.fidem-medals.org/cuhaj.html>

- FIDEM.** (s.d.). *International Art Medal Exhibitions, Art Medals By Nadia Rozeva - National Gallery of North Macedonia*. Obtido de International Art Medal Federation: <https://www.fidem-medals.org/exhibitions%20int.html>
- Figueiredo, M. R.** (Junho de 2004). *Medalhas- Brinquedo de João Duarte*. Obtido de O Portal dos Escultores: <https://www.escultor.com.pt/joaoduarte/medalhasbrinquedo.htm>
- INCM.** (2016). *Imprensa Nacional Casa da Moeda*. Obtido de <https://loja.incm.pt/>: <https://loja.incm.pt/products/medalhas-ano-internacional-das-leguminosas-1020336>
- INCM.** (s.d.). *Exposição de medalhas do Museu Numismático Português inserida no Âmbito do Bairro das Artes*. Obtido de <https://www.museucasadamoceda.pt/storage/previousExhibit/file/20.pdf>
- INCM.** (s.d.). *Exposição de medalhas do Museu Numismático Português inserida no âmbito do bairro das artes*. Obtido de Museu Casa da Moeda: <https://www.museucasadamoceda.pt/storage/previousExhibit/file/20.pdf>
- INCM.** (s.d.). *O Museu*. Obtido em Fevereiro de 2024, de Museu Casa da Moeda: <https://museucasadamoceda.pt/museu>
- INCM.** (s.d.). *XXXVII Congresso de Medalhas de Arte FIDEM - INCM*. Obtido em Fevereiro de 2024, de INCM Imprensa Nacional e Casa da Moeda: <https://incm.pt/site/congresso-de-medalhas-de-arte-fidem/>
- IPCB.** (2023). *Obra de José Simão exposta na Biblioteca Nacional Central de Florença*. Obtido de Politécnico de Castelo Branco: <https://www.ipcb.pt/obra-de-jose-simao-exposta-na-biblioteca-nacional-central-em-florenca>
- IPCB, ESART.** (s.d.). *Mestrado em Design de Interiores e Mobiliário*. Obtido de <https://www.ipcb.pt/>: <https://www.ipcb.pt/esart/ensino/mestrado-em-design-de-interiores-e-mobiliario>
- Jornal Rostos.** (2008). *De 19 de Abril a 28 de Junho, nos Antigos Refeitórios da Mundet, Seixal. Medalhistas de 27 países participam na Bienal de Medalha Contemporânea*. Obtido de Jornal Digital Rostos: <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?mostra=2&cronica=92286>
- Katedra Architektury Wnętrz i Rzeźby.** (2024). *International Medallic Project*. Obtido de Structure International Medallic Project 2024.: <https://kawir.umk.pl/projekt-medalierski/structure-international-medallic-project-2024/>
- Lima, P.** (s.d.). *Paulo Lima | LinkedIn*. Obtido em Abril de 2024, de LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/paulo-lima-b19a3756/?originalSubdomain=pt>
- Medalhas Portuguesas.** (2015, 3 de setembro). *Aos 106 anos*. Obtido de: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2015/09/03/aos-106-anos/>
- Medalhas Portuguesas.** (2016, 28 de julho). *Insigne escultor*. Obtido de: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2016/07/28/insigne-escultor/>
- Medalhas Portuguesas.** (2018, 23 de outubro). *Só isto*. Obtido de: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2018/10/23/so-isto/>
- Medalhas Portuguesas.** (2019, 7 de março). *100 anos de cinema*. <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2019/03/07/100-anos-de-cinema/>
- Medalhas Portuguesas.** (2021, 17 de junho). *Quase mar*. Obtido de: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2021/06/17/quase-mar/>

- Nikolov, B.** (s.d.). *Medallic Sculpture Studio*. Obtido de Medallic Sculpture Studio at the National Academy of Art, Sofia Prof. Bogomil Nikolov: <https://www.artmedal.net/bulgaria/description.html>
- Pereira, A.** (2016). *New Ideas in Medallic Sculpture*. Obtido de Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa: <https://www.belasartes.ulisboa.pt/new-ideas-in-medallic-sculpture/>
- Pereira, A.** (2016). *New Ideas in Medallic Sculpture*. Obtido de faculdade de belas-artes da universidade de lisboa: <https://www.belasartes.ulisboa.pt/new-ideas-in-medallic-sculpture/>
- Pestana, M. d., & Barriga, M. J.** (s.d.). *Voltar a Tradições musicais e património - Cante Alentejano*. Obtido em Abril de 2024, de Mpart, Música Participada: <https://anossamusica.web.ua.pt/subtipologiasTMP.php?subtipologia=1>
- Santos, J. P.** (12 de Março de 2018). *Medalha do Cante Alentejano obtém Prémio Internacional*. Obtido em Abril de 2024, de Correio da Manhã: https://www.cmjournal.pt/cultura/detalhe/medalha-do-cante-alentejano-obtem-premio-internacional?ref=Mais%20Sobre_BlocoMaisSobre
- Tavares, C. A.** (2009). *A Condição da Metamorfose na Obra de António Canau*. Obtido de antoniocanau.pt: <https://www.antoniocanau.pt/Textos/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20da%20metamorfose%20na%20obra%20de%20Ant%C3%B3nio%20Canau.pdf>
- Teixeira, J.** (11 de Janeiro de 2012). *José Teixeira-Fórum dos Numismatas*. Obtido em Abril de 2024, de Fórum dos Numismatas: <https://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?p=151920&sid=b277e7fe25ebb6f3dd1ca77d2f8209fa#p151920>
- Teixeira, J.** (Novembro de 2015). *Uma retrospectiva da medalha dedicada à "Salvaguarda das Artes chocalheira e Esquilaneira / Paisagem Sonora Património da humanidade"*. Obtido em Abril de 2024, de Paço dos Henriques, projeto PAGUS: https://www.pacodoshenriques.pt/pdf/um_olhar_sobre.pdf
- Teixeira, J.** (s.d.). *Medalha Contemporânea - Formas e Teoria Artística*. Obtido em Abril de 2024, de O Portal dos Escultores: <http://www.escultor.com.pt/joseteixeira.htm>
- The British Museum.** (s.d.). *The British Museum, José Teixeira Collection Search*. Obtido de: <https://www.britishmuseum.org/collection/search?agent=Jos%C3%A9%20Teixeira>
- The MET.** (s.d.). *Medal: John VIII Palaeologus*. Obtido de The MET Museum: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/460849>
- The University of Edinburgh.** (s.d.). *Journal Medal (London, England)*. Obtido de Journal Medal (London, England): https://discovered.ed.ac.uk/discovery/fulldisplay?vid=44UOE_INST:44UOE_VU2&search_scope=UoE&tab=Everything&docid=alma9923853069302466&lang=en&context=L&adaptor=Local%20Search%20Engine&query=creator,exact,Moorhouse,%20Paul
- Web Gallery of Art.** (s.d.). *Pisanello: Medals for the Emperor John VIII Palaeologus*. Obtido de: <https://www.wga.hu/frames-e.html?html/p/pisanell/2medals/palaeol.html>

ÍNDICE REMISSIVO DE IMAGENS

- Figura 1.** Pisanello (Antonio Pisano) "João VIII Paleólogo (1392-1448)" Liga de cobre, Ø 10 cm, estampada (1438). encontra-se no Münzkabinett, Staatliche Museen, Berlim. Fonte: <https://www.wga.hu/frames-e.html?/html/p/pisanel/2medals/palaeol.html>..... 7
- Figura 2.** Catarina Mendes "Light Walk Medal" filamento PLA, acrílico, vidro espelhado, aço inox, componentes eletrônicos, 95 x 95 x 45 mm, construção, 2017. Fonte: Mendes, 2018, p.229. 18
- Figura 3.** Alípio Pinto "Medalha comemorativa da transferência administrativa de Macau para a China" Aço carbono azulado, liga de latão e prata, Ø66 x 10mm, Construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira..... 23
- Figura 4.** Catarina Mendes "Ano Internacional das Leguminosas" 2016. Fonte: <https://loja.incm.pt/products/medalhas-ano-internacional-das-leguminosas-1020336>..... 24
- Figura 5.** Hélder Batista "IV Centenário da Morte de Luís Vaz de Camões" Bronze, Ø 80 mm, estampada, 1980. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo. 36
- Figura 6.** Hélder Batista "O Teatro e a Vida" Acrílico colado, 75 x 75 mm, construção, 1992. Fonte: Batista, 2012, p.31. 40
- Figura 7.** Hélder Batista "Vacada" Acrílico colado, 80 mm, construção, 1992. Fonte: Batista, 2012, p.30. 40
- Figura 8.** Hélder Batista "Guardadores de Muros" Acrílico colado, 70 x 70 mm, construção, 1995. Fonte: Batista, 2012, p.45. 40
- Figura 9.** Hélder Batista "Primeira Pedra para Associação Casapiana de Solidariedade" Bronze, 45 x 45 mm, estampada, 1998. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo. 42
- Figura 10.** Hélder Batista "Dia Mundial da Árvore" Bronze, Ø 85 mm, fundição de ceras perdidas, 2003. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo. 43
- Figura 11.** Hélder Batista "My song shall sow through the world's every part" Bronze e acrílico, 60 x 60 mm, construção, 2006. Fonte: FIDEM, 2016 [Flyer]. 45
- Figura 12.** Hélder Batista "Pina Manique (1733-1805) Bronze, 1990. Fonte: Teixeira, 2016, p.100. 45
- Figura 13.** Hélder Batista, maquete "Monumento à Paz" / "O Pórtico e a Pomba" 1994. Fonte: Fotografia de Rita Margarida Abrantes Dias. 46
- Figura 14.** Hélder Batista "Monumento aos Resistentes Antifascistas do Alentejo" 1996. Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/montemor-o-novo/monumentos/escultura-aos-resistentes-antifascistas-do-alentejo>..... 46
- Figura 15.** Hélder Batista "75º Aniversário de Fernando Lopes Graça" Bronze, 80mm, estampada, 1982. Fonte: Batista, 2012, p.20..... 47
- Figura 16.** Hélder Batista "Ano Internacional da Criança" Bronze 80mm, estampada, 1979 Fonte: Batista, 2012, p.12..... 47
- Figura 17.** Hélder Batista "Ermida do meu lugar" Bronze, acrílicos colados, 85 x 80 mm, construção, 2002. Fonte: Batista, 2012, p.54..... 48

Figura 18. Helder Batista "Primeiras letras" Bronze, acrílicos colados, 70 x 70mm, construção, 2002. Fonte: Batista, 2012, p.52.....	48
Figura 19. Helder Batista "125 anos da Escola Prática de Artilharia" Bronze, 80mm, estampada, 1982. Fonte: Batista, 2012, p.19.....	48
Figura 20. João Duarte "16 Anos da Associação de Bem-Estar Infantil de Vila Franca de Xira", Bronze, Irregular, Estampagem e Construção, 1991. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	51
Figura 21. João Duarte "200 Anos do Estabelecimento Jerónimo Martins & Filhos", Bronze, Irregular, Construção, 1992. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	52
Figura 22. João Duarte "25º Aniversário da ABEI- Associação de Bem-Estar Infantil da Freguesia de Vila Franca de Xira" Bronze e Acrílico, Irregular, Estampagem e Construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.....	53
Figura 23. João Duarte "142º Aniversário das Comemorações da Polícia de Segurança Pública", Aço Inox e Acrílico, Irregular, Construção, 2009. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	55
Figura 24. João Duarte "Domus Domus" Bronze e aço inox, Ø 80 mm, construção, 2012. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	57
Figura 25. João Duarte "40 Anos do 25 de Abril" União das Juntas de Freguesia de Alhandra, Calhandriz e São João dos Montes, Bronze e Acrílico, 90mm, Construção, 2014. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.....	58
Figura 26. João Duarte "Ambivalência II" Bronze, irregular, fundição, 2007. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo. Fonte: Duarte, 2013, p.142.	61
Figura 27. João Duarte "Landscape" Bronze e ferro, irregular, fundição, 2007. Fonte: Duarte, 2013, p.147.	61
Figura 28. João Duarte "Depression" Bronze, irregular, Fundição, 2010. Fonte: INCM, 2010, p.84.	62
Figura 29. João Duarte "150º Aniversário do Banco de Portugal, E. P." Bronze e madeira, irregular, construção, 1996. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.....	62
Figura 30. João Duarte "Exposição Individual de Medalha Contemporânea de João Duarte" Bronze e papel manual, irregular, construção, 1997. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.....	62
Figura 31. João Duarte "Quotidiano I" Bronze e acrílico, irregular, construção, 1997. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	63
Figura 32. João Duarte "Centenário do Elevador de Santa Justa" Bronze e acrílico, irregular, construída, 2002. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	63
Figura 33. João Duarte "Ambivalência IV" Faiança, bronze e fio de algodão, irregular, construída, 2007. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	63
Figura 34. João Duarte "Apocalypse" Bronze, acrílico, papel e fio de algodão, Ø 90 mm, fundição e construção, 2008. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	64
Figura 35. João Duarte "Bacchus" Bronze, cortiça e pano-cru, Ø 80 mm, construção, 2008. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	64
Figura 36. João Duarte "Orpheus" Bronze, madeira e fio de algodão, Ø 80 mm, construção, 2008. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo.	64

- Figura 37.** Vítor Santos “Medalha Evocativa da Vila de Óbidos” Bronze, Ø 80mm, Estampagem, 1993. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 67
- Figura 38.** Vítor Santos "50 Anos da Polyphonia" Bronze, Ø 80mm, Estampagem, 1993. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 68
- Figura 39.** Vítor Santos "Novo Milénio" Alumínio, aço e sementes, 93 x 80 x 65 mm, Construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 69
- Figura 40.** Vítor Santos "As crianças são como os passarinhos", PLA, Construção medalha digital, 2008. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 70
- Figura 41.** Vítor Santos "As crianças e os gatos gostam de colo", medalha digital, 2015. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 72
- Figura 42.** Vítor Santos "510 Anos da Santa Casa da Misericórdia do Porto" aço inox, acrílico e latão, 100mm, construída, 2009. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 72
- Figura 43.** Vítor Santos "O desenho de Guerra de Adriano Sousa Lopes", Bronze, Ø 80 mm, Construída, Ponta de diamante e serigrafia, 2006. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 73
- Figura 44.** Vítor Santos "150 Anos do Selo Postal Português” Bronze, acrílico e selo, irregular, Estampada, 2003. Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 73
- Figura 45.** Vítor Santos "O Jogo da Madalena" cortiça, construção (s/d). Fonte: Imagem cedida por Vítor Santos. 73
- Figura 46.** José Simão “O traço e a Sombra” ferro oxidado, 80x80x48mm, construída, 2008. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 76
- Figura 47.** José Simão "Medalha de Ouro Vila de Penamacor", latão patinado, 37 x 70 x 2 mm, corte a laser, 2009. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 77
- Figura 48.** José Simão "Janelas para o Futuro", Madeira de medronheiro e sementes de Tília, Ø 40x42mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 78
- Figura 49.** José Simão "Poema ao Universo", Madeira de medronheiro, pessegueiro e sementes de Esteva e Liquidâmbar styraciflua, Ø 60x34mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 79
- Figura 50.** José Simão “Tribute to Amanullah Heiderzad - *Anverso/Reverso* Group” acrílico e latão, Ø 65 x 19 mm, construção, 2023. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 80
- Figura 51.** José Simão "Homenagem ao Poeta João Roiz de Castelo Branco 1515-2015" acrílico e bronze, construída, 2015. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 82
- Figura 52.** José Simão, Escultura “Ao Poeta João Roiz de Castelo Branco” granito, aço corten, 3,5 x 1,8 x 1,8 m, 2018. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 82
- Figura 53.** José Simão "Horizon I" madeira de pessegueiro e contraplacado de choupo, Ø 55 x 10 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 83
- Figura 54.** José Simão "Horizon II" madeira de pessegueiro e contraplacado de choupo, Ø 55 x 10 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 83
- Figura 55.** José Simão "Earth Horizon" madeira de pessegueiro e contraplacado de choupo, Ø 55 x 10 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Simão. 83

- Figura 56.** José Simão “Contentor” ferro e cobre, 80x80x20mm, construída, 2008. Fonte: Imagem cedida por José Simão..... 84
- Figura 57.** José Simão “Dia e Noite” bronze, Ø 40x5 mm, Estampagem, 1994. Fonte: Imagem cedida por José Simão..... 84
- Figura 58.** José Simão “20 anos do ISCTE” bronze, 80 x 80 x 40 mm, construída, 1997. Fonte: Imagem cedida por José Simão..... 84
- Figura 59.** José Simão "Medalha Evocativa da Poetisa Natália Correia, II Estação” bronze, Ø 60x10, Estampagem, 1997. Fonte: Imagem cedida por José Simão..... 85
- Figura 60.** José S. Teixeira “Verso, Anverso, Reverso” Acrílico e vinil, Ø 80 mm, construção, 2002. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria]. 88
- Figura 61.** José S. Teixeira “Autorrepresentação (o tempo sem fim)” acrílico e vinil Impresso, Ø 80 mm, construção, 2002/03. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria]. 90
- Figura 62.** José S. Teixeira, Primeira versão da medalha “Um lugar para ti” feita em papel. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira. [Ana Caria]. 92
- Figura 63.** José S. Teixeira "Um lugar para ti" Latão prateado / oxidado, Ø 80mm, construção, 2003. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira]. 93
- Figura 64.** José S. Teixeira “Salvaguarda das artes chocalheiras e esquilaneira. Paisagem sonora património da humanidade” Latão oxidado, Ø 90 x 20 mm, estampagem e construção, 2014. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio]..... 96
- Figura 65.** José S. Teixeira “Cante Património da Humanidade” Latão prateado, 10 x 80 x 70 mm, estampagem e construção, 2016. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria]. 98
- Figura 66.** José S. Teixeira “Baleia - Espécies em perigo - O futuro começa já” & “Atum - Espécies em perigo - O futuro começa hoje”, caixas petri em vidro, modelos 3D em resina impressos em SLA, legendas em acetato, Ø 80 x 15 mm, construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [João Rocha]... 100
- Figura 67.** José S. Teixeira "Paisagem Protegida" vidro e arame de cobre plastificado, ø 85x120mm; Ø 85x130mm; Ø 85x145mm, construída, 2014. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio]. 102
- Figura 68.** José S. Teixeira “Flor e Fruto” aço inox, 70x70x70mm / 100x60x60mm, construção, 2013. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria]. 102
- Figura 69.** José S. Teixeira “Natália Correia, 10a Estação” prata/estanho, Ø 80mm, fundição de ceras perdidas, 1995. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria]..... 103
- Figura 70.** José S. Teixeira “Casulo” bronze, 80x55x45mm, fundição de areia, 1997. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio & Ana Caria]..... 103
- Figura 71.** José S. Teixeira “Feci quod potui, faciant meliora potentes” bronze prateado, 70x70x8mm, estampagem, 2003. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Ana Caria]. 104
- Figura 72.** José S. Teixeira “St. Peter’s International School” latão prateado, 80x70mm, estampagem, 2018. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio]. 104
- Figura 73.** José S. Teixeira “Centenário do Nascimento de Barahona Fernandes” acrílico e latão prateado, Ø 105mm, construção, 2007. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio]. 105

Figura 74. José S. Teixeira “Abre-te Sésamo” estojo em couro, plástico e metal, 140x110x35mm, construção, 1999. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].	105
Figura 75. José S. Teixeira “Orpheu 2000 (novo milénio)” plástico, 150x90x50mm, construção, 2000. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].	106
Figura 76. José S. Teixeira “Aldeia Global” caixa de petri em policarbonato, areia, impressão 3D em PLA, ø 65x20mm, 2019. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].	106
Figura 77. José S. Teixeira “Outsourcing. Next. Offshoring” bronze e microprocessadores, 75x75x15mm, construção, 2011. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].	107
Figura 78. José S. Teixeira "Outsourcing. Next. Offshoring" alumínio e microprocessadores, 65x65x15mm, construção, 2011. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].	107
Figura 79. José S. Teixeira “Seixos Rolados” ónix, (série de três), ø100mm, talhe direto e jato de areia, 2003. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].	108
Figura 80. José S. Teixeira “O olho enquanto símbolo & etc.” acrílico cristal, ø75x20mm, torneamento e gravação a laser, 2014. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [Augusto Brazio].	108
Figura 81. José S. Teixeira “Faça você mesmo” papel e marcador Dymo, ± Ø 80mm, construção, 2010. Fonte: Imagem cedida por José Teixeira [José Teixeira].	109
Figura 82. António Canau "100 Anos da primeira ligação telefónica Lisboa-Porto, 1904-2004" bronze com patine e fio de cobre, Fechada 85x72x7mm, Aberta 130x72x7mm., construção, 2004. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	112
Figura 83. António Canau "Município de Azambuja" bronze, banho de prata, acrílico, construção, 2005. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	114
Figura 84. António Canau "Ribs Flower" frasco de vidro, metal, construção, 2013. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	115
Figura 85. António Canau "Femina Turbine Flower" turbina de plástico, elementos de metal dourados, construção, 2013. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	116
Figura 86. António Canau medalha "Pregnant Femina – The Beautiful Precious Seminal Receptacle of our Future" Madeira, elemento metálico dourado, Construção, 2019. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	117
Figura 87. António Canau "Costelas, Sob Suposta Influência de Camilo" Ferro pintado e aço, 2008. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	119
Figura 88. António Canau "Peixe!?", 2008. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	120
Figura 89. António Canau "Sem título" Serigrafia com tintas de água, 1997. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	120
Figura 90. António Canau "Génesis 1, Sob Suposta Influência da Lua", 2007. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	121
Figura 91. António Canau "Sob Suposta Influência da Lua" Bronze, 1997. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	121
Figura 92. António Canau "Sob Suposta Influência da Lua" Bronze, 1998. Fonte: Imagem cedida por António Canau.	121

- Figura 93.** António Canau "O Cão do Minotauro!?" Serigrafia com tintas de água, 1997. Fonte: Imagem cedida por António Canau. 122
- Figura 94.** Maria João Ferreira "Fragmento de Mar. Quase Mar", Latão e acrílico, 82 x 80 x 16mm, construída, 2000. Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2021/06/17/quase-mar/> 125
- Figura 95.** Maria João Ferreira "Medalha Comemorativa Associação Humanidades", bronze, 60x60mm, construção, 2006. Fonte: Anverso/Reverso, 2009, pp. 17-18. 126
- Figura 96.** Maria João Ferreira "Medalha Comemorativa do Centenário de Álvaro de Brée 1903-2002" Bronze, Ø 80 mm, fundida, 2003. Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2016/07/28/insigne-escultor/> 127
- Figura 97.** Maria João Ferreira "Casa #3" papel artesanal, linho, fio de algodão, acrílico, 80 x 80 mm, construção, 2018. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.27. 129
- Figura 98.** Maria João Ferreira "Casa #16 [O futuro é aqui]" papel artesanal, cartão, linho, fio de algodão, tronco de cidreira, bronze, 80 x 80 mm, 2019. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.27. 129
- Figura 99.** Maria João Ferreira "Casa #16 [O futuro é aqui]" papel artesanal, cartão, acrílico, 80 x 80 mm, 2018. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.27. 130
- Figura 100.** Maria João Ferreira "Do Céu #3" algodão, papel artesanal, compósito de cimento, 20x20x10 cm (s/d). Fonte: Ferreira, 2024, p.11. 130
- Figura 101.** Maria João Ferreira "O Lugar #3" algodão, papel artesanal, compósito de cimento, 20x20x10 cm (s/d). Fonte: Ferreira, 2024, p.15. 131
- Figura 102.** José João Brito "Homenagem ao Movimento das Forças Armadas (MFA) ", latão, estampagem, 1974. Fonte: Imagem cedida por João Bernardo. 134
- Figura 103.** José João Brito "Fernando Pessoa 1888-1935" bronze, Ø 80 mm, Estampagem (s/d). Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2018/10/23/so-isto/> 135
- Figura 104.** José João Brito "Tanegashima 1543" latão patinado e acrílico, Ø 70x50mm, Construção, 2019. 137
- Figura 105.** José João Brito "Dama de Quioto" latão pintado, 120 x 40 x 75 mm, construção, 2019. Fonte: Anverso/Reverso, 2021, p.21. 138
- Figura 106.** José João Brito "Escultura Fernando Pessoa" aço pintado a preto, 1987/88. Fonte: Teixeira, 2020, p.150. 140
- Figura 107.** José João Brito "Coimbra Menina e Moça, Capital Nacional da Cultura" (s/d). Fonte: Anverso/Reverso, 2009, p. 27. 140
- Figura 108.** José João Brito "100 Anos de Cinema" bronze patinado, 70 x 76 mm, 1995. Fonte: <https://medalhasportuguesas.wordpress.com/2019/03/07/100-anos-de-cinema/> 141
- Figura 109.** José João Brito "Centenário do Nascimento de Manoel de Oliveira" aço e aço inox, 70 x 110 x 12 mm, 2008 Fonte: <http://medalhasportuguesas.wordpress.com/2015/09/03/aos-106-anos/> 141

ANEXOS

Anexo I. Entrevistas aos constituintes do Grupo <i>Anverso/Reverso</i>	163
Anexo I.I. João Duarte 05/12/2023	164
Anexo I.II. Vítor Santos 23/09/2024.....	170
Anexo I.III. José Simão 05/12/2023	175
Anexo I.IV. António Canau 07/06/2024.....	179
Anexo I.V. Maria João Ferreira 14/10/2024	188
Anexo I.VI. José João Brito 06/12/2023.....	189
Anexo II. Tabela de Participações dos autores do grupo <i>Anverso/Reverso</i> nos Congressos da FIDEM desde a data de fundação do grupo 1992 até à última edição, à data do presente estudo.....	195
Anexo III. Lista de Exposições coletivas do Grupo <i>Anverso/Reverso</i>	196
Anexo IV. Folha de Sala (frente e verso) Exposição Eros (2004)	200

Anexo I. Entrevistas aos constituintes do Grupo *Anverso/Reverso*

Este conjunto de Anexos reúne conversas informais realizadas com os membros do grupo *Anverso/Reverso-Medalha Contemporânea*, com a intenção de preservar a memória do vivo e reforçar o carácter documental da presente dissertação. Estes diálogos presenciais, por videochamada, via WhatsApp ou por e-mail, decorreram de forma espontânea e descontraída, refletindo a proximidade e disponibilidade dos autores em colaborar com este projeto.

Todos os membros contactados demonstraram uma grande abertura para partilhar os seus percursos, processos criativos e reflexões sobre a medalhística contemporânea, revelando um forte compromisso com a divulgação e valorização desta linguagem artística.

A impossibilidade de um diálogo direto com o artista Hélder Batista, por já não se encontrar entre nós, não impede, contudo, que este trabalho, ao revisitar o percurso do grupo e os contributos dos seus membros, acabe por prestar também uma forma de homenagem à sua memória.

No caso do autor José Teixeira, professor orientador desta dissertação, as trocas de ideias foram constantes ao longo de todo o processo, integrando-se de forma orgânica no desenvolvimento do trabalho. Por esse motivo, não existe registo sistematizado dessas conversas, mas a sua contribuição revelou-se essencial. Ainda assim, considero relevante referir duas entrevistas ao autor, realizadas por António Canau (Canau, 2021, pp. 93-107) e Fernando Rosa Dias (Dias, 2021, pp. 133-169), publicadas no livro *Metanarrativa: feci, quod potui*, pelas quais é possível aceder a reflexões fundamentais sobre a sua obra e pensamento.

As conversas que se seguem, embora informais, foram uma fonte indispensável de conhecimento, permitindo compreender de forma mais aprofundada o percurso individual de cada autor e a dinâmica coletiva do grupo *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*.

Anexo I.I. João Duarte 05/12/2023

O meu trabalho na área da medalhística foi logo a seguir a eu ter acabado o curso de escultura na ESBAL. Portanto, tive 5 anos de medalhística com o professor Euclides Vaz, e depois de acabar o curso fui trabalhar para o atelier dele, e a partir daí, comecei a produzir medalhas. As minhas primeiras medalhas foram feitas com um tema de tauromaquia. Um amigo meu, que era moço-forcado, pediu-me para fazer umas medalhas relativas à tauromaquia, de toureiros e de grupos de forcados. Trabalhei nelas, e fiquei chateado porque eu fazia as medalhas e não vinha lá o meu nome... o gravador é que punha lá o nome dele e eu é que fazia a modelação das medalhas e os gessos. Deixei de fazer as medalhas, apenas fiz umas 3 ou 4. A seguir, tive sempre encomendas e a partir daí eu já estava, como te disse, farto de ter de fazer medalhas muito figurativas e comecei com as medalhas construídas ... mas apanhei muito na cabeça, porque depois o professor Hélder Batista, dizia: “ah, mas isso não são medalhas, isso são objetos...”, então é medalha objeto, porque é que não se deve chamar medalha - objeto?

Dentro da definição de medalha, as medalhas objeto também estão dentro da definição de medalhas! São medalhas que se podem reproduzir, e que têm o tamanho da mão etc... portanto eu chamo medalha-objeto e a partir daí, toda a gente começou a fazer medalhas - objetos.

A medalhística após o 25 de abril, de 1974, estava dentro daquela medalha tradicional, havia muitas encomendas dos heróis do 25 de abril, portanto havia alguma qualidade, mas eram medalhas muito figurativas que as pessoas gostavam muito. Entretanto o Anverso - Reverso, com o professor Hélder Batista, deu-nos liberdade, não era como o professor Euclides Vaz, deu-nos liberdade de fazer, para além dos exercícios do programa que nós tínhamos que fazer na aula, acontecia, que podíamos fazer paralelamente, coisas que nós pudéssemos inventar, mas dentro sempre do tradicional, por exemplo, nós partíamos do tradicional e podíamos depois evoluir do tradicional para uma coisa mais conceptual Portanto houve grandes abusos, quando os alunos iam aos congressos da FIDEM, havia medalhas de grandes tamanhos, medalhas de 50 centímetros e, medalhões, que, chamavam aquilo medalhas... e foi de tal maneira que a FIDEM, determinou que, para ser uma medalha não pode passar dos 16 centímetros de diâmetro,

se passar dos 16 centímetros deixa de ser medalha, e passam a ser pequenas esculturas ou medalhões.

A criação do Grupo Anverso/Reverso veio da necessidade de mudar a forma como se criava e discutia a medalha na sala de aula, havia pessoas que estavam, ávidas de fazer coisas diferentes, para além dos exercícios da aula. Os alunos tinham de fazer medalhas e uma moeda. Arranjavam um título, e tínhamos de saber as técnicas das medalhas e as técnicas das moedas, porque estava nos programas. O princípio era sobre o que era uma medalha, O aluno começava a trabalhar em barro, e em seguida tirávamos os negativos dos positivos e podíamos trabalhar no negativo e muitas vezes gostávamos mais do que se fazia no negativo do que se fazia no positivo, portanto, isto era sempre uma aventura, e puxava por nós. O professor Hélder, Batista ficava entusiasmado e entusiasmava-nos a nós. Ele era muito rigoroso, e queria que os alunos trabalhassem. Ensinava toda a parte da formação das medalhas e de moedas.

Às vezes as pessoas também trabalham muito perante as novas tecnologias que aparecem. Nessa altura apareceu uma tecnologia que era o laser. Portanto o laser apareceu e aí começou também o auxílio das novas tecnologias, às novas possibilidades que a medalha poderia ter e começámos a juntar por exemplo; o aço inox com acrílicos, o acrílico com o latão, o chumbo com cerâmica etc. A Paula Lourenço, por exemplo, trabalhou muito a cerâmica com chumbo. Eu próprio, tenho medalhas com latão e papel reciclado, medalhas em vidro cristal porque havia uma fábrica na Marinha Grande, que era uma fábrica escola, e eu fui lá uma vez, e questionei se havia possibilidade de fazer medalhas em vidro. Fizeram uma experimentação. Emprestei o gesso ao senhor que fazia os moldes em madeira e conseguiu-se executar a medalha em vidro cristal. Consideraram fazer 50 medalhas. Eu e a Dorita Castel-Branco fomos os primeiros a fazer medalhas em vidro cristal, depois não se fez mais porque a fábrica faliu.

Antes do Anverso/Reverso, os únicos espaços destinados ao diálogo da medalhística eram as tais Mostras, e depois as Bienais. Começámos por Mostras porque não sabíamos se nos outros anos se poderiam realizar. A primeira mostra de medalhística realizou-se na Câmara Municipal da Amadora e depois fizemos Bienais. Realizaram-se

quatro ou cinco na Amadora, durante os anos 80, portanto as pessoas participavam, quer dizer, havia júri e as pessoas concorriam e depois durante essas mostras havia debates. Lembro-me de ter feito um debate, e o escultor Hélder Batista fazer outro.

Fazíamos várias exposições onde participavam praticamente os membros todos, uns com mais medalhas, outros com menos medalhas. A exposição mais representativa que o grupo realizou foi na INCM (Imprensa Nacional Casa da Moeda) onde eu não participei.

Quando se está a trabalhar sozinho a pessoa vai fazendo, mas quando há um grupo, há uma troca de impressões, ou seja, “onde é que tu foste fazer, onde é que cortaste isso?” “Foi na casa tal, vais lá à casa tal, depois conheces a casa tal que também trabalha com o fabricante”. Portanto, há todo um intercâmbio de conhecimentos entre as pessoas e faz com que as pessoas se dinamizem. Há toda esta troca ... se tu estiveste a trabalhar sozinho podes ter desânimo.

O grupo deu esse avanço e dinamizou a medalhística nesse aspeto. Havia sempre um objetivo e esse objetivo eram exposições e tu tinhas de trabalhar para as exposições, era uma maneira de começarmos a trabalhar, motivados.

Eu por ter feito muitas medalhas figurativas, académicas, no fundo, eu disse “a medalha também pode ser uma coisa que se pode ter na mão e que pode ter som, pode ter vários materiais com várias cores pode ser colorida, porque por exemplo, o escultor Martins Correia mandava editar a medalha depois dela estar feita em latão ou bronze, pintava as medalhas com tinta de esmalte robialac, e foi o primeiro homem a colorir as medalhas em Portugal,

Eu, comecei a ver que as minhas medalhas podiam ser pequenas esculturas, pequenos objetos, que dentro de toda uma tecnologia tradicional da medalha, fosse evoluindo com os novos materiais, com novas tecnologias. Tenho medalhas que foram reproduzidas numa escala grande, para rotundas, por terem muita monumentalidade.

E depois, a pessoa pode participar nelas. Tenho medalhas que são puzzles que se partem todas e depois encaixam-se etc. Tenho histórias desses engraçadas... até o Dr. Mário Soares uma vez, recebeu a medalha do Jerônimo Martins, curiosamente começou a desmanchar a medalha, e depois não conseguiu montar. Passados 2 ou 3 dias, foi o

chofer com a medalha toda desmanchada para eu a montar. Portanto, estás a ver, a pessoa pode participar nela, tem movimento. Tenho medalhas com movimento, com som, com vários materiais. Penso que qualquer material desde que não se estrague, pode ser utilizado numa medalha, desde o vidro, o acrílico, o papel, papel reciclado, grés, cordéis de algodão, até fotografias, etc... portanto dá pano para mangas, é preciso é ter criatividade, sempre dentro de um objeto pequeno, dentro da definição de medalha que possa ser editado, e que comemore qualquer acontecimento.

Olha o meu processo criativo às vezes é ao almoço, de repente, sai-me uma ideia, outras vezes ando, ando, ando e não sai, revolte-me e fico angustiado e depois de repente sem pensar na coisa, sai a ideia da medalha. Mas, geralmente, às vezes é conforme os temas, na minha opinião há temas mais fáceis, outras vezes há temas muito fáceis que se tornam muito complexos, porque são muito abstratos e a pessoa em 10 centímetros tem de dar o significado à medalha, através da forma ou através do que escreve lá etc... Portanto, há outra coisa muito importante na medalhística, O artista tem que saber a tecnologia. O laser dá-me determinados cortes, uma máquina de gravar dá-me determinada coisa, para cortar com uma broca, a broca não faz ângulos retos, faz ângulos redondos, Também há outra coisa, que é, às vezes, o que as pessoas pedem ...“mas olhe, faça baratinho, tem que ter a ideia, mas faça baratinho, porque nós não temos muito dinheiro para a edição”, portanto tu tens que criar a medalha, não é, mas por outro lado, tens que estar sempre atento ao que pode ser mais barato, para não ser muito dispendiosa a mão de obra. Eu tenho essa facilidade, porque trabalho há 45 anos com a Gravarte, e abriram-me as portas à oficina, e não me abriu às patines porque é uma coisa com mais segredos, cada gravador tem o seu segredo para dar uma patine preta, por exemplo. Posso dizer que a primeira pessoa a patinar uma medalha toda com preto fosco foi o escultor Hélder Batista, numa casa que já não existe na Ajuda. O problema é que quando o artista vai a um gravador não passa do balcão... e é importante o escultor saber a possibilidade que o gravador tem para as ideias que o artista, possa ter ou possa vir a criar, estás a ver?

Infelizmente, os gravadores muitas vezes não deixam passar as pessoas do balcão, e as pessoas não sabem, e ficam mais limitadas. Eu por exemplo fui uma vez à Gravo, pois era uma das grandes casas de medalhística, que trabalhava com o escultor Joaquim Correia, e com o escultor José Aurélio. Certa vez, fui lá com um projeto de medalha

maluca, e eles disseram “ó Meu amigo, não queremos isto aqui sabe porquê, para se fazer isso, enquanto eu faço uma medalha sua, faço dez da chamada Bolacha Maria, portanto olhe desculpe lá. Depois a partir daí fui à Gravarte, e tive um relacionamento muito grande com o senhor Vasco Costa e com o filho, o Senhor Hélio Costa, que até hoje, eu entro e é como se fosse um funcionário da casa, isto é muito importante.

Executei medalhas no tempo certo. Foi naquele tempo certo que deu para evoluir na medalha, porque se eu tivesse nascido no Estado Novo, não passava de certeza, da cepa torta, após o 25 de abril houve uma inovação, porque as pessoas estavam fartas daquelas medalhinhas, todas dos heróis e dos descobrimentos, e foi, digamos, o choque, porque também nessa altura estava tudo em evolução. Era a arte, as ideias, a arte pública, era fazer painéis nas paredes. A escultura deu um grande salto, assim como a arte pública, e a joalheria por exemplo, na medalhística foi exatamente a mesma coisa. Agora infelizmente a joalheria deu grande salto, a medalha é uma arte que tem sido esquecida, até a própria Casa da Moeda diz que as medalhas não dão lucro, porque não se vendem, Não é que não tenha qualidade, porque os escultores vão ao estrangeiro e ganham os prêmios todos ... simplesmente o problema é cá em Portugal.

Eu por acaso destaco uma medalha que foi extremamente difícil de fazer, tirando essa do vidro cristal. Destaco uma medalha que é uma homenagem a uma Presidente do American Numismatic Society. Quando eu ganhei o prémio Saltus, fui lá receber o prémio e fiz lá uma exposição individual na American Numismatic Society em Nova Iorque. Tive um crítico chamado Peter Van Alfen, que escreveu sobre mim, e fez um vídeo no Youtube sobre o meu trabalho de medalhística., E o Peter Van Alfen, pediu-me para fazer uma medalhas de homenagem à Presidente que se ia reformar. Deu-me toda a liberdade de a fazer. Mas pronto, foi assim aquela que me deu mais gosto a criar,

A medalha representa tudo na minha vida! Em relação às medalhas, acho que dei um novo conceito à medalha que não havia, e continuo a produzir medalhas que se calhar já não se chamam medalhas. Acho que na medalhística, inovei até mesmo a nível mundial, por isso é que eu recebi o prémio Mundial Saltus, porque as pessoas adoraram as minhas medalhas e toda a minha obra. Então, assim a palavra que me retrata é inovação, é o novo

conceito de medalha, digamos, sou um dos pioneiros do novo conceito de medalha, que se pode chamar medalha-objeto ou medalha-joia ou medalha sei lá, medalha-monumento ou qualquer coisa assim.

Anexo I. II. Vítor Santos 23/09/2024

Eu sou membro fundador do grupo, e o grupo foi falado pela primeira vez em Londres em 1992, durante o congresso da FIDEM, acho que foi o vigésimo terceiro congresso, em que participei eu, o professor Hélder Batista e o professor João Duarte. Portanto, estávamos em Londres e falámos “pá e se a gente fizesse um grupo de medalhística lá na aula de medalhística”. Eu já não era aluno mas estava ligado à cadeira, ia lá todas as semanas, até porque eu fiz a cadeira e depois ainda fiz melhoria de nota mais tarde. E então, os membros fundadores foi o Hélder Batista, o João Duarte, eu, o Simão e a Paula Lourenço. Todos os outros, foram mais tarde. Ainda tivemos outro membro, que também entrou passado pouco tempo, que era um aluno chamado Perre Viana. Esses foram os membros fundadores. Depois foram a entrando pouco a pouco, até o Canau; eu acho que o Canau foi dos últimos a entrar. Nós de vez em quando fazíamos exposições do grupo Anverso Reverso e normalmente tínhamos sempre um artista convidado, mas que não fazia parte do grupo. O próprio José Teixeira, participou numa exposição como convidado, só mais tarde é que ingressou.

Não me lembro bem se o Álvaro França também terá sido convidado para alguma exposição... aquele eu tenho a certeza que participou numa exposição connosco foi escultor, que já morreu Luz Correia, e depois foram participando alguns, acho que o Teixeira também foi primeiro convidado e depois tornou-se membro.

A primeira medalha que fiz foi em 1990, foi um concurso que eu ganhei, feita na cadeira de medalhística, foi a Medalha Comemorativa do Quinto Centenário do Convento de Jesus em Setúbal

Faço muitas medalhas digitais... utilizo o programa 3 D StudioMax, que permite desenhar em 3D volumetricamente, e ainda fazer a animação do próprio objeto. Em vez de nós pegarmos no objeto e andarmos com ele na mão para o fruir permite que nós construamos um “view” com os diversos perfis da medalha. Estas medalhas podem depois ser impressas em 3d numa máquina apropriada.

A minha medalha feita em homenagem ao Escultor Henry Moore, foi desenhado no dito programa de 3D como imagem e depois foi impressa na impressora que já falei. Continuo a focar-me na evolução do digital.

Há talvez uns dez anos que me dedico à medalha digital.

É possível depois passá-las a metal, por fundição, por gravação, estampagem ou construídas. Servem muitas vezes de protótipo para depois se executarem em metal. Por exemplo, a medalha aos 48 anos, do 25 de abril, foi projetada no 3d e depois foi passada a metal e acrílico. Portanto, por vezes o digital serve como maquete.

Eu destaco, medalhas, que alcançaram prémios: a medalha do Convento de Jesus em 1990, foi prémio e a medalha foi editada, em 1991; a medalha comemorativa dos 30 anos do Totobola também foi e também foi editada em 1991; a medalha da cidade de Montemor-o-Novo, esta não foi o primeiro prémio, foi numa menção honrosa, também em concurso. Em 1992, a medalha dos 35 anos de televisão em Portugal, que também tive uma menção honrosa. Em 1993, a medalha evocativa da vila de Óbidos, também foi primeiro prémio e foi editada em 1992; a medalha dos 20 anos do ISCTE, também foi um primeiro prémio.

Destaco também medalhas que não foram prémios mas são medalhas que estão no Museu Britânico, a medalha comemorativa dos 50 anos, da polyphonia, editada em 1993, a do convento de Jesus também lá está, no museu britânico. E mais tarde em 2003, voltei a fazer outra medalha para a polyphonia para os 60 anos, esta também está no Museu Britânico.

Outra medalha que eu considero também muito importante, é de 1996, medalha comemorativa dos 100 anos das campanhas oceanográficas do Rei D. Carlos. Acho que esta participou na exposição *Progression*. Há 3 medalhas que eu também considero importantes são todas elas sobre o 25 de abril. A medalha dos 25 anos de 25 de abril, que eu fiz para a Câmara Municipal de Castelo Branco, a medalha dos 48 anos do 25 de abril para a Associação 25 de Abril e a medalha dos 50 anos do 25 de abril, que tem em toda à volta poema do Manuel Alegre, foi feita para a Câmara Municipal de Lagos. Esta medalha dos 50 anos de 25 de Abril o foi feito em 3D, e mais tarde executada em metal e acrílico.

Tinham pedido ao escultor João Duarte para fazer a medalha, e ele disse “não, eu tenho um amigo que já tem 1 feita”. Então foi aprovada, e foi feita. Tendo muitas medalhas, muitas... a uma determinada altura, ia fazendo uma lista com as memórias descritivas, mas depois deixei de fazer...

Eu acho que a coisa mais importante no meu trabalho, é que sempre procurei evoluir, não só formalmente, como também em termos de materiais. Tenho, duas medalhas serigrafadas no suporte metálico previamente oxidado a negro. Tenho medalhas com inclusão objetos estranhos à própria medalha. E isso foi para mim o patamar que me levou a começar a fazer medalhas em 3D. E essas as medalhas em 3D de certa forma nasceram porque deixou de haver encomendas, e eu quis continuar a trabalhar em medalha. Para ter o objeto, eu tive que me socorrer do 3D. Como eu já sabia, tinha aprendido no mestrado de desenho, mais ou menos a trabalhar em 3D, a partir daí, avancei. De certa maneira foi uma forma de fugir à falta de encomendas... Porque numa dada altura, quer eu, quer João Duarte, quer os meus colegas, tínhamos encomendas de trabalho, que agora são raras.

E além disso, normalmente faço cartazes, impressos em alumínio, das medalhas executadas em 3D. O programa permite fazer fotos das diversas vistas Normalmente quando exponho medalhas exponho também as fotografias das medalhas.

Há uma coisa que é importante, eu sou autor de cerca de 150 selos. Eu entrei no ano de 66/67 para a ESBAL a fim de fazer a licenciatura em escultura, fui até ao segundo ano e no ano de 1968 fui apanhado para a tropa, tive 2 anos em África e quando reingressei, já estava casado, tive de ir trabalhar e então só voltei às belas-arts 20 anos depois. Depois, em 1980 entrei para os Correios, porque já tinha desenhado selos, já tinha desenhado a emissão de selos “Grandes Vultos da Republica”. Durante o percurso da minha vida profissional nos Correios, desenhei cerca de 150 selos de correio.

Como de certa forma, estava ligado ao desenho de objetos de pequeno formato, e no ano de 67 tinha feito a cadeira de medalhística, quando reingressei, em 83, escolhi como tecnologia, a medalhística, e também como já tinha tido como professor o Hélder Batista, em 66 e 67 68, como professor de escultura do natural, ficamos logo com uma certa amizade. Eu quando reingressei, optei também pela tecnologia de medalhística

porque ele era o professor da cadeira. Eu já gostava muito de medalha, e pronto, foi assim o percurso na medalística. Depois de ganhar o concurso para medalha do Convento de Jesus, foi um marco muito importante fiquei logo agarrado à medalhística., foi um estímulo. Depois de concluir o curso ainda continuei a trabalhar nos correios. Fui trabalhador-estudante.

O mestrado de desenho fiz na FBAUL, também, 20 anos depois, de 20 em 20 anos eu entrava para as Belas-Artes.

Comecei a dar aulas no ensino particular em 1972, durante 13 anos, e dei aulas após o mestrado nas belas-artes como professor convidado, na cadeira de ilustração, durante 7 anos, nunca fiz parte do quadro das Belas Artes.

A oportunidade de fazer a face portuguesa do euro foi um concurso. Eu já tinha feito moedas, acho que tinha feito uma ou duas moedas para a casa da moeda. E então quando surgiu o concurso da face do euro a casa da moeda convidou os escultores, que eles tinham em carteira, que já tinham feito moedas, Eu, já tinha alguma prática da moeda, e eu concorri. Houve dois concursos. O concurso para a face comum, que é aquela que tem 1 euro ou 2 euros, que acabou por ser feita por um belga. Para esse concurso concorri eu a Paula Lourenço e a professora Clara Menéres. A Clara Menéres foi aprovada para a final, mas não ganhou. No ano seguinte eles abriam o concurso para a face portuguesa e convidaram outra vez todos aqueles escultores que já tinham convidado, acho que concorreram treze ou quatorze pessoas, e eu ganhei. Na altura, na memória descritiva e nos desenhos, já apresentei a moeda em 3D, feita em Photoshop. o Photoshop tem uns filtros, um deles “baixo-relevo” que permite simular, dá a ilusão do 3D. E acabei por ganhar, depois fiz o gesso, das esculturas.

Devo ter feito umas 10 moedas, a primeira foi dos Jogo Olímpicos de Atlanta... a última que eu fiz foi a do Joaquim Agostinho, agora há muito tempo não faço.

Eu faço as medalhas em 3D mas tenho a noção que é uma medalha. E que tem de funcionar como tal para imprimir ou passar para metal, É preciso ter a visão de que as coisas vão resultar, sigo todos os passos que normalmente se faz para fazer uma medalha.

Às vezes, sai um bocado fora do princípio e torna-se mais uma imagem, mas é porque me apetece sair e porque não tenho compromisso nenhum. O Professor Bogomil da Bulgária, todos os meses, sei lá, de há uns 10 anos para cá, todos os anos lança 7 ou 9 temas, um por mês, para a realização de uma medalha. Eu desde o princípio aderi, e aderi através do 3D, também. E às vezes eu faço umas coisas... às vezes eu digo assim “pá hoje eu vou aqui brincar um bocadinho com isto”, mas regra geral eu tenho sempre em mente que aquilo, é uma medalha, com as regras que a medalha tem, com as dimensões, com os volumes. Porque isso é muito importante, porque senão, a medalha é desbunda completa.

Eu, participei em todos os congressos da FIDEM desde 1992 até hoje, aliás como o João Duarte e o Teixeira, dá-me impressão de que eles também, desde que começaram a fazer medalha, que eles participam sempre. São muitos anos, são mais de 30 anos.

Anexo I.III. José Simão 05/12/2023

As ideias vinham muito do Hélder, nesse tipo de coisas, mas também do João Duarte, que era o professor assistente... De maneira que, nessa altura, o grupo funcionava de forma quase familiar, e gerou-se a partir das aulas de medalhística. Começámos logo a ter bastante contacto com o João Duarte e com o Hélder Batista, mesmo fora da escola. Das primeiras coisas que aconteceram quando entrei na cadeira de medalhística foi que o Hélder Batista nos convidou a mim, à Paula Lourenço e ao Gonçalo Condeixa (meu colega, que também se inscreveu na medalhística) para fazermos uma investigação sobre medalha e, curiosamente, todos optámos por fazer em cerâmica, para apresentar no congresso de 1994, que se ia realizar em Budapeste.

Esse foi logo o primeiro desafio. Começámos a ter mais contacto, às vezes almoçávamos ali perto, no Canteiro, e conversávamos. Surgiu então essa ideia, impulsionada pelo Hélder e certamente também pelo João Duarte, de formar um grupo com o objetivo de divulgar o que se fazia a nível da medalha contemporânea, através de exposições, workshops, com a participação de alunos de escolas, e com conversas.

Essa foi a ideia do grupo, primeiro a nível nacional e, mais tarde, internacional. Houve eventos que ficaram registados. Criámos um folheto, com design do Vítor Santos, um desdobrável com um pequeno currículo de cada um, uma ou duas imagens, em português e inglês, que distribuíamos nos congressos (talvez não logo em Budapeste, mas num posterior).

Havia esses desafios e, também, os concursos. Organizavam-se concursos através da Casa da Moeda ou das Câmaras. Lembro-me de concursos para a Câmara de Óbidos, para o ISCTE... Normalmente impulsionados pelo Hélder, e lançados para os alunos das Belas Artes de Lisboa e do Porto. Concorríamos com painéis rígidos onde eram colocados modelos em gesso, para medalhas cunhadas, ou construídas incluindo também elementos de comunicação gráfica.. Os alunos mostravam muito empenho.

No início, os exercícios da aula de medalhística eram uma interpretação tridimensional de desenhos que seleccionávamos dos trabalhos das cadeiras de Desenho. Escolhíamos uma composição e transferíamos-la para o gesso, explorando a terceira dimensão numa "bolacha". Foi assim que fiz a minha primeira medalha cunhada, em

1994. Esse modelo em gesso" de cerca de 10 cm, foi reduzida para uma medalha em bronze de 40 mm por um gravador da Calçada de São Francisco. Com esse cunho e produziram-se cerca de 100 exemplares, baseando-me na ideia de exploração do positivo e negativo.

Fazíamos muitas exposições com o grupo Anverso Reverso. Houve convidados, como o José João Brito, que acabou por se juntar ao grupo. No projeto da exposição "Progression" (surgido de conversa com o José Teixeira), a Mashiko sugeriu a participação da Andreia Pereira. Lembro-me ainda de um artista convidado do Norte, arquiteto, com bom trabalho, que penso que já faleceu. O Alípio Pinto, professor nas Belas Artes, também foi convidado. Assim como a professora de cerâmica e escultura, a Virgínia Fróis, que penso ter participado numa exposição.

A Paula Lourenço, fundadora do grupo, apesar de menos presente, esteve em vários congressos da FIDEM e acompanhou-nos quando o Hélder recebeu o prémio SALTUS em Nova Iorque. Foram também o Vítor Santos, o João Duarte, acompanhados pelas suas mulheres, e também a mulher do Hélder.

Apesar da minha disponibilidade ser reduzida, para a medalha arranja-se sempre tempo.

Era (e é) uma paixão. Brincávamos que éramos fundamentalistas. Foram tempos (e ainda podem ser) de grande expansão e afirmação da medalha. Os prémios internacionais ajudam ao reconhecimento.

Destaco o projeto dos frascos que apresentámos no congresso de Sofia (talvez em 2016). Foi uma iniciativa dentro do grupo Anverso Reverso, cada um fez um trabalho sobre a temática do contentor, inspirada em reservatórios de povos africanos que víamos no Museu de Etnologia. Foi uma participação autónoma, com vitrine própria, num espaço bastante visitado.⁶⁴

Muitas das medalhas do grupo são peças de investigação, não encomendadas. O João Duarte, por exemplo, tem muitas solicitações para conceber medalhas nas quais introduz inovações, o Zé Teixeira e eu fazemos muitas peças de temática livre. O Hélder

⁶⁴ Ver: (Teixeira, 2014, pp. 159-166)

também fazia peças temáticas, produzidas pela Gravarte. Eu, como tenho oficina, fabrico muitas das minhas peças.

A Gravarte foi fundamental. Tinha experiência e tecnologia, como o laser. O Sr. Vasco, com quem desenvolvíamos os projetos, era essencial ajudava a dar forma às ideias.. A gravarte viveu momentos em que a medalha cunhada teve grande expansão, na sequência da revolução do 25 de abril.

Os almoços e convívios eram importantes para a troca de ideias. A medalha permite qualquer técnica e pode ser feita de muitas maneiras. Surgiu uma coleção de medalhas eróticas, com participação do José Aurélio, editadas pela Gravarte. Houve também um projeto (talvez dentro do grupo) de homenagem à Natália Correia, com 13 escultores. Apesar de o projeto não ter avançado oficialmente, muitos editaram as peças.

Enquanto estudante, fiz escultura em ferro e depois explorei madeiras locais para a joalheria. Fiz apenas uma medalha fundida, num concurso do Infante D. Henrique, que ganhei. Como a Casa da Moeda não avançou com a coleção, levei a peça a um fundidor em Espanha e produzi 10 exemplares, dos quais vendi alguns.

O desenho é essencial na medalha. É uma síntese formal e de significado. A tecnologia é um meio, mas os valores plásticos e formais têm de cativar e comunicar.

Comecei na medalhística no terceiro ano da escola, por volta de 91/92. A conversa com o Hélder Baptista e João Duarte levou ao desafio do projeto para o congresso de Budapeste, em 94.

O grupo Anverso Reverso é uma forma de divulgar a medalha contemporânea, em Portugal e internacionalmente. Permite desenvolver e concretizar projetos, com maior alcance e visibilidade. Há uma preocupação coletiva com a área, mais do que com o trabalho individual. Também acontece nos simpósios de escultura que procuram tornar a área mais conhecida, o que acaba por beneficiar cada um.

O grupo surgiu para ampliar o espaço de debate, criação e amizade. Havia antes a sala de aula como espaço de discussão. Artistas como o Hélder Batista, José Aurélio, Fernando Conduto já repensavam a medalha individualmente. Também existiam

movimentos de colecionadores e fabricantes, mas o Anverso Reverso trouxe a dimensão coletiva, artística e de partilha.

O grupo ajudou a divulgar a área e a promover a compreensão da medalha contemporânea como reflexo dos nossos dias. Usamos tecnologias, refletimos sobre o mundo e abordamos temas pessoais ou propostos, como em qualquer forma de arte. A investigação é essencial, para além das encomendas. A FIDEM proporciona contexto e exposição internacional para essa investigação.

A medalha representa muito espaço no meu horizonte artístico. É uma forma de estar, de contacto com o mundo, através dos congressos, do confronto com outros trabalhos, da criação de redes e amizades. É uma forma acessível de internacionalização do artista.

Anexo I. IV. António Canau 07/06/2024

No meu trabalho destaco os trabalhos que estão na coleção de Medalhas do British Museum, começando pela Medalha-objeto comemorativa dos 100 anos da primeira ligação telefónica Lisboa-Porto, onde o que fiz foi estabelecer uma relação entre o analógico e o digital. A medalha é construída e estampada, e feita de modo a que a articulação das duas partes que a constituem, proporcionasse a sua abertura, foi um desafio, mas conseguiu-se que funcionasse, que a medalha abrisse. ... é feita de uma liga de latão e fio de cobre, e como a maioria das minhas peças tem uma patine preta no fundo. Esta peça foi feita para a Imprensa Nacional Casa da Moeda e a Machiko gostou muito dela e integrou-a na coleção da sua Galeria a Medialia Gallery em Nova Iorque.

Outra medalha minha significativa, estampada, é a medalha comemorativa da Associação 25 de Abril nos 34 Anos do 25 de Abril. Eles tinham um orçamento extremamente limitado, então eu tive de ser muito criativo. O que eu fiz nesta peça, foi trabalhar a linha em relevo, essa “linha” cujo relevo é todo da mesma altura, foi lixada, de modo a colocar a descoberto o tom amarelo do metal sobre o fundo negro.

No que respeita à medalha-objeto do Município de Azambuja, foi feita por encomenda para esse mesmo Município. Esta peça apresenta o mapa do município do qual emerge a árvore que dá nome ao mesmo, o Zambujeiro. Demorei, um ano e meio a desenhá-la, quase dois. Esta é uma peça muito significativa, que está também na coleção de medalhas do British Museum, e considero que foi uma injustiça, não é para mim, mas sim uma injustiça para peça, que em ambas as bienais cá em Portugal, nem sequer uma menção honrosa lhe tivessem atribuído... Todo o desenho da peça foi milimetricamente pensado, isto é, fechada a peça assume um carácter vertical e a árvore encontra-se encerrada no volume do corpo da peça, atravessando-o. Quando se abre, a árvore revela-se, bem como a morfologia do município, o qual é constituído por letras com a frase Município de Azambuja repetida, letras essas que são apagadas parcialmente “em linhas” para fazer o recorte das freguesias do Concelho. As Freguesias têm o nome escrito e um ponto a bold no local da sede das mesmas. É no fundo, aplicar a poesia visual na medalhística. Esta peça é lida como livro. Fechada tem uma leitura e aberta outra. É uma medalha com um carácter muito escultórico e vários pontos de vista dinâmicos.

Outra medalha significativa que abre e fecha como a anterior, é a medalha feita para a empresa Mateace que já não existe, e que trabalhava com redes elétricas em Portugal e Angola. Foi feita por encomenda para comemorar os 25 anos da Empresa Mateace s.a. Esta peça é um exemplo de uma particularidade minha, que é, os meus protótipos são sempre iguais ao produto final, nunca faço maquetes com produtos/materiais que não sejam os finais. Porque se utilizarmos materiais diferentes, pela minha experiência as pessoas não entendem, não conseguem visualizar, não conseguem idealizar o objeto final. Então, ao verem o objeto na sua forma final na apresentação que fiz do mesmo quando apresentei a proposta, os membros do Concelho de administração presentes ficaram tão surpreendidos, que disseram para fazer mais 50 exemplares. Esta medalha-objeto foi apresentada no Pestana Palace para muitos de empresários, deste ramo.

Para além das minhas peças que abrem e fecham... desenvolvi também uma abordagem que não é muito comum haver em medalhística. Pode-se pensar que se lembra de alguma vez ter visto coisas assim deste género, mas é muito pouco provável. Essa abordagem, que acho que fui eu que introduzi, consiste no seguinte. Geralmente, quando nós temos os elementos salientes nas peças, eles estão ligados à base, ao corpo da peça, e o que eu fiz a partir desta altura, isto foi em 2006, foi começar a afastar os elementos da base, do corpo da peça e tornar as Medalhas-objeto cada vez mais escultóricas. As minhas peças poderiam ser esculturas com 3 metros de altura, caso da Medalha-objeto comemorativa dos 32 Anos do 25 de Abril por exemplo. O reverso é constituído por uma grelha, simulando uma grade, uma prisão, que retrata os 48 anos anteriores ao 25 de Abril. O anverso até parece uma escultura com o seu cilindro amarelo afastado do corpo da medalha, encimado por um cravo chama dourado. Podia perfeitamente ser feito um momento ao 25 de Abril com isto, com 3 metros de altura ou mais. O Coronel Vasco Lourenço, tem esta peça, no móvel atrás da secretária dele... ele considera-a, segundo me disse, uma das melhores peças que foram feitas sobre o 25 de Abril.

Outra peça que eu destaco e que também se encontra na Coleção do British Museum, foi uma medalha que ganhou uma menção honrosa na Bienal de Sintra, tem como título, Génesis 1, Sob Suposta Influência da Lua de 2007. Esta Medalha-objeto

segue a mesma lógica que as duas anteriores, na qual, os elementos de ambos os lados são afastados do plano. Isto foi uma luta, nem imagina o que foi para conseguir que fizessem uma peça com banho de prata de lado e preta do outro. Esta peça participou na exposição Progression. É uma das minhas peças mais significativas.

Ainda dentro desta lógica dos elementos afastados do plano, tenho uma Medalha-objeto, feita para a Imprensa Nacional Casa da Moeda, quando eles ainda faziam encomendas, e foi feita para comemorar o Terceiro Centenário da Passarola de Bartolomeu de Gusmão. É sobre a Passarola, que nunca existiu na realidade. A Passarola como nos é apresentada, nunca existiu, é uma mistificação, porque o Bartolomeu de Gusmão, com medo que lhe roubassem a ideia, e a conselho de aluno dele, um matemático que estava a colaborar com ele, resolveram fazer um desenho engodo, e deixar para as pessoas roubarem, supostamente a ideia original. O que Bartolomeu de Gusmão realmente fez, foi um balão movido a ar quente por uma chama. O que faço em ambos os lados da peça, é colocar a sua verdadeira invenção, um balão, por detrás da forma da passarola. No reverso repeti 7 vezes a forma da Passarola numa homenagem ao escritor José Saramago e ao seu livro Memorial do Convento... esta medalha está na coleção da Fundação José Saramago oferecida por mim, porque a Pilar del Rio a achou muito interessante.

Tanto esta peça como outra, aquela do telefone, também é para ser manuseada... elas são peças para serem manuseadas todas, considero um dos princípios do meu trabalho... considero-as esculturas à escala da mão.

As minhas coisas estão todas relacionadas sempre à gravura, ao desenho, à escultura, à fotografia, está sempre tudo relacionado... exemplo disso é a medalha Peixe!?, Fish!? de 2008, a qual foi feita a partir de um desenho que fiz quando estava em Londres na Slade School, e faz parte de uma gravura que eu tenho e que está na coleção do British Museum. Peguei em parte desse desenho, e usei nesta peça.

A medalha alusiva à Faculdade de Arquitetura da UTL de 2008, também é objeto para ser manuseado. Ainda não foi feito, ainda só existe o protótipo. Esta peça é muito escultórica e também arquitetónica. Outra medalha que poderia ser um momento não é? Eu demorei cerca de dois anos a desenhar esta peça... Eu demoro muito tempo para desenhar as minhas coisas. Eu não tenho muitas peças como vê... mas isso não me

interessa, interessa-me é fazer coisas interessantes. Tenho muitos desenhos que podia concretizar mas só concretizo mesmo quando eu acho que está suficientemente interessante.

Outra medalha que destaco no meu percurso é uma peça muito volumétrica, chama-se Ribs Flower, de 2013, o escultor José Teixeira escreveu sobre ela, na revista Medaille. Isto foi feito para aquele projeto que nós tivemos dos frascos. Estes elementos, esta medalha tem que ver com a minha escultura Costelas, Sob Suposta Influência de Camilo que poderia ser uma medalha também, mas é uma escultura com 2 metros. Em termos de estrutura é igual à medalha Ribs Flower. Mais uma vez esta medalha tem elementos afastados do plano, tanto no interior como no exterior do frasco. Aqui a influência vem duma escultura de grandes dimensões, o que é interessante, porque geralmente são as medalhas que sugerem e pedem outra escala, pedem para ser tornadas esculturas de grandes dimensões e influenciam a realização de esculturas.

Dentro das peças mais tridimensionais e com assemblage, método que eu utilizo muitas vezes, tenho a Medalha Objecto Femina Turbine Flower. Trata-se de uma assemblage. Eu demoro muito tempo a fazer as minhas coisas e no caso das assemblages, é necessário muito tempo para conjugar os vários elementos que as constituem. O principal problema é a falta de elementos iguais disponíveis para fazer mais que um exemplar. Neste caso, eu queria fazer dois exemplares desta peça mas não consegui arranjar o elemento no meio da medalha, uma espécie de turbina, que ao mesmo tempo são as pétalas de uma flor... isto é muito dinâmico, parece um peão, mas uma turbina ao mesmo tempo por causa dos elementos que o constituem. No reverso tem um elemento metálico sobre uma forma convexa suave de borracha preta que representa um seio, uma mama, o termo médico é mama.

Eu não participei nesta última FIDEM, porque andava atarefado com imensas coisas. Tinha uma peça já quase feita, mas depois achei que não ia ficar a cem por cento e decidi que era melhor não participar. Qualquer coisa que saia com a minha assinatura ou fica a cem por cento ou não sai. Da mesma forma também, quando me fazem uma encomenda se não me dão cem por cento de liberdade criativa eu recuso, independentemente do dinheiro que esteja em causa.

Tenho um catálogo do meu trabalho que está na Gulbenkian e na biblioteca Nacional que tem as minhas medalhas todas desde que era aluno até 2008, todas fotografadas. Tem o meu trabalho todo, em medalhística, e em escultura. Graças a este catálogo eu ganhei o prémio Escultura da Academia Nacional de Belas Artes com a escultura Fêmeina Sob Suposta Influência da Lua de 2007.

Fui aluno do Professor Hélder Batista... do João Duarte praticamente não, porque ele só entrou como professor no 3º e último ano em que eu estava a frequentar a Tecnologia de Medalhística. Na Faculdade de Belas Artes fiz, como se chamava na altura, a Tecnologia de Medalhística durante 3 anos. Foi aí que comecei a ter ligação com esta área da medalhística, porque eu achei muito interessante a abordagem do professor Hélder Batista, ele era muito criativo e muito inovador. Foi o Professor Escultor Hélder Batista que foi o motor de arranque, digamos, artístico da medalhística nas Belas Artes.

Mais uma peça que destaco, e mais uma vez uma peça de autor, é a Fêmeina Flower de 2012, feita com veludo vermelho, com alfinetes com cabeça amarela-dourada. É uma espécie de joia. Fêmeina flower, mais uma vez uma peça tem a ver com o feminino. Tem a ver com a flor, tem a ver com os espinhos da flor, não é? Neste caso seria mais das rosas, na dificuldade do acesso à flor, o interior remete para mais uma vez a genitália e feminina, e simultaneamente para uma flor, para as pétalas de uma flor, com a proteção dos espinhos à volta.

Eu compro muitas coisas, compro, e depois, ou tenho uma ideia logo e consigo concretizá-la imediatamente, ou vou à procura das coisas, de mais elementos para a concretizar, ou então, compro uma série de coisas e depois vou juntando e faço associações de ideias até conseguir chegar aos objetos.

Mais uma peça, esta feita a pensar na moda é a medalha Curso de Design de Moda da Faculdade de Arquitetura da UTL. Eu dou aulas na faculdade de arquitetura, e esta peça tem a ver com o curso de moda onde dou aulas de desenho... Temos o positivo e o negativo, o positivo é uma espécie de manequim, o negativo, seria a mulher vestida. A silhueta da mulher é constituída por agulhas paralelas entre si as quais furam uma fita azul-escura símbolo da faculdade de arquitetura. Dum lado vê-se o corpo formado pelas

agulhas, do outro o negativo do corpo com as agulhas a verem-se fora dos limites do corpo. Portanto, temos uma peça que demorou imenso tempo a conceber, de modo que ficasse interessante e que refletisse aquilo que é universo que o curso de Design de Moda.

No meu trabalho tenho muitos elementos que se repetem em várias peças, portanto, o meu universo formal é utilizado transversalmente nas várias áreas em que eu trabalho, ele é coerente. Isso é o que é importante para mim, que haja coerência formal no meu trabalho. E quando se olha para uma medalha ou para uma escultura, ou outro trabalho meu, que sejam imediatamente identificados comigo como autor, que se identifique neles uma forma única de fazer.

Uma coisa muito importante que o professor Hélder Batista dizia, é que era muito importante a relação de ambos os lados (da medalha) quando se trabalha a medalha estampada, mas também a medalha-objeto, deve haver uma relação entre os dois lados. Eu fiz um monumento com 3 metros de altura baseado na medalha para o Grupo de Dadores Benévolos de Sangue do Concelho de Azambuja de 2008. Esse monumento foi feito a partir da solução formal dessa medalha-objeto. Essa medalha tem líquido vermelho dentro a simular o sangue. Mais uma vez é uma forma extremamente simples e depurada... o que é que é importante nesta medalha? A minha ideia e criatividade de modo a tornar o objeto interessante e pertinente para este efeito é, que quem dá sangue dá tempo de vida... e eu ao fazer uma ampulheta com os 2 corações, simbolizo isso, e portanto, o sangue está aqui a escorrer dentro da ampulheta, mas eu tive o cuidado de que o sangue que sai para o outro lado da ampulheta, não esvazia demasiado o lado que dá o sangue, para não prejudicar quem dá o sangue. Esta medalha está na coleção do centro do Centro da Arte Contemporânea do Seixal.

Destaco aqui uma peça que eu fiz para os 250 Anos do Nascimento de Mozart, mais uma vez é uma forma extremamente depurada. Esta medalha tem uma linguagem mais gráfica. Demorou-me imenso tempo a desenhá-la é tão simples e depurada, que não pode haver um mínimo erro porque senão não resulta, por isso é que demora assim tanto tempo a fazer... assim olhando parece simples não é? Mas o ter a ideia... o pensar inicialmente todos os detalhes, aí é que está a complexidade... é isso que me define.

Eu fiz, ao todo acho que 32 medalhas, contando com as que fiz como aluno, com o professor Hélder Batista. Os meus trabalhos independentemente da área de expressão artística são todas relacionadas com a metamorfose. No livro Textos de Fernando Pessoa Sobre Arte, o filósofo Vítor Correia, que conhece o meu trabalho há muito tempo, escreveu um ótimo texto na introdução sobre a metamorfose, portanto parte da introdução do livro é sobre a relação que ele acha que existe sempre o meu trabalho e a obra de Fernando Pessoa. E a metamorfose, é o elemento que estrutura de facto o meu trabalho.

No meu trabalho há muitas medalhas que fazem a relação entre medalha e escultura, e da escala da medalha e da escala da escultura. Se bem que considero as medalhas esculturas, no fundo as medalhas para mim são sempre tratadas como esculturas, independentemente da escala em que são feitas. Elas são esculturas à escala da mão. Mas para mim elas são esculturas e são trabalhadas e são concebidas como esculturas... uma escultura, tem de funcionar, esteticamente de todos os pontos de vista, esta é a diferença entre a escultura e as obras bidimensionais, caso de uma pintura, de um desenho, de uma fotografia, a bidimensionalidade funciona só num ponto de vista e abre uma janela que aumenta o espaço em vez de ocupar espaço como a escultura.

E como ocupa espaço, para se ver a escultura tem de se andar à volta dela, por cima, por baixo, de lado, obliquamente, temos de nos que posicionar em todos os ângulos. No caso da medalha, por causa da escala, para funcionar, ela tem de ser manuseada, é a grande diferença. Na medalha ainda há uma maior multiplicidade de possível de leituras, porque ao manusear ainda a vemos de mais pontos de vista. De resto, para mim, as premissas na conceção e execução de ambas são as mesmas, ou seja, a obtenção de conjunto de elementos no seu todo, constituam um conjunto formal coerente.

Considero que a joalheria tem afinidades com a medalhística... aliás a minha medalha Fémina Flower, eu considero-a uma joia parece uma pregadeira... assim como uma outra que é uma medalha maçónica que também considero uma jóia, que se pendura ao peito.

Eu gosto muito de banho de prata, e utilizo-o em muitas das minhas peças. por exemplo, a medalha para o município de Azambuja, leva banho de prata.

Nas minhas medalhas, a relação que faço entre o positivo e o negativo tem muito que ver com a relação entre as minhas medalhas e o desenho, a gravura e principalmente a fotografia e o negativo da fotografia... as minhas medalhas são também muito desenho. Os meus trabalhos têm todos a ver uns com os outros, com os desenhos, as gravuras, as esculturas, as fotografias e as medalhas.

Quando fiz o trabalho sobre o escultor José Teixeira, eu escrevi sobre o grupo Anverso/Reverso, a dinâmica do grupo, como é que o grupo surgiu, quando é que surgiu, quais as intenções do grupo, quais os membros do grupo e quando é que cada um entrou no grupo. Eu entrei em 2010, por exemplo... nós somos grupo que não está registado oficialmente, nós não funcionamos como uma instituição, nós funcionamos de maneira informal. Para algum novo elemento entrar no grupo, nós nas nossas reuniões, que não são reuniões formais, são almoços, nós falamos uns com os outros, e se alguém tem alguma ideia, submete essa ideia ao grupo, e o grupo geralmente de forma natural dá logo a resposta ou após algum tempo de reflexão. Não se faz uma carta a dizer, esta pessoa quer entrar... não. Precisamente por isto que eu estou a dizer agora, por não haver um registo oficial das coisas é que quando escrevi sobre o escultor José Teixeira, como não havia nada escrito sobre o Grupo Anverso/Reverso, fiz entrevistas aos membros do grupo a perguntar quando e quem é que fundou, quando é que as pessoas entraram, quais os objetivos... havia informações muito dispersas, ligeiras mas nada de forma metódica e eu tive essa preocupação.

Aquela fotografia que existe do Grupo Anverso/Reverso, onde estamos todos, que é única com todos os elementos do grupo, foi tirada com a minha máquina (Leica Dlux 3), quando fomos ao museu da etnologia, estávamos todos, o que é raro. E como não havia nenhuma fotografia com todos, pedi a uma funcionária do Museu de Etnologia para tirar a fotografia. Não existem mais fotografias do grupo com todos os membros. Portanto, eu como investigador tive a noção da importância desse tipo de registo.

Deve-se muita coisa em Portugal na medalhística ao professor Hélder Batista, no ensino deve-se praticamente tudo a ele e depois o João Duarte deu-lhe continuidade.

Eu andava em medalhística, e gostava bastante de medalhística mas depois fui estudar para Londres para fazer mestrado em gravura e foi nessa altura que foi fundado o grupo Anverso Reverso, eu não estive nessa altura ligado à sua fundação por esse motivo e depois dediquei-me à gravura e à escultura, e arte pública, e só em 2003, é que eu pude voltar a fazer medalhística. Fui fazendo grande parte das medalhas de que já falei. Entretanto, estava com uma grande dinâmica, já estava a ficar com uma quantidade de trabalho considerável e entrei para o grupo em 2010. Fui o último elemento a entrar, antes da morte do professor Hélder Batista.

Anexo I.V. Maria João Ferreira 14/10/2024⁶⁵

Texto I.

Durante a minha licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa o interesse pela medalhística esteve sempre presente. Como se pode constatar, através da consulta do meu CV é possível perceber os diversos projetos em que colaborei com o Professor Escultor João Duarte, nomeadamente na criação do “Projecto Volte Face – Medalha Contemporânea” no ano lectivo de 1997/1998, na Cadeira de Medalhística. Mais tarde viria a tornar-se no Centro de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea.

Neste período de tempo desenvolvi uma extensa produção de medalha bem como a vertente de produção de exposições.

Estas experiências levaram-me sempre a refletir sobre a inserção do objeto que é a medalha e a sua apresentação ao público, nomeadamente numa exposição.

Texto II.

Em abril de 2002, ingressei nos quadros da Câmara Municipal do Seixal, como Coordenadora do Sector de Artes Plásticas da Divisão de Ação Cultural, onde reforcei a minha reflexão sobre os processos de produção de exposições de medalha contemporânea.

A coordenação executiva e produção de 4 edições da Bienal Internacional de Medalha Contemporânea-Seixal (entre 2003 e 2011) e o comissariado do Congresso Mundial de Medalhística – FIDEM – XXIX – Seixal – Portugal (em 2004), durante o qual decorreram as Exposição Internacional de medalha contemporânea, workshop, ciclo de conferências e feira de medalha, entre outras, vieram reforçar a minha reflexão sobre o espaço expositivo da medalha e o seu diálogo com o público.

Em 2008, o natural ponto de chegada foi a apresentação da dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Cristina Azevedo Tavares, intitulada *Novas atitudes na medalha contemporânea portuguesa / desvios e convergências*. Os dois anos de Mestrado permitiram munir-me de ferramentas capazes de dar respostas criativas e inovadoras face aos novos desafios da arte dos nossos dias.

⁶⁵ Face à indisponibilidade de tempo da autora, acabou por responder a algumas das minhas questões enviando por WhatsApp os textos que aqui apresento.

Anexo I.VI. José João Brito 06/12/2023

Durante a minha formação, tínhamos de fazer equipas com arquitetos - um arquiteto, um pintor e um escultor. Contudo, havia apenas três escultores para trinta ou quarenta arquitetos. Tínhamos aulas em conjunto e depois desenvolvíamos projetos ou desafios propostos pelo professor. No meu caso, foi o arquiteto Cristiano Moreira quem me orientou, tendo-se tornado um amigo. Encontrei-o mais tarde quando estava no Colégio Militar, onde fui professor. Durante uma reunião de antigos alunos no claustro, ele, antigo aluno, passou por mim e cumprimentou-me. Passado algum tempo, aproximou-se e perguntou-me de onde nos conhecíamos. Quando lhe disse que tinha sido meu professor no Porto, respondeu entusiasticamente e demos um abraço, recordando os bons tempos.

Cristiano Moreira fez o seu estágio de arquiteto na Suécia e na Finlândia, em contacto com a obra de Alvar Aalto, o arquiteto das madeiras. Até o próprio Siza Vieira foi muito influenciado por Alvar Aalto. Quando saí do Porto, Siza tinha-se formado alguns anos antes, mas aparecia frequentemente na escola porque trabalhava com Fernando Távora, que era professor. Os arquitetos andavam quase sempre juntos e nós acompanhávamos-los.

Éramos três colegas. Um deles, Joaquim Machado, chegou a ser diretor, mas com o 25 de Abril foi afastado. Depois foi para Londres, para a Saint Martin ou outra escola, com uma bolsa da Gulbenkian. Quando regressou, deu algumas aulas e reformou-se. O outro, Humberto Mesquita, com quem me relacionava melhor, também fez o curso comigo e acabámos ao mesmo tempo. Conseguiu uma bolsa - tinha uma cunhada em Londres, irmã da mulher - e foi também para a Saint Martin, onde estive um ou dois anos. Depois regressou e continuou como professor até que o tabaco acabou com ele.

Tive a sorte de ter um arquiteto amigo no Porto, José Gomes Fernandes, que foi vice-presidente da Câmara do Porto e secretário de Estado do Urbanismo e da Habitação num dos primeiros governos do Dr. Mário Soares. Ele frequentava o quinto ou sexto ano de arquitetura - eles tinham seis anos, nós tínhamos cinco. Como não tinha escultores para a sua equipa, foi pedir ao arquiteto Carlos Ramos, que era o diretor para eu poder fazer

parte da sua equipe. Carlos Ramos autorizou e eu, que andava no terceiro ano, integrei a sua equipa de arquitetura do 5º ano. Foi assim que me familiarizei com toda aquela dinâmica - sempre me trataram bem.

Vim para Lisboa porque a minha mulher, que já era assistente na Faculdade de Letras, me conheceu. Apesar de ter perspectivas para ficar no Porto, achei melhor vir para aqui. Encontrei aqui o Lagoa Henriques, que tinha sido meu professor no Porto, e o Lima Carvalho, colega que foi diretor da escola quando esta passou para Faculdade de Belas Artes, fazendo a integração na universidade e continuando depois como diretor da faculdade.

Também vieram do Porto o Justino Alves, que foi professor de pintura (já falecido), Jorge Pinheiro, que foi meu professor de desenho de modelo no Porto e veio como professor de pintura, e Clara Menéres, que foi minha colega e depois professora de escultura (também já falecida). Quando tinha menos aulas, vinha até aqui à faculdade conversar com Lima Carvalho.

No Porto existia uma disciplina de medalhística. Perguntei ao professor José Teixeira se ainda faziam o método tradicional - o círculo de barro para modelar e depois desenhar as letras. Lá em cima já utilizávamos letras de plástico que colocávamos sobre o barro para depois deitar o gesso e retirar o molde, ficando tudo mais ou menos pronto, embora depois tivesse de ser retocado.

No Porto, havia, por exemplo, a escultora Maria Irene Vilar, que fazia boas medalhas, José Rodrigues e Gustavo Bastos, que dizia não saber fazer medalhas mas mostrava-nos exemplos gregos, explicando a sua qualidade para nos entusiasmar. Barata Feyo também fazia uma medalha ou outra ocasionalmente.

As minhas primeiras medalhas foram feitas em 1974. José Rodrigues viu o que estava a fazer e perguntou-me pelo projecto. Quando disse que estava a fazer uma medalha, convidou-me a acompanhá-lo à oficina do Domingos Inácio. Foram as duas primeiras peças que fiz, executadas pelo Domingos, que era tecnicamente muito competente.

Talvez houvesse pouco entusiasmo, mas Zulmiro de Carvalho tem medalhas muito boas e participou em vários congressos. Já mencionei Irene Vilar, e o próprio Gustavo Bastos também tinha bons trabalhos. Laureano Ribatua também fez várias e penso que continua a fazer.

Há artistas mais novos, como Carlos Marques, que ainda dá aulas e trabalha, tendo feito peças para a Casa da Moeda. Há outras pessoas, mas já pertencem a uma geração que não conheço bem.

Fiz trabalhos para a Casa da Moeda. Inicialmente, tinha de fazer os gessos, depois passou a ser o fotolito e a gravura no metal - eu entregava a gravura em zinco e eles faziam o molde. Agora chego com uma folha A4 ou envio o desenho vetorizado por computador. Entra no sistema da Casa da Moeda, abrem o ficheiro, fazem o resto e está feito. Já não tenho quase trabalho nenhum, e depois para pagar os impostos perguntam que despesas tenho - uma folha A4.

Tenho uma escultura nos Olivais, junto à escola Fernando Pessoa, com três metros de altura. Normalmente, as peças que faço em pequeno formato podem ser ampliadas. As figuras que faço, os retratos - fiz cerca de uma centena, incluindo Eça de Queirós, Camilo, Almada Negreiros, Amadeu de Sousa Cardoso, Vieira da Silva, Siza Vieira, Fernando Távora...

Rui Mário Gonçalves, um crítico, aproximou-se de mim e disse: "Estás a fazer essas peças pequenas, mas podes fazer grandes. Não tens espaço para guardar?" Respondi que não, que me contentava com as pequenas, porque é preciso muito espaço. Hoje em dia ninguém tem espaço para nada.

Oficialmente, fiz as minhas primeiras medalhas em 1974, mas nas aulas de medalha comecei mais cedo, por volta de 1964. Era uma disciplina obrigatória dada pelo professor Gustavo Bastos, mas quem me inspirou foi José Rodrigues.

O grupo Anverso e Reverso é um grupo de amigos. Inicialmente não fazia parte dele - era "Anverso e Reverso mais um", sempre como convidado, até que me adotarem. A certa altura retiraram o "mais um" e já era simplesmente Anverso e Reverso. Foi o

Hélder Batista que me telefonou a dizer que tinham decidido, numa conversa durante um jantar, que eu já pertencia ao grupo.

Hélder tinha bons trabalhos e não embarcava em modas. Às vezes, no final do almoço, desabafava comigo sobre certas tendências contemporâneas, criticando trabalhos que considerava menos sérios. Eu ouvia-o, mas ele reconhecia que eu "sabia dar a volta" às situações.

Quando levaram trabalhos para os Estados Unidos, para Nova Iorque, ainda era "mais um". Depois fez-se uma exposição na Casa da Moeda e ainda era "mais um", mas foi a partir dessa exposição e do respetivo catálogo que deixei de ser "mais um".

Era um grupo de amigos com as mesmas ideias, fazendo trabalhos dentro dos mesmos parâmetros e com preocupações semelhantes.

Conheci Hélder Batista sem ele me conhecer e sem eu saber quem ele era. Foi através de uma revista da Sociedade Nacional de Belas Artes sobre arte, que trazia uma escultura dele. Olhei para o trabalho assinado "Hélder Batista" e fiquei interessado. Numa conversa com José Rodrigues, perguntei-lhe sobre escultores em Lisboa para além dos mais conhecidos como Leopoldo Almeida. Ele mencionou Jorge Vieira e depois "outro tipo interessante que faz trabalhos em metal, o Hélder Batista".

Conheci pessoalmente Hélder quando decidi tornar-me sócio da Sociedade Nacional de Belas Artes. Precisava de duas assinaturas de sócios proponentes no boletim de inscrição. Vi Hélder sentado no átrio com Gil Teixeira Lopes e pedi-lhes para assinarem o papel. Hélder prontamente concordou. A partir daí começámos a relacionar-nos melhor e acabámos por almoçar juntos muitas vezes.

Fui a última pessoa a estar com ele antes do seu falecimento. Passeávamos na Baixa quando me disse que não ia dar a volta habitual porque não se sentia bem. Ofereci-me para o acompanhar, mas quando atravessávamos a rua junto ao Ministério das Finanças, perto do Campo das Cebolas, ele disse-me para ir embora porque o semáforo estava verde para peões. Passei para o outro lado e quando me virei para me despedir, já não o vi.

Foi através de Hélder que conheci os outros membros do grupo. Já conhecia João Duarte e José Teixeira, cruzávamo-nos por aqui quando visitava a escola na época de Lima Carvalho.

Este grupo teve importância capital para a medalhística portuguesa. É grande divulgador da medalha e abriu novos caminhos, novos conceitos, novas técnicas e novas formas.

A minha obra baseia-se na minha "sucata" - não procuro, encontro coisas. Por exemplo, recentemente fui a uma oficina que tem uma serralheria ao lado, onde fazem grades, escadas e corrimãos. Cortam, serram e soldam aço, atirando os restos para uma caixa. Passando por lá, vi dois pedaços de chapa encaixados um no outro. Peguei neles, pensei que já estava praticamente feito, precisava apenas de alguns retoques e limpeza. Depois pintei e está em casa. Quando houver algum projeto adequado, usarei essa peça. Vou explorando, encontro muitas coisas que guardo e depois às vezes surge algo delas.

Se tivesse de escolher uma palavra para descrever o meu percurso na medalhística, seria "salta-pocinhas". Trabalhei muitos materiais diferentes e é isso que me dá prazer. Tenho peças em bronze, ferro e pedra. É conforme o desafio.

A minha escultura em mármore no Parque dos Poetas deu-me algum trabalho. Inicialmente estava destinada a António Feijó, mas o Charters de Almeida telefonou-me a dizer que houvera um engano, que Feijó era "dele". Não discuti. Depois disseram-me que me calha Cristóvão Falcão. No Colégio Militar falei com um professor de português sobre este poeta. Disse-me que era um poeta bucólico, que escrevia sobre coisas do campo, formas redondas das camponesas, curvas opulentas. Comecei a fixar a ideia e a procurar o redondo, a poesia redonda, o fraseado redondo.

Depois falei com Caldeira Cabral, o paisagista. As esculturas eram todas verticais, mas pedi-lhe para arranjar espaço para uma peça horizontal, porque a pedra não fica bem na vertical.

Tenho uma característica curiosa: pedem-me uma medalha redonda e sai quadrada; pedem uma escultura vertical e sai horizontal. Não sei se é o espírito de contradição, mas quando mostro o resultado que saiu diferente do pedido, dizem sempre "Está muito boa!", o que é um alívio.

A medalha que mais destaque no meu percurso é a segunda que fiz, em 1974, uma homenagem ao Movimento das Forças Armadas do 25 de Abril. É a única medalha que existe sobre o MFA - as outras são apenas sobre o 25 de Abril. Ninguém me encomendou, foi uma criação espontânea. Estava no Colégio Militar, fiz a peça e fui ao Porto, à casa do Armando Alves, onde estava Manuel Brito da 111. Mostrei-lhes o trabalho e Manuel Brito disse imediatamente que a 111 ia produzir a medalha, que foi executada no Domingos Inácio. Esta medalha do MFA é redonda, tem um furo no centro e um corte. É acompanhada por um texto que explica o rasgão, o grito - a superfície plana do 25 de Abril foi rasgada.

A medalhística representa uma parte importante da minha vida - foram muitas horas dedicadas e trabalhos que, alguns deles, estão em Inglaterra, em Londres, no British Museum. Não me posso queixar. Representa uma boa parte da minha vida porque, enquanto pensei nas medalhas, não pensei noutras coisas - andei distraído, foi um escape.

Anexo II. Tabela de Participações dos autores do grupo *Anverso/Reverso* nos Congressos da FIDEM desde a data de fundação do grupo 1992 até à última edição, à data do presente estudo.

*Embora alguns membros do grupo tenham começado a participar em edições anteriores, consideramos apenas esta linha temporal.

GRUPO ANVERSO REVERSO - MEDALHA CONTEMPORÂNEA								
	Batista, Helder (1932-2015)	Brito, José J. (1941)	Canau, António (1963)	Duarte, João (1952)	Ferreira, Maria J. (1977)	Santos, Vitor dos (1946)	Simão, José (1960)	Teixeira, José (1960)
XXIII 1992	X	X		X		X		
XXIV 1994	X	X		X		X	X	
XXV 1996	X	X		X		X	X	X
XXVI 1998	X	X		X	X	X	X	X
XXVII 2000	X	X		X	X	X	X	X
XXVIII 2002	X			X		X	X	X
XXIX 2004	X	X		X	X	X	X	X
XXX 2007	X	X	X	X	X	X	X	X
XXXI 2010	X	X	X	X		X	X	X
XXXII 2012	X	X	X	X		X	X	X
XXXIII 2014	X	X	X	X		X	X	X
XXXIV 2016		X	X	X		X		X
XXXV 2018		X	X	X		X	X	X
XXXVI 2020		X	X	X	X	X	X	X
XXXVII 2023		X		X		X	X	X

CONGRESSOS DA FIDEM

Anexo III. Lista de Exposições coletivas do Grupo *Anverso/Reverso*

2023

- Exposição *Caminhos, Medalhas e Moedas*, Centro Cultural Casapiano.

(participaram José João Brito, João Duarte e Vítor Santos)

2024 – Seixal | 2023 – Kyoto | 2019 - Nova Iorque

- Exposição *Progression: Medalllic art by Japanese artists and Portugal's ANVERSO REVERSO*.

(Participaram Hélder Batista, José João Brito, António Canau, João Duarte, Maria João Ferreira, Vítor Santos, José Simão, José Teixeira + Andreia Pereira)

2019

- Exposição *A World in Your Hand, Recent medalllic art by gallery artists*.

(Participaram Maria João Ferreira, Andreia Pereira, José Simão e José Teixeira)

- Exposição *Condensed Expression, Table-top and small wall sculpture by gallery artists*.

(Participaram Hélder Batista, João Duarte e José Simão)

2017

- Exposição *Grupo Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, na Associação dos Artistas Plásticos do Concelho de Vila Franca, Galeria da Exposições Augusto Bértholo – Alhandra.

(Participaram Hélder Batista, António Canau, João Duarte, José João Brito, José Simão, José Teixeira, Maria João Ferreira, Vítor Santos)

2012

- VI Edição Prémio de Medalha Contemporânea de Sintra – Dorita de Castelo Branco

(Participaram António Canau, Hélder Batista, João Duarte, José Simão, José Teixeira, Paulo Perre Viana, Vítor Santos)

2009

- Exposição do Grupo *Anverso/Reverso* – Medalha Contemporânea, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.

(Participaram Hélder Batista, José João Brito, Maria João Ferreira, Vítor Santos, José Simão, José Teixeira)

2007

- IV Bienal de Medalha Contemporânea – Prémio Dorita Castelo Branco

(Participaram António Canau, Hélder Batista, João Duarte, José João Brito, José Teixeira, Paulo Perre Viana, Vítor Santos)

2004

- Exposição *Eros*, (Exposição de Medalhas Eróticas).

(Participaram Hélder Batista, José Aurélio, José Simão, José Teixeira, Vítor Santos + Álvaro de França)

2003

- II Edição Prémio de Medalha Contemporânea de Sintra – Dorita de Castelo Branco

(Participaram Hélder Batista, João Duarte, Maria João Ferreira, José Teixeira, Paulo Perre Viana, Vítor Santos)

2003

- Exposição *Exercícios sobre o Plano*, Gondomar

(Participaram Álvaro França, Hélder Batista, José Simão, José Teixeira, Vítor Santos)

2001/2002

- II Bienal Internacional de Medalha Contemporânea do Seixal

(Colaboração do Grupo Anverso Reverso)

2002

- Exposição *Exercícios Sobre o Plano*, Galeria CTT, Praça D. Luís, Lisboa.

1999/2000

- I Bienal Internacional de Medalha Contemporânea do Seixal

(Colaboração do Grupo Anverso Reverso)

2000

- Exposição *Exercícios Sobre o Plano*, Galeria Júlio Resende, Gondomar

(Participaram Hélder Batista, José Simão, José Teixeira, Vítor Santos + Álvaro França, Veiga Luís)

1999

- Exposição *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Galeria Municipal Gymnásio, Lisboa

(Participaram Hélder Batista, João Duarte, José Simão, José Teixeira, Maria João Ferreira, Paula Lourenço, Vítor Santos)

- Exposição *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Galeria Municipal de Arte, Barreiro

1998

- Exposição *Anverso/Reverso +3* na Medialia...Rack and Hamper Gallery, Nova York, EUA
- Exposição *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Livraria da Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

(Participaram Hélder Batista, João Duarte, José Simão, Paula Lourenço, Paulo Perre Viana, Vítor Santos)

1997

- Primeira exposição de Medalha Contemporânea, Fórum Cultural do Seixal

(Colaboração do Grupo Anverso Reverso)

- Exposição grupo *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, no Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Exposição grupo *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, na Galeria do Palácio Valenças, Sintra.

(Participaram Hélder Batista, João Duarte, Paula Lourenço, José Simão, Vítor Santos)

1996

- Exposição *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Galeria Municipal de Rio de Mouro, Sintra.
- Exposição *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Galeria de Arte do Museu Municipal de Loures.

(Participaram Hélder Batista, João Duarte, José Simão, Paula Lourenço, Vítor Santos)

1995

- Exposição *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Galeria de Arte dos CTT, Fórum Picoas, Lisboa.
- Grupo *Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea*, Exposição “Motivos”, Almeida.

Anexo IV. Folha de Sala (frente e verso) Exposição Eros (2004)

seis autores
uma frase
seis medalhas
um projecto

Eros

a experiência diversa do olhar

Quantos pensamentos ideias ou sonhos atravessam a obscuridade da mente sem se fixarem no presente não mais que o instante em que fulgem como estrelas cadentes. As imagens carregam consigo o tempo que as revela. À medida que se sucedem ou se esgotam no instante, ou flutuam espectrais revisitando-nos de tempos a tempos, ou se materializam e perdem um pouco mais, até que se dispersem na profundidade do todo e sempre. O prazer de fazer as coisas resulta, em parte, da possibilidade de as integrar no tempo, de lhes conferir uma presença que subsista um pouco mais do que os momentos fugazes em que se fez a nossa imaginação. O tempo que tudo dissolve e recria na metamorfose sucessiva das aparências do real também é o tempo que se renova e

José Teixeira
Out. 2004

ÁLVARO RAPOSO de FRANCA

Nasceu em 1940 em Ponta Delgada, nos Açores. Fez o Curso Complementar de Escultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) e trabalhou no Atelier do Mestre Barata Feyo. Expõe desde 1961 é autor de numerosas medalhas e monumentos públicos.

HELDER BATISTA

Nasceu em 1932 em Vendas Novas. É Professor Associado da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Várias vezes premiado em concursos públicos de escultura e medalhística em Portugal e no estrangeiro é distinguido com prémios internacionais de medalhística como o prémio J. Sanford Saltus da American Numismatic Society, New York.

JOSÉ AURÉLIO

Nasceu em Alcobaca em 1938. Tirou o Curso de Escultura da Escola de Belas Artes de Lisboa (ESBAL). Participou em inúmeras exposições colectivas desde 1958. Vem desenvolvendo novas formas de expressão no campo da medalhística desde 1966. Entre 1969 e 1974 concebeu, construiu e orientou a Galeria Ogiva em Óbidos. Realizou quarenta exposições individuais. Vive e trabalha em Alcobaca desde 1980. É autor de numerosas obras públicas. É detentor de muitos prémios nacionais e internacionais.

JOSÉ SIMÃO

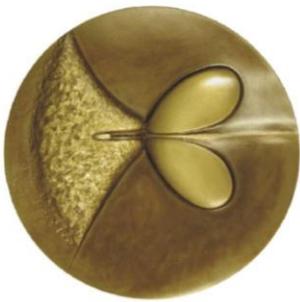
Nasceu em Castelo Branco em 1960. Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Bacharel em Engenharia de Máquinas pelo ISEL. Professor no Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escultor e medalhista. Várias vezes premiado em concursos públicos. Em 1998 foi distinguido com o Prémio para a Melhor Medalha Cunhada, no XXVI Congresso Internacional da FIDEM em Haia.

JOSÉ TEIXEIRA

Nasceu em Angola a 3 de Novembro de 1960. Licenciou-se em Escultura e realizou o Mestrado em Teorias da Arte na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa onde, actualmente, lecciona a cadeira de Artes Plásticas. Como escultor expõe regularmente desde 1980, dedicando-se à medalhística a partir de 1995. Em 2003 realizou duas das moedas comemorativas do Campeonato Europeu de Futebol - Euro 2004.

VITOR SANTOS

Nasceu em Algués em 1946. Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Curso de Desenhador Gravador Litógrafo da Escola António Arroio. Curso de Imagem e Som do Instituto de Formação dos CTT Correios de Portugal. Tem participado em numerosos concursos Nacionais e Internacionais de Medalhística recebendo vários Primeiros Prémios e Menções Honrosas. É o autor da face nacional da moeda - EURO.



José Aurélio, " LASCIVO SALIVO CATIVO ", Vasco Graça Moura



Helder Batista, LEDO ENGANO - As mãos e os lábios vaginais envolvem-se sempre (ou quase) nas curtas e longas fantasias eróticas.



Álvaro França, " a tua cintura moldou-a, o meu braço como um rio " - Pablo Neruda



José Teixeira, P\$ik & P\$ik - ambiguidade de lugares comuns na dualidade do mito.



José Simão, " Na vidraça da janela, A chuva, leve, tinha... " António Botto



Vitor Santos, "ASSIM TODA TE DESTE E ASSIM TODA ME DEI", José Régio

